

**Projeto Pedagógico do Curso de
Bacharelado em Ciências
Sociais**

**Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro-UENF**

Centro de Ciências do Homem-CCH

Campos dos Goytacazes-RJ

Dezembro/2024

Direção Administrativa e Acadêmica da UENF/CCH

Reitora

Profª Drª Rosana Rodrigues

Vice-Reitor

Prof. Dr. Fábio Lopes Olivares

Chefe de Gabinete

Etienne Marques Ambrósio

Secretário Geral

Prof. Dr. Oscar Alfredo Paz La Torre

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Juraci Aparecido Sampaio

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Profª Drª Maria Cristina Canela

Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Prof. Dr. Milton Masahiko Kanashiro

Pró-Reitora de Extensão

Profª. Drª. Deborah Guerra Barroso

Diretor Geral de Administração

Sr. Pedro Cesar da Costa Soares

Diretor da Agência de Inovação

Prof. Dr. Geraldo Marcio Timoteo

Secretaria Acadêmica

Prof. Djalma Souza

Diretor do CCH

Prof. Dr. Geraldo Márcio Timóteo

Coordenador do Curso de Graduação em Ciências Sociais/CCH:

Prof. Dr. Hamilton Garcia de Lima

Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia/CCH:

Profª Drª Rosalee Santos Crespo Istoe

Coordenador do Curso de Graduação em Administração Pública/CCH:

Prof. Dr. Mauro Macedo Campos

Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais/CCH:

Profª. Dra. Joseane de Souza

Coordenador do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política/CCH:

Prof. Dr. David Maciel de Mello Neto

Coordenador do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem/CCH:

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza

Coordenadora do Programa de Extensão do CCH:

Profª Drª Shirlena Campos de Souza Amaral

Chefe do Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado (LESCE)

Prof. Dr. Hugo Alberto Borsani Cardozo

Chefe do Laboratório de Cognição e Linguagem (LCL)

Profª. Drª. Verusca Moss Simoes dos Reis

Chefe do Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico (LEEA)

Prof. Dr. Marcos Antonio Pedlowski

Chefe do Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL)

Profª Drª Eliana Crispim França Luquetti

Chefe do Laboratório de Gestão e Políticas Públicas (LGPP)

Prof. Dr. Nilo Lima de Azevedo

Membros do Colegiado

Prof. Dr. Hamilton Garcia de Lima (Presidente)

Prof. Dr. Hugo Alberto Borsani Cardozo

Prof. Dr. Lacir Jorge Soares

Prof. Dr. Mauro Macedo Campos

Profª Drª. Verusca Moss Simoes dos Reis - Membro Externo

Prof. Dr. Geraldo Márcio Timóteo e Prof. Dr. César Fernando Meurer (Suplentes)

Vinícius Ribeiro Alexandre Junior (Representante Discente) e

Eduard Bizzo Monteiro (Suplente)

Membros do Núcleo Docente (NDE)

Prof. Dr. Hamilton Garcia de Lima – Coordenador do Curso
Prof. Dr. Hugo Alberto Borsani Cardozo - Ex-coordenador do PPGSP
Prof. Dr. Geraldo Márcio Timóteo - Ex-coordenador do Curso
Prof. Dr. Lacir Jorge Soares - Ex-chefe de Laboratório
Prof. Dr. César Fernando Meurer - Membro
Prof. Dr. Mauro Macedo Campos - Membro
Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Junior - Ex-chefe de Laboratório
Prof^a. Dr^a. Verusca Moss Simoes dos Reis - Ex-coordenadora de Extensão (Membro Externo)

Secretaria do Curso de Graduação em Ciências Sociais-CCH

Secretária: Marta Celeste Leandro Sales de Freitas
E-mail da Secretaria: ciso@uenf.br

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
RibeiroAv. Alberto Lamago, 2000 - Parque Califórnia
Campos dos Goytacazes
- RJCEP: 28013-602

www.uenf.br

SUMÁRIO

1. DADOS GERAIS.....	7
2. APRESENTAÇÃO.....	9
3. REFERÊNCIAS DO CURSO	15
4. A PROFISSÃO DE CIENTISTA SOCIAL	21
4.1 Caracterização.....	21
4.2. Regulamentação da profissão.....	22
4.3. Campo de atuação profissional e mercado de trabalho	23
5. PERFIL DO PROFISSIONAL EGRESSO	25
5.1 Perfil Comum	25
5.2 Perfil Específico	26
6. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.....	27
6.1.Descrição	27
6.2 Áreas de formação	28
7. GRUPO DE CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS CURRICULARES.....	29
7.2 Estrutura do curso	34
7.3 Fluxograma do Curso.....	37
7.4 Ementário de disciplinas	38
Vide anexo 1.....	38
8 ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	39
8.1. Monitoria	42
8.2. Iniciação Científica e Desenvolvimento Tecnológico e Inovação.....	42
8.3. Extensão.....	42
8.4. Estágio Supervisionado	46
8.5. Mobilidade Estudantil e Intercâmbio.....	46
8.6. Semana Acadêmica	47
9. AVALIAÇÃO	48
9.1 Avaliação curricular	48
9.2 Avaliação do curso.....	48
10. CORPO DOCENTE	50

11.	ORGANIZAÇÃO DO CURSO	51
12.	INFRA-ESTRUTURA	52
12.1.	Biblioteca	52
12.2.	Salas de Aula.....	56
12.4.	Suporte e manutenção de equipamentos de informática.....	57
12.6.	Auditório Multimídia	57
12.7.	Secretaria do Curso	58
12.8.	Assessoria de Transporte	58
12.9.	Assessoria de Comunicação.....	59
13.	IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO	60
14.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
	ANEXO 1.....	63
	EMENTÁRIO.....	63
	Elenco de disciplinas obrigatórias.....	63
	Elenco de disciplinas optativas-regulares	82
	Elenco de disciplinas optativas	85
	ANEXO 2.....	100
	CORPO DOCENTE DO CURSO E COLABORADORES.....	100

1. DADOS GERAIS

Identificação do Curso e Matriz Curricular

Dados do Curso			
Denominação	Ciências Sociais	Habilitação	Bacharelado
Modalidade	Presencial	Turno	Integral (Matutino/Vespertino)
Regime de Matrícula	Semestral por disciplina	Vagas	30/ano
Título Outorgado	Bacharel em Ciências Sociais	Vigência do PPC	a partir de 2025
Código do e-Mec	38231	Nº Cine Brasil	0312C02

Integralização (em Períodos Letivos)					
Mínimo	8	Regular	8	Máximo	14

Distribuição Carga Horária			
Total do Curso	2.930h	Atividades Acadêmicas Complementares (AAC)	53h
Disciplinas Obrigatórias	1.904h	Atividades Curriculares de Extensão (ACE)	293h
Disciplinas Optativas	680h	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	68h
Total de Exigências Curriculares*	414h	Estágios Curricular Obrigatório (ECO)	-

*Total de exigências curriculares = AAC+ACE+TCC+ECO

Distribuição da Carga Horária de Extensão conforme Resolução MEC No 7 de 2018			
ACE I (Projetos e Programas)	ACE II (Cursos e Eventos)	ACE III (Prestação de Serviços)	ACE IV (Disciplinas Extensionistas)
100h	100h	93h	-

- **NOTA ENADE (2021): 5,0**

- **Formas de ingresso no curso de acordo com as Normas da Graduação vigente:**

I - Processo Seletivo (ENEM, SISU e outros);

II - Transferência Interna e Externa;

III - Reingresso para Portadores de Diploma de Curso Superior;

IV - Ingresso por Convênios e Acordos.

2. APRESENTAÇÃO

A Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF foi criada a partir de um dispositivo de lei, pelo Artigo 49 e respectivos parágrafos do Ato das Disposições Transitórias da Constituição do Estado do Rio de Janeiro de 1989 que previa a instalação de uma universidade no interior do Estado. Foi implementada em 23 de dezembro de 1991, por meio do Decreto nº 17.206 que instituiu a Secretaria Extraordinária de Programas Especiais - SEEPE. A esta Secretaria foi atribuída a responsabilidade de implantação da universidade sob a orientação do Senador Darcy Ribeiro, sendo que pelo Parecer CEE nº 223/93 foi aprovada a carta-consulta e autorizado o funcionamento e a realização do primeiro vestibular.

A reivindicação para implantação de uma universidade pública na região norte fluminense é antiga. Por toda a década de 1960 ocorreram reuniões e debates em torno da idéia com ações de sensibilização. Tal demanda perpassa os anos 70, sendo que em 1974, o Governador Raimundo Padilha, em visita a Campos, apresenta em discurso em praça pública o decreto de criação da Universidade do Norte Fluminense. Porém a proposta não se efetivou.

O reiterado anseio pela instalação de uma universidade na região refletiu o crescimento econômico traduzido numa urbanização precoce e singular, marcada por um notável florescimento cultural expresso pelo importante papel dos profissionais liberais em sua vida social e política, já desde fins do século XIX. A tradição intelectual de Campos levou a elite campista a ansiar por uma retomada do crescimento sócio-econômico e cultural da região nos anos 80, através da implantação de uma universidade. Momento este bastante propício, em 1988 é promulgada a Constituição Cidadã. Logo, no primeiro semestre de 1989, os Estados da federação instalaram suas constituintes para adequar as suas constituições à nova Carta Magna. O Rio de Janeiro, desde abril que já instalara a sua constituinte oferecia oportunidades de inclusão de emendas populares com no mínimo 3.000 assinaturas. O movimento de demanda pela instalação de uma universidade em Campos considerou propícia a ocasião. Reuniões e seminários com adesões de diversas instituições de ensino e serviços, além do apoio da imprensa local levaram a um clima de mobilização da população e de expressivas lideranças o que resultaram num abaixo-assinado com 4.431 assinaturas enviadas à Assembléia Legislativa. A proposta indicava Campos como sede da Universidade Estadual do

Norte Fluminense, aprovada em 26 de setembro de 1989, com duas emendas. Uma estendendo a universidade para os municípios de Itaocara, Itaperuna e Santo Antonio de Pádua. No projeto constava ainda a implantação de um Laboratório de Engenharia de Petróleo em Macaé. A outra emenda incluía a ressalva que se a universidade não fosse regulamentada em lei, de no prazo de 18 meses após a promulgação da nova Constituição, ela seria incorporada à UERJ.¹ (LIMA e ALVES:2003)

Assim, através da Lei nº 1596, de 20 de dezembro de 1989, o presidente da ALERJ autorizava o poder executivo a tomar providências de natureza legal e administrativa necessárias à criação e implantação da Universidade Estadual do Norte Fluminense, nos termos do artigo 49 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. De acordo com esse artigo, caberia ao Estado criar a universidade com sede em Campos dos Goytacazes, no prazo máximo de três anos após a promulgação da Constituição, considerando a instalação dos cursos de Veterinária, Agronomia e Engenharia, nos municípios de Santo Antonio de Pádua, Itaocara e Itaperuna, respectivamente.

Destarte, após muitas lutas que se estenderam por quase trinta anos, os campistas conseguiam garantir a presença da universidade pública na região Norte Fluminense. Em 27 de setembro de 1990, o Governador Moreira Franco em uma solenidade em que participaram estudantes, intelectuais professores, lideranças políticas, pessoas da sociedade campista assina o ante-projeto que seria encaminhando à ALERJ, criando a UENF; sendo que imediatamente é instituída a Comissão Especial pelo Decreto nº 15.590 com o objetivo de realizar estudos preliminares para a implantação da universidade.

Em 16 de outubro de 1990, finalmente, é aprovada por unanimidade pela ALERJ a lei de criação da UENF, sancionada pelo Governador Moreira Franco em 8 de novembro do mesmo ano. "A lei 1740 autorizava o Poder Executivo a criar a Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, com sede em Campos dos Goytacazes, e determinava que a universidade seria dotada de personalidade jurídica de Direito Público, observados os princípios da autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e as disposições constitucionais e legislativas estaduais e federais específicas,

¹ Tramitava na Constituinte uma proposta de emenda com mais de 50.000 assinaturas, em que a UERJ reivindicava o monopólio do ensino superior no Estado do Rio de Janeiro.

bem como sua destinação a funções de ensino, pesquisa e extensão.”(LIMA e ALVES:2003)

Nesse ínterim, a Comissão Especial dava prosseguimento aos trabalhos de organização e estrutura funcional da nova instituição, objetivando a realização de seu primeiro vestibular no início de 1992. Por fim, em 27 de fevereiro de 1991, pelo Decreto 16.357 a UENF é criada e seu Estatuto é aprovado.

Indicado para pensar a universidade, Darcy Ribeiro se mostrou uma personalidade singular; Segundo depoimento da época ele dissera “Eu vou a Campos para fazer a universidade e eu vou fazer da universidade de Campos o meu melhor projeto, porque eu já fiz uma universidade no Brasil e em outras partes do mundo”, ainda segundo afirmação sua; “Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando lutando, como um cruzado, pelas causas que comovem. Elas são muitas, (dentre elas) a universidade necessária.” (LIMA e ALVES:2003)

O modelo de universidade que se implantaria em Campos surgiria do encontro de renomados professores e pesquisadores, de diferentes áreas do conhecimento, convidados por Darcy Ribeiro, além de outras personalidades que se reuniam em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Resta perguntar, mas que universidade Darcy Ribeiro sonhava para o norte fluminense? Encontramos a resposta no Plano Orientador da UENF. Ele objetivava criar a universidade em que a pesquisa, o ensino e a experimentação se interagem em estudos de temas e problemas relevantes para o desenvolvimento do Brasil. “No norte – fluminense, região empobrecida do Rio de Janeiro, surgiria a Universidade do Terceiro Milênio, caracterizada por um novo humanismo fundado nas ciências básicas, nas tecnologias delas decorrentes e em novas questões sobre a vida e sobre o homem que elas estão suscitando.” (LIMA e ALVES:2003)

Destarte, a UENF fundou-se com três Centros: Centro de Ciência e Tecnologia, Centro de Biociências e Biotecnologia, Centro de Ciências Agrárias e Tecnologias Agropecuárias. O Centro de Ciências do Homem – CCH só foi criado em 13 de novembro de 1995 em substituição ao Centro de Humanidades que tinha sido instituído em 1994 e do qual fazia parte o Laboratório de Ciência da Educação e da Comunicação – LACEC, sendo que mais tarde foi desdobrado em três outros projetos de laboratório. Do Centro de Ciências do Homem

faziam parte os cursos de Ciências Sociais e de Ciências da Educação.

Foi autorizada o funcionamento da primeira turma do curso de Ciências Sociais, através das Atas do Conselho Diretor e do Conselho Universitário, em reuniões realizadas, respectivamente, nos dias 30 de setembro de 1994 e 13 de dezembro de 1995. O curso era constituído pelos estudantes selecionados no vestibular de 1995, para o antigo Curso de Educação – Habilitação para o Magistério, do Centro de Humanidades. Neste mesmo ano, foi reestruturado o Curso de Educação, sendo que seu alunado optou pelo Curso de Ciências Sociais, o que foi possível dado o fato de que ambas as grades curriculares tinham um tronco comum de disciplinas nos dois primeiros períodos.

Somente em 1997, através de vestibular, houve previsão de seleção de candidatos para o Curso de Ciências Sociais, sendo que não constava no edital o número específico de vagas para os diversos cursos. As 120 vagas oferecidas contemplavam, de modo geral, todos os cursos da Universidade. Nos vestibulares de 1998 e 1999 foram oferecidas 170 vagas, sendo que 30 destinadas ao Centro de Ciências do Homem, não havendo número específico de vagas para os Cursos de Ciências Sociais ou de Ciência da Educação. Os estudantes optavam por um deles após cursarem o Ciclo Básico Comum.

O Ciclo Básico Comum - CBC - destinava-se a todos os ingressantes da UENF, independentemente do curso escolhido. As disciplinas oferecidas, todas obrigatórias, somavam um total de 36 créditos e deviam ser cumpridas no 1º semestre letivo. O princípio epistemológico e pedagógico do CBC era proporcionar uma formação interdisciplinar dos estudantes, permitindo um olhar holístico tanto sobre a ciência quanto sobre a própria universidade. O Centro de Biociências e Biotecnologia oferecia a disciplina Conhecimento da Natureza. O Centro de Ciência e Tecnologia era responsável pelas ofertas das disciplinas, Matemática e Fundamentos da Ciência da Computação. Ao Centro de Ciências do Homem cabiam as disciplinas Elementos da Propedêutica Básica, Fundamentos do Conhecimento, Conhecimento do Ser Humano e as oficinas de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa. Além disso, os estudantes deviam cumprir créditos com os programas de Atividades Curriculares Suplementares que listavam, entre outros, aulas de Xadrez e de Música Clássica. As disciplinas do Centro de Ciências do Homem visavam oferecer um panorama geral das Ciências Sociais, da Filosofia, da Metodologia, da Psicologia e da História.

Como pode ser constatado, desde 1997, o curso de Ciências Sociais passou por diversas mudanças que levaram a reformulação da matriz curricular as exigências normatizadas ao funcionamento do Curso de acordo com Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro – CEE, e até então não possuía o seu Projeto Pedagógico. A elaboração do documento submetido ao CEE contou com o empenho dos professores Berenice Martins Guimarães, Lana Lage da Gama Lima e Sérgio de Azevedo². O Curso em 2001 foi submetido ao e aprovado pelo parecer CEE nº 178/2001.

O Documento que ora apresentamos, Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelato em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, resulta de uma avaliação que envolveu docentes e discentes do curso durante o ano de 2007 e 2008, atualizado no ano de 2022. Atualmente o curso de Ciências Sociais da UENF têm 80 estudantes matriculados e desde 1999 o curso graduou 247 estudantes, conforme procedimentos executados pela Secretária Acadêmica³.

A presente reformulação curricular, cujo resultado é apresentado neste documento, ocorre no contexto de um processo de reformulação curricular, inserido em um movimento institucional de valorização das atividades de ensino, pesquisa e extensão, em especial dos cursos de graduação com vistas à elaboração do projeto de licenciatura em Ciências Sociais. Esse movimento teve como ponto de partida a observância da grade curricular aprovada em 2001 pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) e reformulada em 2002.

Como procedimento do processo de revalidação do Curso junto ao CEE verificou-se a necessidade de uma nova reformulação da grade vigente desde 2003, com vistas à melhor adequação dos conteúdos programáticos de algumas disciplinas. O esforço por manter indissolúvel a ligação entre teoria e pesquisa com suas múltiplas perspectivas na formação dos estudantes de Ciências Sociais, num quadro de inserção profissional que exige cada vez mais um profissional polivalente, capaz de se inserir em diferentes campos de ação, no fez

² O nosso reconhecimento *in memoriam* a Berenice Martins Guimarães pelo seu trabalho e dedicação a UENF.

³ A Secretaria Acadêmica controla e organiza diversos aspectos da vida dos alunos de graduação e pós-graduação, desde sua matrícula até emissão de diploma. Dentre os serviços desenvolvidos estão: elaboração do calendário acadêmico, lançamento de notas e conceitos, emissão de históricos, programas de disciplinas e certificados de conclusão de curso, manutenção dos registros acadêmicos, inscrições dos editais de transferência, além de levantamentos estatísticos para Reitoria e Pró-Reitorias.

reconsiderar alguns pressupostos que sustentam a atual matriz curricular, principalmente no que concerne a sua atuação em conjunto com a disciplina de estatística. Sob esta perspectiva buscou-se um empenho que requer ao lado do aprendizado teórico, o aprendizado de métodos e técnicas próprios das Ciências Sociais.

Concorre também para impulsionar e respaldar definições importantes desta reformulação a legislação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) proposta e aprovada pelo Conselho Nacional de Educação, que estabelece as diretrizes curriculares nacionais para diferentes cursos de graduação em nível superior, de forma a adequá-los ao disposto na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).

3. REFERÊNCIAS DO CURSO

3.1. Caracterização e Evolução da Área de Ciências Sociais

As Ciências Sociais, conhecimento que engloba a Antropologia, Ciência Política e Sociologia⁴, encontram seu marco de desenvolvimento usualmente associado ao século XIX, século relacionado ao amadurecimento do ímpeto modernizador deflagrado pela Renascença europeia. Portanto, as Ciências Sociais se constroem na busca por explicações, através de pesquisas e teorias que visam compreender a sociedade a partir de seus próprios elementos, numa lógica discursiva imanente. As instituições, os seus agentes, a produção da cultura, são compreendidos a partir de suas objetivações e regularidades, não sendo analisados por algum fator externo e de natureza diversa, como no caso do pensamento metafísico ou do pensamento religioso.

Todavia podemos propor, com Bottomore (1970) e Giddens (1997), uma demarcação em “períodos”, em um sentido não evolucionista, para compreendermos o desenvolvimento das Ciências Sociais. Como toda narrativa de “atribuição de sentido”⁵, este tipo de periodização é, evidentemente, passível de crítica. Mas, ainda assim, ela pode nos servir para tornar mais didática esta apresentação e para trazer à tona uma noção processual da história das Ciências Sociais. Bottomore (Op. Cit.) arrisca dizer que as protoformas das ciências da sociedade podem ser encontradas em seus primeiros esforços no período compreendido entre 1750 e 1850, portanto ainda antes do século XIX, tendo em paralelo a Revolução Francesa e a primeira Revolução Industrial (GIDDENS, 2005). A este momento Bottomore (Idem) chama de “pré-história” das ciências da sociedade, onde se encontram as primeiras condições intelectuais e materiais para o seu estabelecimento. Como elementos constituintes desta “pré-história” Bottomore elenca um quadrilátero intelectual que alicerça a nova forma de pensar a sociedade, dado que o pensamento social não é exatamente uma novidade⁶. Para ele, as ciências da sociedade, enquanto via de pensamento original sobre a sociedade, encontram seus primeiros elementos sócio-cognitivos na seguinte constelação de “formas de pensar”

⁴ Note-se que há outras “ciências da sociedade” como a história, psicologia, economia, etc.. Mas, academicamente no Brasil chamamos oficialmente de Ciências Sociais as três listadas.

⁵ Giddens (1997), em diálogo implícito com Anderson (2008), afirma que assim como as comunidades humanas as disciplinas igualmente são “imaginadas”, tendo suas narrativas próprias, nem sempre coincidentes, assim como constituem seus “mitos de origem” visando conferir sentido simbólico à sua existência.

⁶ Vide o pensamento mítico e a filosofia antiga como primeiras formas de pensar sistematicamente sobre a realidade em geral e, também, sobre a sociedade. Para uma leitura propedêutica ver Marcondes, 2001, capítulo 1.

(BRANDÃO, 2005):

- a) Eclosão da filosofia política como via de pensamento sobre o Estado em uma perspectiva altamente secularizada;
- b) Nos “historiadores filosóficos” (Giambattista Vico e depois Georg W. Hegel) com suas noções de “progresso” e tipos sociais determinados;
- c) O evolucionismo biológico;
- d) O reformismo político e social e as primeiras práticas de surveys, visando monitorar os “problemas sociais” emergentes.

Portanto, é razoavelmente consensual que as ciências da sociedade se constituem a partir do esforço eclético de pensadores⁷ vinculados tanto ao “socialismo utópico”, como Claude-Henri de Rouvroy (1760-1825), Marquês de Saint-Simon, ou simplesmente herdeiros diretos do legado iluminista reformista, como Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat (1743-1794), o Marquês Condorcet, que se colocavam tanto a elaborar as “leis” gerais do funcionamento da sociedade, quanto buscavam a compreensão das regularidades encontradas na sociedade e pensavam normativamente os problemas do industrialismo emergente. Portanto, é no somatório da aposta no progresso e no reformismo social que esta nova forma de pensar se forja. Não por acaso, a chamada “pré-história” das Ciências Sociais, tal como demarcada por Bottomore, se inicia com o *Esprit des Lois* do Barão de Montesquieu (1689-1755), tendo a sua última edição revisada pelo autor em 1750, findando com o término da publicação das obras de Auguste Comte (1798-1857) e o início das de Herbert Spencer (1820-1903), no transcorrer da década de 1850. Nos dois últimos pensadores é passível se encontrar marcas do evolucionismo e, também, a determinação de leis gerais do funcionamento da sociedade. Todavia, é com o francês Augusto Comte que o termo “sociologia” é apresentado pela primeira vez.

⁷ Bourdieu dentre nossos “clássicos contemporâneos” não se enquadraria, como sua autobiografia aponta (Cf. BOURDIEU: 2005), em apenas um ramo profissional das humanidades, se autodefinindo como um “pensador”. Desta forma o termo “pensador”, em seu sentido *lato* é utilizado analogamente aqui para identificar um autor que transita desde a filosofia, passando por outras tantas áreas de conhecimento.

Giddens (1997) assinala um elemento de complexidade nos debates após esta “pré-história”, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. Inspirado na leitura do sociólogo norte-americano Talcott Parsons (1902-1979), teríamos uma geração de pensadores, que atuam entre 1890 e 1920, e seriam responsáveis por tornar as Ciências Sociais um empreendimento academicamente seguro. Isto poria sobre os ombros, dentre outros, de Émile Durkheim (1858-1917) e de Max Weber (1864-1920), os ônus e bônus das novas disciplinas. No vácuo histórico entre a “pré-história” (1750-1850) como aponta Bottomore (Op. Cit.) e a institucionalização da disciplina (1890-1920), como pontua Giddens com base na sistematização parsoniana, teríamos o limbo dos “precursores” onde Parsons relega Karl Marx (1818-1883).

Todavia, as Ciências Sociais constituem-se, no entendimento consensuado a partir da década de 1970, como uma disciplina formada por “clássicos” e não simplesmente por pioneiros e fundadores, dado que temáticas pretéritas nem sempre são descartadas no desenvolvimento de suas disciplinas. Após a dominância paradigmática, em um sentido ortodoxo, tal como proporia o físico Thomas Kuhn (2006), da obra do próprio Parsons entre o pós-guerra e a década de 1970, que operou hegemonicamente na Sociologia, chegamos a uma outra configuração autocompreensiva: as Ciências Sociais, com sua diversidade epistemológica e composta por variadas tradições, apresenta-se inspirada, com maior ou menor evidência, em autores que são considerados clássicos⁸. Disto resulta uma relativa quebra da significação neoevolucionista onde podemos encontrar as plurais expressões epistemológicas de um panteão de clássicos relativamente restrito e, por vezes, controverso⁹.

Desta maneira, em anexo à história e aos fundadores das disciplinas, em um processo complexo apenas sumariamente descrito, teríamos o assentimento de que, particularmente na Sociologia, teríamos três clássicos relacionados ao processo de autocompreensão e de dotação de sentido para a disciplina e seu fazer cotidiano: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Mesmo essa “tríade” não é exatamente um consenso, dado que há a inegável presença de

⁸ “Os clássicos, eu afirmaria, são fundadores que ainda falam para nós com uma voz que é considerada relevante. Eles não são apenas relíquias antiquadas, mas podem ser lidos e relidos com proveito, como fonte de reflexão sobre problemas e questões contemporâneas” (GIDDENS, 1997: 15).

⁹ Não são poucas as menções a nomes para além dos de Marx, Durkheim e Weber. Werner Sombart, Gabriel Tarde, Ortega y Gasset, dentre outros, em diferentes momentos são lembrados como prováveis “injustiçados” deste seletivo panteão de clássicos.

Georg Simmel na Sociologia americana elaborada na “Escola de Chicago”, além de outras fontes e pensadores apresentados de forma difusa. De toda forma, sob a referência de “clássicos”, Karl Marx é um dos autores de importância capital, sendo inclusive ponto de partida para elementos e teorias elaboradas tanto por Durkheim quanto por Weber, posteriormente. Os últimos dois autores, sendo de se destacar, fizeram esforços institucionais notáveis, sendo insuficiente entendê-los apenas como teóricos. Podemos ressaltar a criação da primeira cadeira de Sociologia na França por Durkheim, a criação dos *Année Sociologique* (periódico da área em atividade até o presente momento) e, na empresa weberiana, a mudança de direcionamento do periódico *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*¹⁰ que produziu o clássico texto “A ‘objetividade’ do conhecimento nas Ciências Sociais”, em 1904, onde há a preocupação premente em demarcar o campo de atividade do cientista social e seus valores fundantes (WEBER, 2006).

Em relação ao primeiro autor clássico, Karl Marx, temos a apresentação conceitual de elementos que ainda hoje são revisitados como capital, trabalho, modo de produção, ideologia, etc.. Nos outros dois clássicos estudos sobre a moral, função social, anomia, religião, a educação, em Durkheim, e, em Weber, a ação social, os valores, tipos ideais, se entrelaçam numa biografia academicamente produtiva, fazendo avançar as Ciências Sociais em um sentido institucional. Decerto este esforço, que não deve ser tomado de maneira isolada, será fundamental para os futuros desenvolvimentos das Ciências Sociais em diferentes partes do mundo. As “tradições” decorrentes da conexão do pensamento desses autores, acrescido de Georg Simmel, irão apresentar a miríade de tendências, disputas no campo e concepções de mundo durante o decorrer de todo o século XX. Funcionalismo, marxismo, sociologia compreensiva, estruturalismo, sistemismo, interacionismo simbólico, teoria da dependência, “teoria crítica”, individualismo metodológico, etnometodologia, sociologia fenomenológica e os seus diferentes subgêneros, dialogarão ou repelirão os preceitos epistemológicos, ontológicos e metodológicos conectados com os “clássicos” ou mesmo diferentes e produtivas reinterpretações, como o caso particular da “Escola de Frankfurt”, dentre outros exemplos e sínteses teóricas que realizarão a união, aparentemente

¹⁰ Arquivo para Ciência Social e política social.

improvável, entre pontos diametralmente diversos¹¹.

De toda forma, mesmo sendo um conjunto de ciências jovens, o que fez com que o antropólogo Radcliffe-Brown afirmasse, na década de 1950, que as ciências da sociedade humana “estavam em sua primeira infância” (Radcliffe Brown apud Bottomore, 1970: 14), a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política, detêm produção intelectual reconhecida para além de seus círculos especializados. Como apontaria Giddens (1991), as Ciências Sociais encontram-se em uma situação de “dupla hermenêutica”, pois não é pouco comum encontrarmos na grande e na pequena mídia a aplicação, ainda que certamente diluída, de conceitos como classe, Estado, etc. Portanto, as Ciências Sociais, de alguma forma, povoam o imaginário social, sobretudo na sua relativa popularização no século XX.

Ainda institucionalmente, hoje as Ciências Sociais possuem suas organizações e sociedades propriamente acadêmicas¹², em diferentes escalas de associação (regional, nacional, transnacional), com a realização de Congressos com regularidade e impacto na comunidade científica mais ampla. Em acréscimo, após o esforço dos “fundadores”, e não somente dos clássicos, evidentemente, as Ciências Sociais possuem um vasto número de periódicos editados¹³, além de manterem um mercado editorial consolidado voltado para o público especialista como para o leitor não especialista interessado.

No Brasil, as Ciências Sociais se estabelecem na década de 1930 a partir de um duplo movimento: a criação do primeiro curso de Sociologia do país, no ano de 1933 na cidade de São Paulo; pelo impacto das obras, em claro tom ensaístico, de autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Particularmente estas obras, embora indubitavelmente situadas em um outro momento das Ciências Sociais no Brasil e mesmo com dificuldades metodológicas insanáveis, auxiliaram a construir a auto-imagem do país (CARDOSO, 1993),

¹¹ A este “movimento” Jeffrey Alexander alcunhou de “novo movimento teórico” (1987), onde estariam situados autores que quebram dicotomias como “ação e estrutura” ou unidades de análise consagradas como “indivíduo e sociedade”.

¹² Dentre as mais atuantes: International Sociological Association (ISA), World Council Of Anthropological Associations (WCAA), International Political Science Association (IPSA), com suas variantes brasileiras (Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS; Associação Brasileira de Antropologia – ABA; Associação Brasileira de Ciência Política – ABCP). Cabe ressaltar que há cientistas sociais atuando constantemente, como interlocutores privilegiados, em reuniões de associações e sociedades científicas outras, dentro e fora da grande área de humanidades.

¹³ Segundo levantamento realizado ainda no início da década de 1990, 4.326 periódicos inscreviam-se na “área de Ciências Sociais” (Narvaez-Berthelebot & Russel: 2001).

fazendo com que, gradativamente, o discurso sociológico passasse e gozar de status interpretativo privilegiado sobre a sociedade, dado que até a década de 1950 a literatura era a via preferencial para este tipo de exercício reflexivo (BRANDÃO, 2005).

Embora seja prudente fazer a ressalva de que já existisse um gênero de pensamento político-social, apresentando uma miríade de “formas de pensar”, tendo por marco literário a primeira sistematização, por Silvio Romero, deste “gênero” na segunda metade do século XIX.

Após a instalação das Ciências Sociais em terras brasileiras, que contou com inegável influência estrangeira em seus primeiros momentos, observamos que a Antropologia, a Ciência Política e a Sociologia, hoje contam com cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação, tendo seus profissionais atuação tanto no setor público quanto no setor privado. Da mesma maneira que consideramos a profissão de sociólogo, regulamentada juridicamente desde a década de 1980, temos, para além dos marcos jurídicos, a atuação dos cientistas sociais em pesquisas puras e aplicadas sobre diversos aspectos da sociedade brasileira. Tais pesquisas e estudos vêm contribuindo de maneira direta ou indireta em debates sobre o Estado, democracia, desenvolvimento, questão social, entre outros temas em consonância com as diversas linhagens de pensamento aqui produzidas em diálogo original com a produção estrangeira e a análise empírica local.

Em Campos dos Goytacazes, as Ciências Sociais inserem-se institucionalmente no final do século XX, particularmente no ano de 1998, conforme mencionado anteriormente, e após o desmembramento do curso de Educação decorrente da reforma no currículo da graduação da UENF (LIMA E ALVES, 2003: 48). Após 11 anos de funcionamento, os egressos do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro encontram-se atuando nos mais diversos Programas de Pós-Graduação no Brasil e no exterior, contando com aprovação em concursos públicos para as Ciências Sociais, além de terem inserção crescente em atividades de consultoria e demais trabalhos especificamente técnicos na área pública e privada.

4. A PROFISSÃO DE CIENTISTA SOCIAL

4.1 Caracterização

O cientista social estuda a sociedade de uma perspectiva Antropológica, da Ciência Política e Sociológica. A seguir estão apresentadas as principais linhas de atividades de cada uma das especializações:

Antropologia: A Antropologia tem como foco de estudo os fenômenos sociais por meio da análise das relações simbólicas de ordem cultural os quais permitiriam apreender a sua inteligibilidade no âmbito dos contextos diversos de sua manifestação. Tem como principais áreas de atuação tanto a etnologia (voltada predominantemente para populações indígenas e/ou tribais) quanto o estudo de grupos populacionais específicos no contexto da sociedade moderna e contemporânea, de acordo com recortes teórico-metodológicos e/ou temáticos diversos (antropologia urbana, antropologia da educação, antropologia da saúde, entre outras).

Ciência Política: A Ciência Política tem suas atividades voltadas para o estudo do Estado e do poder. Sob esta perspectiva tem como foco (e especializações) as instituições (governo, legislativo, partidos, regras institucionais) e o comportamento político (eleições, opinião pública, movimentos políticos e sociais). Volta-se também as idéias políticas (ideologia e cultura política), bem como as relações internacionais e a política comparada.

Sociologia: A Sociologia focaliza os estudos das relações sociais na sociedade moderna e contemporânea. Tendo como pais fundadores autores tão diversos entre si como Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel. A Sociologia desde seu início é constituída por modelos e paradigmas de análise competitivos que estruturaram tradições teóricas tanto de cunho macro-sociológicas quanto microsociológicas. O seu campo de estudo, como na Antropologia e Ciência Política, possui diversas especializações e técnicas de pesquisa e abordagens que requerem formação específica.

4.2. Regulamentação da profissão

A profissão de sociólogo aparece classificada em 1952, pela Organização Internacional do Trabalho – OIT, mas, no Brasil, seu reconhecimento ocorreu em período posterior. No final da década de 1960, um grupo de sociólogos paulistas buscou constituir uma associação profissional, tendo em vista a necessidade de lutar pela regulamentação da profissão e a delimitação do campo de atuação profissional. Data desta época a formação da “Comissão Pró-Formação da Associação de Sociólogos do Estado de São Paulo – ASESP, que objetivava levantar informações e dados sobre a categoria, possibilitando por conseguinte a mobilização de diversos profissionais, contando com apoio de demais sociólogos e acadêmicos, assim como outros segmentos da sociedade. Em 10 de agosto de 1971, foi criada a referida Associação, que consistiu em uma órgão de suma importância para o reconhecimento da profissão.

O primeiro projeto de lei, visando regulamentar a profissão de sociólogo, foi apresentado ao Congresso em 1961, pelo deputado paulista Anis Badra. Esse projeto, em 1963, recebeu substitutivo do deputado gaúcho Brito Velho. Após tramitação legal, foi aprovado o projeto de lei, mas, ao ser encaminhado à sanção presidencial, recebeu veto total do então presidente, Marechal Castelo Branco, alegando indefinição da área de atuação do sociólogo.

Em decorrência do veto presidencial, vários grupos de diversos segmentos de atuação profissional, envolvendo sociólogos, professores e estudantes de Ciências Sociais, iniciou-se nova discussão e elaboração de novos projetos, desde 1967. Sendo que, em 1975 um dos projetos apresentados recebeu parecer favorável da Comissão de Constituição e Justiça e em 10 de dezembro de 1980, por meio da Lei nº 6888, foi reconhecida a profissão de sociólogo. Em 15 de dezembro de 1983, pela Portaria nº 3230, do Ministério do Trabalho, a profissão foi enquadrada ao grupo do Plano da Confederação Nacional dos Profissionais Liberais – CNPL. O decreto nº 89531, de 05 de abril de 1994, regulamentou a lei supra-referida.

Contrariamente a legislação de regulamentação de outras profissões, a dos sociólogos não inclui a criação dos Conselhos Profissionais Federais e Estaduais. Com a inexistência deles, o registro profissional é realizado na Delegacia Regional de Trabalho – DRT, ou, em

sua falta, em órgão competente que a substitua. Como no caso de outras profissões, o Código de Ética Profissional é observado a partir de uma resolução do Conselho Federal.

4.3. Campo de atuação profissional e mercado de trabalho

Os cientistas sociais podem exercer inúmeras atividades, tanto no setor público quanto no setor privado. No campo de atuação estão basicamente a pesquisa, docência, assessoria, consultoria e planejamento, atividades que envolvem inúmeras questões relacionadas aos recursos humanos organizacionais, meio ambiente, ação coletiva, direitos humanos, planejamento urbano e relações internacionais, dentre outros.

São exemplos mais específicos de atividades exercidas pelos cientistas sociais as seguintes: operar com pesquisa social, pesquisa de mercado, pesquisa de opinião e sondagens; elaborar análises sociais para órgãos públicos, empresas privadas, sindicatos, partidos políticos, organizações não governamentais (ONGs) e outras instituições voltadas à ação coletiva; sistematizar/gerir informações diversas; produzir diagnósticos sócio-econômicos; elaborar projetos de planejamento e de desenvolvimento para instituições e governos; avaliar e indicar rumos político-organizacionais para empresas; assessorar a elaboração de políticas públicas e candidaturas a cargos públicos e corporativos; assessoria de movimentos sociais; exercer atividades acadêmicas como professores e/ou pesquisadores universitários.

No que se refere às condições de trabalho junto às empresas, o cientista social trabalha em horário regular, geralmente em equipe, com profissionais de outras áreas, como, por exemplo, estatística, urbanismo, economia, pedagogia, assistência social.

Em relação às empresas privadas, as pesquisas, assessorias e consultorias são pontuais e de modo geral exigem retorno imediato. Nota-se um crescimento das oportunidades no setor de pesquisa de opinião pública. Observamos a contratação de profissionais para atuar nas áreas de “marketing” e recursos humanos. Em épocas eleitorais, surgem boas chances de trabalho de consultoria para partidos políticos. O mercado editorial também tem sido uma opção, com a expectativa de aumento das publicações de jornais e periódicos, para os quais o trabalho de cientistas sociais tem sido requerido. No caso das ONGs, tem ocorrido frequentes

reavaliações de sua estrutura, parcerias, terceirização em decorrência de agências de fomentos. Quanto ao setor público, as contratações de modo geral se dão no âmbito das universidades e centros de pesquisa, como também e no junto a órgãos governamentais em funções técnicas e de planejamento.

Apesar do mercado de trabalho ser ainda restritivo, é incontestável a presença cada vez maior dos cientistas sociais nos debates sobre os problemas da realidade social e política do país, nos organismos de pesquisa, nos meios de comunicação, nas universidades, nos órgãos governamentais e no cenário político nacional.

5. PERFIL DO PROFISSIONAL EGRESSO

5.1 Perfil Comum

O Curso de Graduação em Ciências Sociais da UENF objetiva uma formação teórico-metodológica sólida, tanto no que condiz à sua fundamentação em torno dos três campos disciplinares que compõem o curso - Antropologia, Ciência Política e Sociologia -, quanto a uma formação humanística mais ampla, que propicie ao estudante o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade analítica necessária ao desempenho das suas atividades profissionais. O projeto acadêmico visa, assim, a formação de cientistas sociais que sejam intelectualmente capazes de articular a reflexão teórica e conceitual sobre os fundamentos numa perspectiva sócio-cultural, política, histórica e econômica da realidade social brasileira e mundial, com a análise empírica de seus desdobramentos contemporâneos em diferentes conjunturas.

O cientista social formado na UENF deve estar capacitado a desempenhar funções públicas como também atividades profissionais, seja no âmbito da academia, do Estado, do mercado ou do chamado Terceiro Setor. Atividades estas que requeiram capacidade de questionamento crítico; de observação e análise de tendências sociais; de formulação de diagnósticos, diretrizes, propostas e cenários prospectivos, bem como estratégias de planejamento e gestão relacionadas a políticas públicas ou demandas sociais, envolvendo problemas de relevante interesse político, social, científico e cultural.

O curso de Ciências Sociais visa oferecer aos discentes, sob o prisma mais amplo de seu Projeto Pedagógico, uma formação envolvendo os seguintes aspectos:, i) a Formação para a Pesquisa, com o objetivo de fornecer-lhes fundamentação e treinamento teórico-metodológico para atuarem em atividades de pesquisa, seja na carreira acadêmica ou fora dela, como agentes produtores, divulgadores e debatedores de novos conhecimentos no âmbito das Ciências Sociais e áreas afins; ii) a Formação para o Mercado de Trabalho, buscando desenvolver competências reflexivas, analíticas e técnico-instrumentais, valorizadas em diferentes áreas no mercado de trabalho, tais como: ensino superior; planejamento de políticas públicas; serviços de consultoria e assessoria junto a empresas (públicas e privadas), organizações governamentais e não governamentais, partidos políticos, movimentos sociais, sindicais e similares; gestão qualitativa de recursos humanos; composição e análise de

pesquisas de mercado; ação comunicativa reflexiva em mídias; elaboração de indicadores sociais e análise de políticas públicas junto às instituições públicas, privadas e ONGs.

5.2 Perfil Específico

A formação em Ciências Sociais envolve capacidade de reflexão e aquisição de conhecimentos em diversas disciplinas de caráter teórico e metodológico, abrangendo três áreas básicas de domínio específico (a Antropologia, a Ciência Política e a Sociologia), as quais se somam conhecimentos complementares em áreas de domínio conexo como História, Economia, Filosofia, Psicologia, Estatística e Geografia.

O Curso envolve ainda um núcleo de formação livre, dentro do qual o discente pode cursar disciplinas de aprofundamento das áreas de conhecimento que correspondam a interesses acadêmicos-profissionais específicos (ênfase formativa) ou possam contribuir para a sua formação humanística mais ampla.

A formação nas áreas de domínio específico abrange teorias clássicas e contemporâneas, bem como, as contribuições mais relevantes das Ciências Sociais brasileira. A formação metodológica envolve o aprendizado de métodos e técnicas de pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, por meio da inserção do alunado em grupos e projetos de pesquisa, assim como a elaboração da Monografia de Conclusão de Curso (TCC), que lhes possibilite oportunidades de treinamento adequado.

6. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

6.1. Descrição

O profissional formado pelo Curso de Ciências Sociais além de adquirir a capacidade de entendimento da realidade sócio-antropológica e política deverá também desenvolver as capacidades críticas de caráter teórico e conceitual, bem como metodológico e/ou instrumental. A capacitação do Bacharel em Ciências Sociais visa o desenvolvimento de habilidades de abstração, racionalidade e imaginação científica, assim como a criatividade no equacionamento de situações complexas e diversificadas.

Entre as competências podemos elencar:

- as competências teórico-conceituais que abrangem capacidades analíticas, interpretativas, argumentativas e discursivas, cujo desenvolvimento dar-se-á basicamente por meio da formação teórica nas disciplinas clássicas e contemporâneas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia, às quais se somam a contribuição de disciplinas de outras áreas de domínio conexo como História, Economia, Metodologia/Estatística, Filosofia, Psicologia e Geografia. O estudante deverá adquirir para tal o domínio da bibliografia básica teórica e metodológica;
- o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade analítica própria ao seu desempenho profissional no sentido de investigar, expor e debater questões teóricas e metodológicas no campo das Ciências Sociais bem como dos problemas científicos, políticos, sociais e culturais da vida social brasileira e internacional contemporânea;
- demonstrar competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social, por meio do compromisso ético com as informações e dados de pesquisa coletados referentes a problemas de natureza sociológica, política ou cultural que afetam populações ou grupos sociais definidos.

As competências e habilidades de caráter metodológico e instrumental são as que envolvem aspectos estratégicos ou instrumentais das Ciências Sociais, entre as quais se

destacam a capacidade de;

- formular e desenvolver pesquisas pertinentes e relevantes ao campo de investigação da Antropologia, da Ciência Política e da Sociologia e também na interface com outras áreas de conhecimento;
- conhecer os diversos métodos de análise produzidos no âmbito das Ciências Sociais buscando articulá-los de acordo com a sua pertinência ao objeto de pesquisa;
- desenvolver competência técnica para coleta, processamento e análise de dados e indicadores sociais diversos.

6.2 Áreas de formação

O profissional bacharel em Ciências Sociais está habilitado a atuar em agências de pesquisa, órgãos públicos, empresas e organizações não-governamentais (ONGs), desenvolvendo atividades de pesquisa e planejamento, análise de dados, assessoria, consultoria e prestação de serviços na área específica de sua formação.

7. GRUPO DE CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS CURRICULARES

O curso de Ciências Sociais é oferecido em horário integral (matutino & vespertino) no formato presencial, comportando oferta complementar de disciplinas optativas em formato remoto/EaD até 20% de sua carga horária total no curso, apresentando uma estrutura curricular orientada para o desenvolvimento da capacitação analítica, interpretativa e de intervenção na realidade.

Considerando as orientações das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Ciências Sociais, Parecer 1363/01 - CES de 12 de dezembro de 2001, o curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, tem a duração mínima de 04 anos e máxima de 7 anos, de acordo com a estrutura curricular contabilizada sob a forma de créditos (Resolução CNE/CES Nº 02/2007), período no qual as Exigências Curriculares também deverão ser cumpridas.

A atual estrutura curricular possui o eixo de formação específica e complementar por meio de conteúdos disciplinares de caráter teórico, prático e metodológico, tanto obrigatórios quanto optativos, sendo 1.836 horas de disciplinas obrigatórias e 680 horas de optativas, somando **2.516 horas disciplinares** (vide quadros 7:1-4). A este total se acrescentam 53 horas de Atividades Acadêmicas Complementares (AACs, vide art. 165 das Normas de Graduação da UENF), 68 horas de TCC e 293 horas de Atividades Curriculares de Extensão (ACE, vide RESOLUÇÃO COLAC UENF 20/2022), somando **414 horas de Exigências Curriculares**, totalizando **2.930 horas**.

As disciplinas teóricas visam à leitura, interpretação e análise das principais correntes teórico-metodológicas das Ciências Sociais por área de conhecimento - Antropologia, Ciência Política e Sociologia - além das áreas complementares.

As disciplinas teóricas obrigatórias previstas incorporam temáticas consideradas centrais na formação dos estudantes nas três áreas de concentração específicas das Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia - , fundamentadas no pensamento clássico e contemporâneo, e problematizadas nos seus pressupostos epistemológicos.

Congregam também disciplinas obrigatórias de Formação Geral: História, Economia,

Metodologia/Estatística, Filosofia, Psicologia e Geografia.

As disciplinas de caráter metodológico - Estatística e Metodologia -, mais diretamente relacionadas à área de pesquisa e Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), buscam fornecer sólida formação em pesquisa, oferecendo ferramentas necessárias à atuação acadêmica e elaboração/execução de projetos de pesquisa de caráter variado, essencial para o desenvolvimento profissional em institutos de pesquisa, organizações não governamentais, órgãos públicos, etc., trabalhando sobre os banco de dados disponíveis em metodologias de pesquisa social.

Destarte, as disciplinas de teoria e metodologia fornecerão embasamento necessário para introduzir os estudantes na prática da pesquisa, possibilitando, sob a orientação de um docente, tanto o desenvolvimento da Monografia (TCC) quanto das atividades de Iniciação Científica e Extensão.

As disciplinas optativas visam ampliar tematicamente o campo abrangido pelo curso, com disciplinas enriquecedoras da formação central (antropologia política, sociologia do direito, política internacional, etc.), ao mesmo tempo que aprofundar algumas de suas sub-áreas com abordagens específicas (associativismo comunitário, partidos políticos, história regional, etc.) de modo a proporcionar ao estudante uma especialização temática registrada no diploma como *ênfase formativa profissional*. Tendo em vista tais objetivos, e visando fortalecer as disciplinas centrais do curso, buscar-se-á a oferta regular de disciplinas optativas suplementares em Política (V), Sociologia (V), Antropologia (V) e Metodologia Aplicada, sempre que houver disponibilidade de docentes nessas áreas.

Com o mesmo intuito, os discentes serão encorajados a cursar disciplinas optativas, inclusive no formato de verão, em outras IES (*mobilidade pontual*) – na forma presencial, remota ou EaD determinada pelas Normas de Graduação da UENF (art. 29) e por este PPC – cujo aproveitamento será feito de acordo com o Capítulo V (DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS) do mesmo regimento, de modo a suplementar o curso em temas conexos de seu interesse, especialmente os não cobertos pelo corpo docente da UENF, com limites análogos aos estabelecidos pelas Normas de Graduação no caso de Aluno Especial (art. 66) e pré-requisito instituído neste PPC.

As disciplinas instrumentais, de caráter estritamente técnico, abrangendo métodos de pesquisa, ciência social aplicada e outras profissionalizantes, serão cursadas como optativas na grade do curso, enquanto as de formação básica/aperfeiçoamento (método de estudo, leitura, produção de texto e língua estrangeira), salvo determinação expressa, poderão ser cursadas como eletivas.

Na elaboração do TCC, espera-se a realização do projeto de pesquisa ou experimentação, no campo específico da especialidade (ênfase) escolhida pelo estudante, sob a coordenação de um professor orientador, com a apresentação escrita dos resultados e sustentação oral perante banca especializada no tema abordado. Deve-se também observar as condições para o cumprimento do cronograma nos prazos previstos, a valorização da produção individual do estudante e seu acompanhamento visando a sistematização do objeto de estudo – quer no âmbito da Iniciação Científica ou na disciplina (instrumental-optativa) de Projeto de Monografia&Experimentação, a ser oferecida tendo em mente os discentes sem IC/orientador. O TCC será cumprido como Exigência Curricular conclusiva do curso, sob a coordenação de um Orientador, como reza as Normas de Graduação.

Desta forma, a organização curricular propõe uma matriz que considera importante o equilíbrio entre a autonomia dos estudantes na composição da grade do curso e o fornecimento de conteúdo necessário para uma boa formação em Ciências Sociais. Em consonância com esta autonomia, institui-se a possibilidade do estabelecimento de *ênfases formativas* no diploma a partir da demanda dos formandos com base em suas escolhas feitas no decorrer do curso em componentes curriculares ligados à Antropologia, Ciência Política, Sociologia e Metodologia de Pesquisa, ou combinação pertinente deles, segundo as Normas de Graduação (art.12), levando-se em conta também o TCC, a iniciação científica e o estágio supervisionado não-obrigatório.

Para se alcançar estes objetivos, a Coordenação de Curso deve zelar pela oferta coerente das disciplinas presentes na grade curricular, de acordo com os pré-requisitos estabelecidos pelos Professores em cada componente, oferecendo também aos ingressantes condições de acompanhamento do curso por meio de uma disciplina instrumental-optativa para o nivelamento às exigências do nível superior (*Introdução ao Estudo Universitário*) – induzida por prazo indeterminado a este público, até a elevação da média das notas do ENEM no curso

–, além de orientar os estudantes em dificuldade para cumprir a matriz curricular a buscarem o acompanhamento de um orientador *ad hoc* como previsto nas Normas de Graduação (RODA, Cap. VII)

A matriz curricular, nos quatro primeiros semestres do Curso (vide mais abaixo), está concentrada nas disciplinas obrigatórias, específicas e complementares, da formação básica (Antropologia, Ciência Política e Sociologia). A partir do 5º semestre, o estudante terá condições de escolher disciplinas optativas que lhe permitirão determinar a *ênfase* de sua formação dentre as três áreas acima citadas, mais Pesquisa Aplicada, complementando sua formação acadêmica inclusive com disciplinas oferecidas por outros cursos de graduação da UENF e de outra IES (*mobilidade pontual*).

Nestas disciplinas, estão contempladas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais, para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Lei No 9.394/96, com a redação dada pelas Leis No 10.639/2003 e N° 11.645/2008, e da Resolução CNE/CPN° 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP No 3/2004), e para a Educação em Direitos Humanos (Parecer CNE/CP N° 8, de 06/03/2012 e Resolução CNE/CP N° 1, de 30/05/2012), além do ensino de Libras (Decreto 5.626/2005) e de educação ambiental (Lei 9.795/1999 e ao Decreto 4.281/2002).

7.1 Carga horária total:

A carga horária total do Curso de Ciências Sociais é de 2.930 horas, a serem integralizadas da seguinte forma:

Atividades	Carga horária
Disciplinas Obrigatórias	1.836 horas-aula
Disciplinas Optativas	680 horas-aula
Disciplinas Eletivas	0 horas-aula
Carga horária disciplinar	2.516 horas-aula
UENF001- TCC	68 horas
UENF002- Atividades Acadêmicas Complementares	53 horas
Subtotal	2.637 horas
UENF010 - Atividades Curriculares de Extensão I UENF011 - Atividades Curriculares de Extensão II UENF012 - Atividades Curriculares de Extensão III	293 horas
Carga horária final	2.930 horas

7.2 Estrutura do curso

1º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
LES04101	Sociologia I	68	-
LES04107	Antropologia I	68	-
LEA04201	Metodologia I	68	-
LES04102	Política I	68	-
LES041001	História I	68	-
LCL04523	Introdução ao Estudo Universitário*	34	-

*Carga horária de optativa induzida aos ingressantes

2º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
LEA04102	Economia I	68	-
LEA042002	Metodologia II	68	Metodologia I
LES042001	História II	68	História I
LEA04205	Geografia I	68	-
LCL04101	Filosofia	68	-

3º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
LES04104	Sociologia II	68	Sociologia I
LES041002	Introdução às Metodologias Quantitativas	68	Metodologia II
LES04106	Política II	68	Política I
LEA04103	Geografia II	68	Geografia I
LES04105	Antropologia II	68	Antropologia I

4º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
LES04203	Sociologia III	68	Sociologia II
LEA04204	Economia II	68	Economia I
LES042002	História III	68	História II
LES04205	Política III	68	Política II
LES04204	Antropologia III	68	Antropologia II

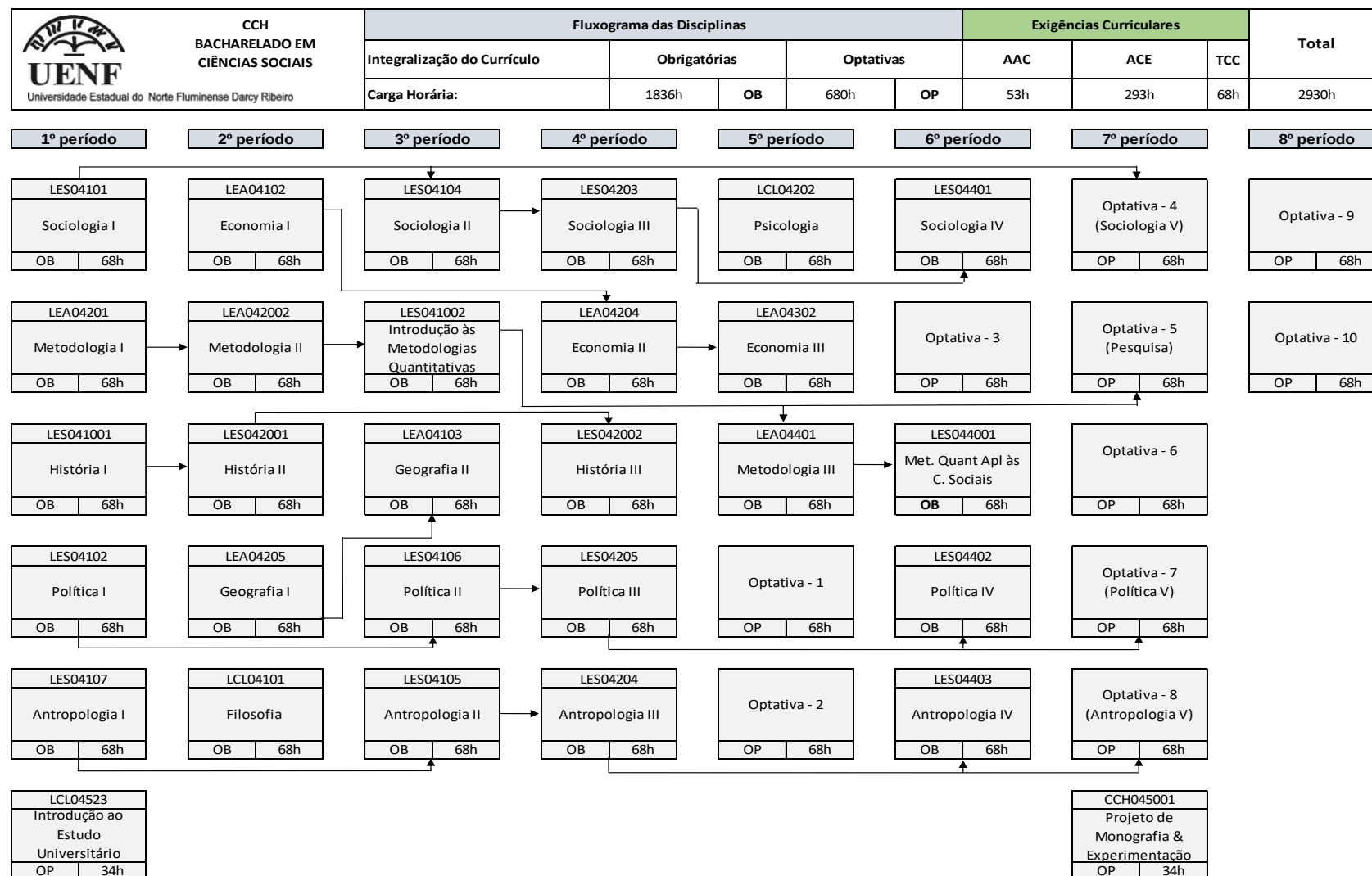
5º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
LEA04401	Metodologia III	68	Introdução às Metodologias Quantitativas
LEA04302	Economia III	68	Economia II
LCL04202	Psicologia	68	-
	Optativa-1	68	
	Optativa-2	68	

6º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
LES04401	Sociologia IV	68	Sociologia III
LES04402	Política IV	68	Política III
LES04403	Antropologia IV	68	Antropologia III
LES044001	Métodos Quantitativos Aplicados às Ciências Sociais	68	Metodologia III
	Optativa-3	68	

7º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
	Optativa-4 (Soc.V) * Carga horária de optativa sugerida aos que pretendem ênfase em Sociologia.	68	Soc. I
	Optativa-5 (Pesq.) * Carga horária de optativa sugerida aos que pretendem ênfase em Pesquisa Aplicada.	68	Introdução às Metodologias Quantitativas
	Optativa-6	68	
LES04504	Optativa-7 (Pol.V) * Carga horária de optativa sugerida aos que pretendem ênfase em Política.	68	Pol. III
	Optativa-8 (Ant.V) * Carga horária de optativa sugerida aos que pretendem ênfase em Antropologia.	68	Ant. III
CCH045001	Projeto de Monografia e Experimentação * Carga horária de optativa sugerida aos estudantes sem IC.	34	-

8º Período			
Código	Disciplina	C. H.	Pré-Requisitos
	Optativa-9	68	
	Optativa-10	68	

7.3 Fluxograma do Curso



7.4 Ementário de disciplinas

Vide anexo 1

8 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

De acordo com novas Diretrizes Curriculares definidas para o Curso de Ciências Sociais, o alunado deverá percorrer uma trajetória não restrita à organização curricular¹⁴. O estudante deve buscar uma formação complementar em atividades acadêmicas, profissionais e de formação, oferecidas na UENF e fora dela, que fortaleçam a carreira profissional vinculada à formação específica.

Entende-se como fundamental o estímulo ao envolvimento dos estudantes em atividades acadêmicas e profissionais como o objetivo de contribuir para suas formação, indo tais atividades da participação em projetos de pesquisa à atividades sob responsabilidade dos alunos (Semana Acadêmica, Empresa Júnior, etc.), passando pela iniciação científica, cursos certificados, projetos/atividades de extensão credenciados, monitoria, estágios supervisionados em empresas e órgãos públicos/privados, entre outras, a serem aprovadas pela Coordenação de Curso, somando 53 horas de Atividades Acadêmicas Complementares (AAC) (tabela abaixo) cumpridas obrigatoriamente como previsto nas Normas de Graduação (Capítulo XI).

¹⁴ “...o curso é um percurso que abre um campo de possibilidades com alternativas de trajetórias e não apenas uma organização curricular”. Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Ciências Sociais: Antropologia, Ciência Política, Sociologia (Parecer CNE/CES 492/2001).

Critérios para contabilização das horas de AAC:

Atividade Acadêmica Complementar	Hora (por participação)	Limite	Documento comprobatório
Cursos extracurriculares (de interesse da área de formação) com no mínimo 20 horas de duração	5 horas por curso	20h	Atestado, certificado, ou declaração emitida e assinada pelo responsável pela organização do curso.
Minicursos (de interesse da área de formação) com menos de 20 horas de duração	2 horas por curso	10h	Atestado, certificado, ou declaração emitido e assinado pelo responsável pela organização do curso.
Monitorias acadêmicas	20 horas por monitoria, por semestre	40h	Termo de outorga assinado e relatório de atividades, com aprovação do supervisor.
Estágio	Tempo de duração do estágio	80h	Atestado, certificado, ou declaração emitida pelo responsável pela organização do curso ou pela Instituição anfitriã.
Participação em Projeto de Iniciação Científica como bolsista (remunerado ou sem remuneração) aprovado em edital do PIBIC.	Tempo de duração do Projeto	80h	Termo de outorga assinado e relatório de IC, com aprovação do professor orientador.
Visita técnica	Tempo de duração da visita técnica	15h	Atestado, certificado, ou declaração emitida pelo responsável pela organização do curso ou pela Instituição anfitriã.
Participação, como expositor de trabalho, em congressos e seminários da área.	2 horas por exposição	10h	Certificado de apresentação de trabalho emitido e assinado pelo responsável pela organização do evento
Participação, como ouvinte, em congressos e seminários da área.	4 horas por evento	20h	Certificado de participação emitido e assinado pelo responsável pela organização do evento.
Participação em Cine-Debate	1 horas por evento	10h	Certificado de participação emitido e assinado pelo responsável pela organização do evento.

Participação, como ouvinte, em defesas de monografias, dissertações e teses.	2 horas por evento	10h	Certificado de participação emitido e assinado pelo responsável pelo Presidente da Banca ou pela coordenação do curso.
Participação como moderador de mesa de evento científico (seminários, congressos, fóruns)	2 horas por evento	4h	Certificado de moderador/coordenador de mesa emitido e assinado pelo responsável pela organização do evento.
Representação estudantil (conselhos universitários, colegiado de curso, centros acadêmicos, representante de turma, dentre outros)	4 horas por semestre	12h	Atestado, certificado, ou declaração emitida e assinada pelo presidente do conselho.
Participação, como ouvinte, em palestras.	2 horas por evento	12h	Atestado, certificado, ou declaração emitida e assinada pelo responsável pela organização do evento.
Publicação de capítulo de livro em co-autoria com professor orientador	10 horas por capítulo	20h	Cópia da capa, contracapa e sumário do livro e da página inicial do artigo, com nome explícito dos autores.
Publicação de resumo expandido em co-autoria com professor orientador, em anais de evento científico	5 horas por resumo	15h	Cópia da capa, contracapa e sumário dos anais e da página inicial do resumo expandido, com nome explícito dos autores.
Publicação de resenhas em Periódicos	5 horas por resenha	15h	Cópia da capa, contracapa e sumário do periódico e da página inicial da resenha, com nome explícito do autor.
Publicação de artigo completo em co-autoria com professor orientador, em anais de evento científico	10 horas por artigo	30h	Cópia da capa, contracapa e sumário dos anais e da página inicial do artigo, com nome explícito dos autores.
Publicação de artigo em periódicos em co-autoria com professor orientador.	20 horas por artigo	40h	Cópia da capa, contracapa e sumário do periódico e da página inicial do artigo, com nome explícito dos autores.

8.1. Monitoria

Objetiva-se com a monitoria propiciar ao estudante uma experiência em atividades de graduação na UENF, com vistas a despertar a vocação acadêmica e possibilitar trocas de experiências entre professores e estudantes.

A monitoria, remunerada ou voluntária, poderá ser computada na carga horária de AAC para integralização curricular.

8.2. Iniciação Científica e Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

A experiência do alunado com a pesquisa acadêmica e social, e o desenvolvimento de tecnologias sociais inovadoras, se fará por meio de disciplinas específicas, em projetos individuais de Iniciação Científica (PIBIC) e Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), Monografia (TCC), projetos coletivos envolvendo professores e técnicos nos Laboratórios, e outros Programas e Núcleos da UENF, tendo por base o exercício crítico-dialogal da sala de aula e suas atividades, permitindo a elevação da competência intelectual dos discentes ao longo do Curso.

Em casos de Iniciação Científica e Tecnológica externa aos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação da UENF (PIBi-UENF), caberá ao professor-orientador informar à Coordenação de Curso o vínculo do estudante enquanto bolsista.

8.3. Extensão

O foco central do projeto pedagógico do Curso de Ciências Sociais e da sua estrutura curricular, considera o processo de construção do saber em interação permanente com a realidade social e seu potencial de experiências, a serem vivenciadas pelos estudantes.

Partindo desse referencial e em consonância com as diretrizes de Extensão da UENF, baseadas no Plano Nacional de Extensão Universitária (Resolução CNE/CES 7/2018), busca-se, nas *atividades de extensão* planejadas, estruturadas e executadas, desde as disciplinas até os projetos/programas de extensão, passando pelos laboratórios, que os estudantes compartilhem e difundam seus conhecimentos específicos com a sociedade e o Estado, bem como consolidem tais conhecimentos no entendimento e fundamentação viva dos conceitos e teorias apreendidas nas atividades de ensino, complementando seu aprendizado nos desafios

da práxis, em conexão direta com os componentes curriculares do curso, sob a supervisão/orientação de professores e profissionais das respectivas áreas de conhecimento (Resolução COLAC/UENF 20/2022).

Em termos práticos, e seguindo as normas e protocolos correntes da UENF, as horas de extensão das disciplinas, além de oferecidas como disciplinas (tipo 4 da tabela abaixo) também poderão ser oferecidas como atividades de extensão (tipo 1, 2 e 3 da tabela abaixo) realizadas, a qualquer tempo, e lançadas como Exigências Curriculares no histórico acadêmico. No caso das disciplinas obrigatórias-básicas do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), as horas de extensão só poderão ser cumpridas como Exigências Curriculares (tipo 1 da tabela abaixo), de modo a preservar a carga teórica base do curso.

Nestes termos, os estudantes poderão, a qualquer momento, solicitar aos Professores e TNS.s *atividades de extensão* (tipo 1 da tabela abaixo) a partir de disciplinas cursadas, cujas propostas, baseadas no escopo teórico das respectivas matérias, deverão ser detalhadas e encaminhadas, por um desses profissionais, à Coordenação de Curso para aprovação e encaminhamento à PROEX para cadastramento.

Critérios para contabilização das horas das ACES:

Tipo de ACE	Atividade de Extensão Universitária	Carga horária	Mínimo	Documento comprobatório
Tipo 1: Projetos e Programas	Participação em atividades de extensão ligadas a projetos ou programas de extensão integrados à matriz curricular do curso, como bolsista de extensão ou voluntário aprovados em editais PROEX.	100 horas por semestre	-	Termo de outorga e relatório de atividades com ciência e aprovação do coordenador do projeto.
	Participação em atividades de extensão ligadas a projetos isolados ou sob demanda cadastradas na PROEX. Obs: horas de extensão em atividades cadastradas por professores/TNS.s.	25 horas por projeto	25 horas	Atestado, certificado ou declaração emitida pelo responsável pela organização do projeto.
Tipo 2: Cursos e Eventos	Participação na organização de cursos de formação ou atualização de público-alvo específico no formato presencial ou remoto.	25 horas por evento organizado	25 horas	Atestado, certificado, ou declaração emitida pelo responsável pela organização do curso.
	Participação na organização de eventos (palestras, encontros, exposições, jornadas, seminários, simpósios, workshops, mostras, e congressos) para a formação ou atualização de público alvo específico no formato presencial ou remoto.	20 horas por dia de duração do evento	20 horas	Atestado, certificado, ou declaração emitida pelo responsável pela organização do curso.
	Eventos diversos para a popularização da ciência em espaços não formais de ensino (feiras de ciências, debates científicos, etc.)	20 horas por dia de duração do evento	-	Atestado, certificado, ou declaração emitida pelo responsável pela organização do evento.

	Participação em comissão organizadora de campanhas ou programas sociais.	5 horas por dia de evento	-	Declaração de participação emitida pelo profissional ou setor responsável pela atividade.
Tipo 3: Prestação de Serviços	Capacitação supervisionada em eventos para profissionais da rede pública.	20 horas por aula	-	Declaração de participação emitida pelo profissional ou setor responsável pela atividade.
	Assessoria ou consultoria em atividades ou serviços para públicos-alvo específicos. Obs: horas de extensão em empresa júnior.	10 horas por atividade	20 horas	Declaração de participação emitida pelo profissional ou setor responsável pela atividade.
	Atendimento ao público em espaços de cultura, ciência e tecnologia.	10 horas por atividade	-	Declaração de participação emitida pelo profissional ou setor responsável pela atividade.
	Participação em organização e/ou redação de jornal ou informativo sociocultural, científico-tecnológico do curso ou da UENF, podcast, vídeos, lives, etc.	5 horas para cada edição	-	Edições do jornal ou informativo contendo explicitamente o nome do aluno na equipe organizadora ou redatora.
Tipo 4: Atividades de extensão disciplinares	Atividades de extensão ligadas a disciplinas cursadas com sucesso. Obs: horas de extensão contadas em disciplinas.	Carga horária mínima de 10% da disciplina	-	Validação de resultado pelo profissional responsável pela atividade.

8.4. Estágio Supervisionado

O estágio deverá ser realizado em instituições conveniadas com a UENF que propiciem ao estagiário desempenhar atividades relacionadas com a prática profissional das Ciências Sociais.

Embora não obrigatório, o estágio deve ser valorizado na formação acadêmico-profissional do alunado de Ciências Sociais, sendo creditado como AAC. Nesse caso, os estágios deverão se submeter à Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 e os regulamentos da UENF, conforme Resolução n.º 002/2006 do Colegiado Acadêmico, observando-se a apresentação e aprovação de relatórios técnicos e acompanhamento individualizado durante o período de realização das atividades de estágio.

8.5. Mobilidade Estudantil e Intercâmbio

Considera-se importante incentivar a mobilidade estudantil e o intercâmbio com instituições de ensino de excelência, no Brasil ou exterior, com o objetivo de proporcionar ao estudante de Ciências Sociais o enriquecimento e ampliação de sua experiência acadêmica e vivência cultural, além de propiciar a aproximação entre docentes de diferentes centros universitários e seus projetos de pesquisa e extensão, gerando resultados benéficos para todos os envolvidos.

A mobilidade estudantil deve ser implementada também sob a forma *pontual*, de modo a oferecer o acesso dos estudantes a disciplinas optativas/eletivas de outras IES – a serem validadas pelo Colegiado de Curso sob os critérios regimentais já citados, tendo em mente sua contribuição formativa para o discente – que possam enriquecer sua formação em paralelo à grade curricular da UENF. Neste caso, não haverá necessidade de convênio de intercâmbio, apenas a exigência do curso ofertante da disciplina ter nota mínima 3 (três) no ENADE, que a proposta seja aceita pelo Colegiado de Curso e, em caso de dúvida sobre a natureza/qualidade da disciplina cursada, seja aplicada uma avaliação específica a critério do Professor encarregado pela posterior equivalência.

Em sua forma convencional, a Mobilidade Estudantil e o Intercâmbio dos estudantes do Curso de Ciências Sociais devem estar de acordo com as Resoluções definidas no Colegiado Acadêmico n.º. 001/2007 e demais procedimentos da Câmara de Graduação e colegiados da UENF.

Atualmente o curso de Ciências Sociais tem participado dos convênios internacionais

com a Universidad Nacional de Colômbia (UNACIONAL) e a Universidade Nova de Lisboa.

8.6. Semana Acadêmica

A Semana Acadêmica é um evento institucional previsto no calendário da UENF, devendo ser promovido pelos estudantes com apoio da Pró-Reitoria de Graduação e da Coordenação de Curso de graduação da UENF, caracterizando-se como espaço de integração, interlocução e interdisciplinaridade.

O evento, aberto à sociedade, deverá reunir discentes, docentes e técnicos acadêmicos da UENF, bem como de outras instituições, em torno de atividades científicas, artísticas e culturais, convergentes com o aperfeiçoamento profissional-cultural de todos os envolvidos.

9. AVALIAÇÃO

9.1 Avaliação curricular

Em consonância com as Diretrizes Curriculares estabelecidas pelo Parecer CNE/CES 583/2001, aprovado em 04/04/2001 para os cursos de graduação, os estudantes serão submetidos à avaliação periódica, conforme programação de cada componente curricular, sendo ela uma avaliação contínua e diversificada ao longo do semestre letivo, com a utilização de instrumentos tais como fichamentos, resumos, resenhas, seminários, participação e discussão em aula, provas escritas ou orais sobre as unidades programáticas, quando cabível ao componente, em consonância com as Normas da Graduação da UENF.

Tais instrumentos desempenham a dupla função de, por um lado, possibilitar ao discente a construção, individual e coletiva, de uma visão concatenada sobre as temáticas abordadas/enfrentadas no componente curricular, enquanto, de outro, permitem ao docente conhecer o desenvolvimento dos estudantes no decorrer do processo, ensejando à ambos o tempo necessário para as devidas ações corretivas. As atividades complementares, exigidas em alguns casos, se darão no âmbito do RODA (Regime de Observação do Desempenho Acadêmico), de acordo com a Normas mencionadas.

9.2 Avaliação do curso

Com base no Regimento Geral da UENF e demais normas, a Coordenação do Curso de Ciências Sociais (COOCISO), em conexão com seus colegiados, terá papel relevante no acompanhamento e avaliação continuada do curso, quer por meio de reuniões periódicas com o Colegiado de Curso (COLCISO) – onde a representação estudantil tem assento –, quer por discussões específicas no âmbito de seu Núcleo Docente Estruturado (NDE) e de outras instâncias, como Laboratórios, Conselho de Centro, Câmara de Graduação, Comissões *ad hoc*, e também com os estudantes e seu Centro Acadêmico – quando houver.

Concebemos a avaliação do curso como um processo de contínuo diálogo entre professores e estudantes, tanto em sala de aula, como nos colegiados, e, para seu sucesso, é preciso que a Coordenação de Curso possa acompanhar o cotidiano letivo, seja em diálogo com os discentes e suas representações, seja com os docentes por meio do acompanhamento do Programa de Trabalho da Disciplina (PTD) entregue aos estudantes no início do semestre letivo, de modo a permitir o planejamento do aluno, a transparência nas formas de avaliação, entre outros tópicos expressos nas Normas de Graduação (art. 38).

Por meio do acompanhamento do PTD, a Coordenação terá elementos para, *em tempo real*, propor mudanças e adequações ao ementário da disciplina, além de poder corrigir eventuais discrepâncias entre a programação docente, o PPC e as Normas de Graduação, de modo a prevenir conflitos e evitar prejuízos à formação dos alunos.

Instrumentos complementares, como avaliações semestrais feitas com docentes e discentes, por meio de questionários, cotejados com as avaliações do Enade e das Comissões de Avaliação do INEP, também deverão ser mobilizados pela Coordenação para tal fim.

10. CORPO DOCENTE

O atual corpo docente do curso de Ciências Sociais (Anexo 2) é composto por professores do quadro permanente, com dedicação exclusiva, membros dos Laboratórios da UENF, especificamente do CCH. Também integram o corpo docente, professores vinculados ao Programas de Apoio ao Ensino, de acordo com a Resolução do Colegiado Acadêmico nº 002/2008, Pesquisador de Apoio Acadêmico, conforme Resolução do Conselho Universitário n.º 002/2006, além do Auxiliar de Ensino para estudantes de Pós-Graduação da UENF, conforme Resolução do Colegiado Acadêmico nº 006/2005.

11. ORGANIZAÇÃO DO CURSO

Assim como nos demais cursos de graduação da UENF, as atividades didático-científicas do curso de Curso de Ciências Sociais são acompanhadas por uma Coordenação regulamentada pelo Regimento Geral da UENF, sob a chefia de um Coordenador e o apoio de uma Secretaria, tendo como instância deliberativa um Colegiado e propositiva/consultiva um Núcleo Docente Estruturado (Resolução CONAES N° 1, de 17/06/2010).

12. INFRA-ESTRUTURA

12.1. Biblioteca

A Biblioteca possui acervo das Áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. Localiza-se no prédio do CCH e conta com um quadro de pessoal de 1 Bibliotecário, 4 servidores técnicos administrativos e 3 bolsistas. O atendimento ao usuário é realizado de segunda à sexta-feira das 08 às 20h.

Descrição do espaço

Na Recepção há um balcão de atendimento, com computador e programa para registro e controle da circulação de publicações e 90 guarda-volumes. Há também um 1 terminal de consulta à base de dados, permitindo acesso por autor, título, assunto com a respectiva localização nas estantes.

A Coordenação da biblioteca fica localizada na entrada, facilitando a visibilidade quanto à movimentação e ao atendimento. Neste ambiente é feito o tratamento técnico do material bibliográfico e/ou sua destinação. Acervos de fitas de vídeo, DVD's, CD's também estão armazenados neste ambiente.

A Sala de Estudos fica localizada também na entrada e é muito utilizada, pois permite o acesso dos usuários munidos de seus pertences, com 8 mesas de estudo em grupo e 3 mesas de estudo individual.

A Sala de Acesso à Internet objetiva atender a comunidade universitária (docentes, discentes e servidores) do Centro, para realização de pesquisas, possui bancadas com 10 cabines, 10 cadeiras acolchoadas e com rodas. Atualmente conta com 11 computadores e 1 scanner. Dois computadores estão mais acessíveis para portadores de necessidades especiais, onde estão instalados programas que permitem o acesso de pessoas com deficiência visual.

Possuímos também um espaço para exposição artística no corredor da Biblioteca e uma estante expositora de periódicos.

A Coleção de obras raras compõe a história da região, publicações fora de edição, bem como primeiras edições de autores brasileiros. O empréstimo não é permitido, somente consulta na mesma sala.

No setor de Referência estão dispostos dicionários, enciclopédias e atlas de fácil visualização e acesso, com 4 mesas de estudo individual.

O Acervo de livros possui 202 estantes contendo 29.282 volumes de livros, com acesso bilateral, com indicação de boa visibilidade quanto à localização das áreas temáticas, em ambiente claro e climatizado. Este ambiente possui extintor de incêndio e também estão dispostas 02 mesas retangulares, 6 mesas redondas com 4 cadeiras cada, 9 mesas de estudos individuais e 2 estantes expositoras de livros recém adquiridos.

O Acervo de Ebooks, através da assinatura da Plataforma “Minha Biblioteca”, atende todas as áreas do conhecimento. A busca e o acesso aos ebooks estão disponíveis no catálogo online da Biblioteca, Terminal Sophia Web (<https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/9688>).

O Repositório Institucional inclui, além de teses, dissertações, TCCs, artigos de periódicos, capítulos de livros e ebooks do CCH.

A Hemeroteca possui 83 estantes com revistas acondicionadas em caixas com visores e 9 cabines para estudo individual.

Política de Atualização do Acervo

A partir das ementas das disciplinas, sugestões de chefes de laboratórios e professores.

Serviços oferecidos

- Empréstimo Domiciliar
- Empréstimo Especial
- Serviços de Reservas
- Empréstimos entre Bibliotecas
- Consulta Local
- COMUT
- Serviços de alertas de novas aquisições
- Internet
- Orientações ao uso do Portal de Periódicos da CAPES
- Espaço para acesso à vídeos e CDs
- Divulgação de Livros e revistas no Facebook e no setor
- Normatização de trabalhos científicos
- Elaboração de fichas catalográficas
- Levantamento Bibliográfico

- Renovações de empréstimo de livros e reservas de livros emprestados pela Internet

Sistema de Empréstimo

A inscrição na biblioteca é permitida para os membros do corpo docente, discente, funcionários, bolsistas e estagiários da UENF.

Documentos necessários: Comprovante de matrícula (aluno), Contracheque (servidores), Termo de Outorga/Contrato (bolsistas e estagiários) e Carteira de identidade.

A inscrição do leitor é válida para retirar obras em qualquer Biblioteca setorial da UENF. As normas de funcionamento e empréstimo ficam disponíveis também no site da Biblioteca.

Empréstimo Domiciliar

Cada usuário poderá ter em seu poder no máximo 05 volumes (04 volumes por empréstimo domiciliar e 01 por empréstimo especial). Membros do Corpo Docente poderão dispor de 10 volumes (9 por empréstimo domiciliar e 01 por empréstimo especial).

O prazo de empréstimo é de 20 dias corridos para discentes e funcionários e 30 dias para docentes. O empréstimo é intransferível.

A renovação do prazo de empréstimo é permitida caso a obra não esteja reservada para outro usuário. A solicitação para renovação deve ser feita no máximo até a data da devolução. As obras em atraso não podem ser renovadas. A renovação, só poderá ser feita mediante apresentação da publicação ou direto no nosso catálogo online. O atraso na devolução das obras implicará na suspensão do direito do usuário. Para cada dia corrido de atraso será computado 01 dia corrido de suspensão.

Empréstimo Especial

Periódicos, Teses, Dissertações, Monografias devem ser devolvidas no mesmo dia do empréstimo.

Empréstimo Especial de Livros

O Empréstimo Especial é feito no último dia útil antes dos finais de semana ou feriados e só poderá ser feito com uma hora antes do fechamento da Biblioteca e deve ser devolvido no próximo dia útil, até uma hora após a abertura da mesma.

O atraso na devolução de obras emprestadas através do Empréstimo Especial implicará em suspensão dobrada, ou seja, para cada dia de atraso, 2 dias de suspensão.

Empréstimo entre Bibliotecas

De itens não existentes no acervo, entre Bibliotecas Cooperantes.

Reserva

Para publicações emprestadas podem ser feitas reservas. A obra reservada ficará à disposição do usuário pelo prazo de 48 horas. Findo este prazo, a reserva será anulada.

No caso de reservas múltiplas para uma mesma publicação, será obedecida a ordem cronológica dos pedidos. A reserva também pode ser feita pela Internet.

COMUT

As bibliotecas da UENF fazem parte do sistema COMUT, o que significa o acesso ao acervo bibliográfico disponível em outras bibliotecas nacionais ou internacionais para obtenção de cópias de artigos de periódicos, teses, anais e capítulos de livros, atualmente com envio em PDF, por email, respeitando o direito autoral.

Serviços de alertas de novas aquisições

É um serviço que pode ser a pedido ou selecionado pelo próprio usuário ao fazer o login no sistema. Consiste em receber alertas de livros que são recentemente inseridos na base de dados conforme o assunto/interesse previamente selecionado pelo usuário ou pelo atendente.

Portal de Periódicos da Capes

Orientações ao uso do Portal. www.periodicos.capes.gov.br

Treinamento de Usuários

Para uso e funcionamento dos serviços da biblioteca.

Busca Bibliográfica

Ao acervo da biblioteca e ao Portal de periódicos da CAPES.

Ficha Catalográfica

Elaboração de fichas catalográficas de teses e dissertações, trabalhos científicos desenvolvidos no CCH e livros editados pela EdUENF.

Normatização Bibliográfica

Orientação quanto à aplicação das regras e padrões da ABNT para dissertações, teses, artigos de periódicos e trabalhos científicos.

Consulta ao Catálogo Terminal Sophia Web

Local e pela internet. Informações a respeito do acervo e serviços oferecidos pela biblioteca são fornecidas também por telefone, e-mail, local e rede social (Facebook).

Equipamentos para uso de Consulentes

• Terminais de consulta para acesso ao catálogo	01
• Terminais para acesso a Internet	11
• Televisores	01
• Aparelho de DVD <i>player</i>	01
• Scanner de mesa	01

12.2. Salas de Aula

As salas de aula destinadas ao Curso de Ciências Sociais estão situadas nos prédios do CCH e da Reitoria (E1). Todas as nossas salas de aula possuem quadro para aulas expositivas e aparelho de Smart-TV, que pode se conectar a outros equipamentos eletrônicos para reprodução de som e vídeo. Essas salas apresentam dimensões e acústica adequadas para atender aos discentes, com iluminação adequada. Já existem condições para a climatização das salas de aula, aguardando contratação de empresa para instalação de aparelhos de ar condicionado. Com relação à limpeza das salas de aula, diariamente é realizada por empresa contratada e os pequenos reparos em equipamentos elétricos, quando necessários, são realizados por profissional do próprio CCH. Ainda temos a Assessoria de Manutenção da Prefeitura da UENF para solicitação de serviços pertinentes.

12.3. Sala de informática para a Graduação

O Centro de Ciências do Homem possui uma sala de informática para suporte a(o)s aluno(a)s do Curso de Ciências Sociais. Conta com recursos para edição de textos, navegação na web, criação de homepages, elaboração de apresentações multimídia, criação de bases de dados, transferência de arquivos, entre inúmeros outros.

A UENF disponibiliza e-mail institucional e acesso a internet aos estudantes cadastrados. A sala de informática pode ser utilizada para elaboração de trabalhos acadêmicos, comunicação com professores, aluno(a)s e outras pessoas, pesquisa bibliográfica em bases de dados especializadas, consulta a revistas científicas eletrônicas e exploração de novas tecnologias de informação, dentre outras possibilidades. A sala de informática, com capacidade para mais de 20 computadores, será melhorada com a instalação de novos equipamentos de qualidade já recebidos.

12.4. Suporte e manutenção de equipamentos de informática

Contamos com a Gerência de Informática (GINFO) para manutenção dos equipamentos e suporte em geral, composta por uma equipe de funcionários técnicos administrativos e informáticos que asseguram a operação dos sistemas e equipamentos patrimonializados.

12.5. Unidade Experimental de Som e Imagem

A Unidade Experimental de Som e Imagem (UESI) é um espaço laboratorial pertencente ao Centro de Ciências do Homem da UENF dedicado à formação, produção e gestão audiovisual. A UESI funciona como núcleo de documentação, informação e memória institucional focalizado no registro, divulgação e popularização do mundo acadêmico, da ciência e das tecnologias elaboradas dentro da universidade, contribuindo na promoção e resgate da cultura, das artes e dos saberes locais. Atua no apoio e na instrumentalização pedagógica de disciplinas curriculares em nível de graduação e pós-graduação e no âmbito da extensão, na formação continuada nas artes do vídeo, imagem e mídia digital.

12.6. Auditório Multimídia

O CCH possui um Auditório com 88 assentos, equipamentos audiovisuais e mobiliários próprios, iluminação adequada e climatização. O auditório multimídia é destinado a eventos extracurriculares como palestras, seminários, defesas de Monografia,

reuniões dos grupos de pesquisa e outras atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Também contamos com dois miniauditórios, com equipamentos audiovisuais. Ambos, localizados em frente ao Laboratório de Gestão e Políticas Públicas, têm capacidade para alocar 80 pessoas. Os miniauditórios são separados por uma divisória móvel. No caso de realização de evento que necessite mais espaço devido ao maior número de participantes, os transformamos em uma unidade pela ampliação, movendo as divisórias retráteis.

12.7. Secretaria do Curso

A Secretaria do Curso de Ciências Sociais possui instalação em uma sala no térreo do prédio do CCH, com computador, telefone, equipamentos e mobiliário específicos ao desenvolvimento das funções administrativo-pedagógicas. A Secretaria tem, entre outras atribuições, o assessoramento administrativo da Coordenação de Curso, a organização e manutenção do arquivo de documentos relacionados ao Curso, o atendimento a(o)s aluno(a)s e professores em horários estabelecidos pela Coordenação, a divulgação aos aluno(a)s do Curso das ofertas de atividades curriculares complementares e demais informações de interesse da graduação.

12.8. Assessoria de Transporte

O Curso de Ciências Sociais conta com o apoio da Assessoria de Transportes da UENF – ASTRAN para traslado, de professores e estudantes em atividades de trabalho de campo, pedagógicas, participação em congressos, seminários, palestras e outros eventos acadêmicos, assim como também para professores convidados a participar de bancas de Monografia e eventos acadêmicos promovidos pela Universidade.

A equipe da ASTRAN ainda oferece transporte para atividades de apreciação artística orientadas por docentes, profissionais acadêmicos e administrativos, tais como teatro, concerto, cinema, visita a exposições, museus e bienais regionais e nacionais.

A ASTRAN conta com a seguinte frota de veículos:

- 01 caminhão Agrale (carroceria fechada)
- 02 caminhões Agrale Sprinter, sendo 01 baú e 01 carroceria seca
- 09 automóveis com capacidade para até 4 passageiros

- 04 micro-ônibus com capacidade para 30 passageiros
- 01 ônibus com capacidade para 44 passageiros.
- 02 utilitários com carroceria com capacidade para 01 passageiro
- 07 utilitários com carroceria com capacidade para 04 passageiros
- 01 van executiva com capacidade para 09 passageiros
- 01 van com capacidade para 15 passageiros
- 01 van com capacidade para 17 passageiros

12.9. Assessoria de Comunicação

A Assessoria de Comunicação da UENF - ASCOM é responsável pela geração de todo tipo de material informativo sobre a Universidade — incluindo publicações jornalísticas, como o Informativo da Universidade e a Revista Nossa UENF, peças publicitárias ou promocionais, além de administrar o conteúdo do Portal da UENF, atendendo a Administração, o corpo docente e técnico da instituição na realização e divulgação de eventos de diversas naturezas, e atuando no planejamento e elaboração de projetos especiais submetidos a diferentes instâncias.

13. IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO

O projeto pedagógico do Curso de Ciências Sociais deverá ser avaliado de forma contínua e sistemática. Objetiva-se com isso a realização e adequações necessárias a uma melhor qualificação. Para tanto, caberá ao Colegiado do Curso a implementação, acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico no seu funcionamento, o que estará em consonância com os propósitos mais amplos da avaliação institucional da UENF. O curso deverá, assim, elaborar o seu instrumento de avaliação, bem como um documento de registro para divulgação das diretrizes e metas alcançadas.

14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- ALEXANDER, Jeffrey. Novo movimento teórico. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.2, n.4, jun. 1987, p. 5-28.
- BOTTOMORE, Tom B. *Introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970 (3ª edição).
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. In: *Dados – Revista de ciências sociais*. Rio de Janeiro, vol. 48, n.2, 2005, p.231-269.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. In: *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo: n.37, nov. 1993, p.21-35.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Edunesp, 1991.
- _____. *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: Edunesp, 1997.
- _____. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005 (4ª edição).
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LIMA, Lana Lage da Gama e ALVES, Heloisa Manhães. *Uenf, a universidade do terceiro milênio uma memória (1993-2003)*. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2003.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NARVAEZ-BERTHELENOT, N e RUSSEL, J.M.. World distribution of social science journals: a view from the periphery. In: *Scientometrics*. Vol 51, n.1, apr.2001, p.223-239.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

ANEXO 1

EMENTÁRIO

Elenco de disciplinas obrigatórias

LES04107-Antropologia I

Ementa: A Antropologia como campo de conhecimento: primórdios, evolucionismo e difusionismo, método comparativo, funcionalismo; Problemáticas: temas e problemas de antropologia: natureza e cultura; indivíduo e sociedade; exótico e familiar; etnocentrismo e relativismo; organização social, e parentesco, economia, política, religião. O método etnográfico: teoria e exercícios de pesquisa de campo.

Bibliografia Básica:

BECKER, H. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1997.

DA MATTA, Roberto. (1)Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 3ª edição, 1983.

----- (2)Você tem cultura? Jornal da Embratel, 1981.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A reconstituição da realidade. São Paulo: Ed. Ática, 1978. -----
- A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: In: CARDOSO, Ruth (org.) A aventura antropológica - teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1988, 2ª. Edição, p. 17-38.

GEERTZ, Clifford. (1) A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989 (cap.1, 2 e 9).

----- O saber local - novos ensaios em antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.85-107 (cap.3).

KUPER, Adam. Colônias, metrópoles: um antropólogo e sua antropologia. Mana v.06, n.1, 2000.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1)O campo da antropologia. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, (cap. 1).

MAGNANI, J,Guilherme. De perto e de dentro - notas para uma etnografia urbana. RBCS, v.17, nº 49, 2002.

MELATTI, Júlio C. A antropologia no Brasil: um roteiro. Série Antropologia, 38, 1983.

MINNER, Horace. O ritual do corpo entre os Sonacirema. American Anthropologist, v. 58.

MONTERO, Paula. O que é ser Antropólogo hoje? Revista Estudos Avançados 8 (22): 329-35, 1994.

PEIRANO, Mariza. A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil. Série Antropologia, Unb, 1999, nº 255.

----- Uma antropologia no plural - três experiências contemporâneas. Brasília: UNB, 1992.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura - notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro :Zahar, 1981, p.121-132 (cap.9).

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (org.) A aventura antropológica - teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1988, 2ª. Edição, p.107-125.

LES04105-Antropologia II

Ementa: A constituição do campo teórico e etnográfico da antropologia. Evolucionismo, difusionismo e historicismo. Franz Boas e o método comparativo. A Escola Sociológica Francesa: E. Durkheim e M. Mauss. Funcionalismo (B. Malinowski) e estrutural- funcionalismo (A. R. Radcliffe - Brown e E. E. Evans-Pritchard) na Antropologia Social Inglesa. A antropologia cultural nos EUA: cultura e personalidade.

Bibliografia Básica:

- BOAS, Franz. - "As Limitações do Método Comparativo em Antropologia" (mimeo)
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org). Marcel Mauss. Antropologia. Editora Ática. São Paulo, 1979.
- DURHAM, Eunice (org) - Malinowski. Antropologia. Editora Ática, 1986.
- DURKHEIM, Emile. 2000. As Regras do Método Sociológico. Cia. Editora Nacional, São Paulo: 1972.
- DURKHEIM, Emile. 2000. As Formas Elementares da Vida Religiosa. Edições Paulinas, RJ, 1989.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Antropologia Social. Edições 70. Lisboa, 1985.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. História do Pensamento Antropológico. Edições 70, Lisboa, 1989.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência de um povo nilota. Editora Perspectiva. São Paulo.
- KROEBER, L. A Natureza da Cultura. Edições 70, Lisboa, 1993.
- KUPER, Adam - Antropólogos e Antropologia. Francisco Alves, RJ, 1978.
- MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Ed. Abril, SP, Col. "Os Pensadores", 1976.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. EPU/EDUSP, 1974. (2.vols)
- MAUSS, Marcel. Ensaios de Sociologia. Editora Perspectiva. São Paulo, 1981.
- MELATTI, Júlio César (org). Radcliffe-Brown. Editora Ática. São Paulo, 1978.
- MERCIER, Paul - História da Antropologia. Eldorado, RJ, 1974.
- MORGAN, Lewis Henry. A Sociedade Primitiva. Editorial Presença, Lisboa, 1974.
- PURSE, Erika - "A Escola Etnológica de Viena". Cadernos de Texto de Antropologia da UFF, nº 3.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Vozes, Petrópolis: 1973.

LES04204 - Antropologia III

Ementa: O desenvolvimento da teoria antropológica - tendências recentes. Lévi-Strauss e o estruturalismo: sistemas de parentesco, classificação e mitologia (E. Leach, M. Douglas). A Escola Manchester (M. Gluckman, V.W. Turner) e a análise situacional. O interacionismo simbólico (E. Goffman) e a antropologia interpretativa (C. Geertz).

Bibliografia Básica:

- Douglas, Mary. Como pensam as instituições. EDUSP, São Paulo, 1998. 141 pp.
- Douglas, Mary. Pureza e Perigo. Editora Perspectiva, São Paulo, 1976.
- Dumont, Louis. Homo Hierarchicus. EDUSP, São Paulo, 1997. 472pp.
- Dumont, Louis. O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Ed. Rocco, Rio de Janeiro,1985. 283pp.

- Feldman-Bianco, Bela (org.). Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos. Global Universitária, São Paulo, s/d, 402pp.
- Geertz, Clifford. A Interpretação das Culturas. Zahar eds., Rio de Janeiro, 1978.
- Geertz, Clifford. O Saber Local. Novos Ensaios de Antropologia Interpretativa. Ed. Vozes, Petrópolis. 1997.
- Gluckman, Max. Rituais de Rebelião no Sudeste da África. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Textos de Aula, Antropologia 4, s/d.
- Gluckman, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Feldman - Bianco, s/d.
- Kuper, Léo - Antropólogos e Antropologia. Francisco Alves, RJ, 1978.
- Leach, Edmund R. Sistemas Políticos da Alta Birmânia: um estudo social kachin. EDUSP, São Paulo. 1996.
- Leach: Edmund R. Edmund Ronald Leach: Antropologia. Editora Ática, São Paulo. 1983.
- Lévi-Strauss - As Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Lévi-Strauss - Antropologia Estrutural. Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967
- Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem. Ed. Aguiar, São Paulo, 1976.
- Lévi-Strauss - Mito e Significado. Edições 70, Lisboa, 1979. 93pp.
- Sahlins, Marshall. Cultura e Razão Prática. Zahar Eds., Rio de Janeiro, 1979
- Sahlins, Ilhas da História. Jorge Zahar Eds., Rio de Janeiro, 1986.
- Turner, Victor W. O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura. Ed. Vozes, Petrópolis: 1974, 248pp.
- Turner, Victor W. Aquém e Além dos Pontos Fixos; o Período liminar nos "Rites de Passage" (Tradução: Arno Vogel)
- Turner, Victor W. Os Símbolos no Ritual Africano. SCIENCE, Vol. 179, n. 4078, março de 1973 (Tradução: Lília Valle).

LES04403 - Antropologia IV

Ementa: O curso visa discutir problemas teóricos e metodológicos do conceito de cultura, e suas aplicações em sociedades complexas, através de interpretações antropológicas recentes sobre a cultura brasileira, enfocando particularmente algumas análises referentes à relação entre individualismo e holismo, hierarquia e igualdade. Ainda, o curso pretende discutir quais os limites teóricos e metodológicos da antropologia feita no Brasil e antropologia feita sobre o Brasil. Do mesmo modo, o curso abordará distinções entre a tradição antropológica dos países periféricos e centrais.

Bibliografia básica:

- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. Os quilombos e as novas Etnias. In: Quilombos: Identidade étnica e territorialidade. Odwyer, Eliane C. (org.). Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas.
- DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
- DAMATTA, Roberto. Quanto custa ser índio no Brasil. In: Dados. Rio de Janeiro: IUPERJ, nº 13, 1976.
- DAMATTA, Roberto. Digressão: A fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus. EDUSP, São Paulo, 1997.
- FARIAS, Luiz de Castro. Escritos Exumados. - 1. Niterói: Eduff, 1999.
- GUIDI, Maria láis Mousinho. Elementos de análise dos estudos de comunidades realizadas no Brasil e publicados de 1948-1960. São Paulo. Revista Educação e Ciências Sociais, 1961.
- KANT DE LIMA, Roberto. A antropologia da Academia: ou quando os índios somos nós. Niterói,

EDUFF, 1997.

- KANT DE LIMA, Roberto. A polícia da cidade do Rio de Janeiro; seus dilmeas e paradoxos. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1995.
- MELLO, Marco Antônio da S.; Vogel, Arno e Barros, José Flávio. Galinha D'Angola - Iniciação e Identidade na Cultura Brasileira, Pallas, RJ, 1993.
- NEVES, Delma Pessanha. Assentamento rural: reforma agrária em migalhas. Niterói: Eduff, 1997.
- NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidade no Brasil. São Paulo: Revista de Antropologia, 1955.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. Indigenismo e territorialização. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- OLIVEIRA, Roberto C. de. O trabalho do antropólogo. São Paulo, Editora Unesp, 1998.
- PEIRANO, Mariza G. S. Uma antropologia no Plural. Brasília: Editora UnB, 1992.

LEA04102 – Economia I

Ementa: História do pensamento econômico e dos fundamentos dos principais modelos teóricos da Ciência Econômica. Idéias econômicas do mercantilismo e da Economia Clássica de Adam Smith, David Ricardo, Jean-Baptiste Say e John Stuart Mill. Teoria do valor-trabalho, mercado auto-ajustável e a importância do livre mercado para o crescimento econômico e bem-estar coletivo. A teoria do valor-trabalho no pensamento econômico de Marx, a natureza social da produção de mercadorias no capitalismo e a exploração do trabalho pelo capital por meio da mais-valia absoluta e relativa. O inegável triunfo do utilitarismo na Ciência Econômica e os fundamentos da teoria Neoclássica. A teoria de Keynes, as causas das depressões capitalistas e a importância da intervenção do governo na economia.

Bibliografia básica:

- CARCANHOLO, R. A dialética da mercadoria: guia de leitura. Cadernos da ANGE, Textos Didáticos no 04, 1993.
- CARNEIRO, R. (Org.). Os clássicos da economia 1. São Paulo, Saraiva, 1997.
- CARNEIRO, R. (Org.). Os clássicos da economia 2. São Paulo, Saraiva, 1997.
- FUSFELD, Daniel R. A era do economista. São Paulo, Saraiva, 2001.
- HUNT, E. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica. Rio de Janeiro, Campus, 2013.
- KEYNES, J. M. A teoria geral do emprego do juro e da moeda. São Paulo, Atlas, 1992.
- MANKIW, G. Introdução à Economia. São Paulo, Cengage Learning, 2013.
- MARX, K. O Capital: livros I e III. São Paulo, Abril, 1984.
- MACEDO E SILVA, A. C. Macroeconomia sem equilíbrio. Campinas, Vozes, 1999.
- MARSHALL, A. Princípios de economia. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- MAZZUCHELLI, F. A contradição em processo: o capitalismo e suas crises. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- GREMAUD, A. P. et alii. Manual de economia: equipe de professores da USP. São Paulo, Saraiva, 2003.
- OLIVEIRA, R. e GENNARI, A.M. História do Pensamento Econômico. São Paulo, Saraiva, 2009.
- PINDYCK, R. e RUBENFELD, D. Microeconomia. São Paulo, Prentice Hall, 2002.
- RICARDO, D. Princípios de economia política e tributação. São Paulo, Abril, 1982.
- SMITH, A. A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo, Abril, 1983.

LEA04204 - Economia II

Ementa: Principais conceitos e temas ligados às teorias Microeconômica e Macroeconômica. O básico sobre oferta e demanda, equilíbrio de mercado e as diferentes estruturas de mercado. Os determinantes da renda, do produto nacional, do nível de emprego e preços. O papel do setor público na atividade econômica e os principais tipos de política monetária, fiscal, externa e de combate à inflação. Distorções estruturais existentes na economia brasileira: subdesenvolvimento, desigualdade de renda, inflação, dívida externa e déficits no balanço de pagamentos.

Bibliografia básica:

BLANCHARD, O. Macroeconomia: teoria e política econômica. Rio de Janeiro, Campus, 2001.
FURTADO, C. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
FUSFELD, D. A era do economista. São Paulo, Saraiva, 2001.
GORDON, R. Macroeconomia. Porto Alegre, Bookman, 2000.
HICKS, J. R. Valor e capital. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
MACEDO E SILVA, A. C. Macroeconomia sem equilíbrio. Campinas, Vozes, 1999.
MANKIW, G. Introdução à Economia. São Paulo, Cengage Learning, 2013.
MARSHALL, A. Princípios de economia. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
GREMAUD, A. P. et alii. Manual de economia: equipe de professores da USP. São Paulo, Saraiva, 2003.
PAULANI, L. M. e BRAGA, M. B. A nova contabilidade social. São Paulo, Saraiva, 2001.
PINDYCK, R. e RUBENFELD, D. Microeconomia. São Paulo, Prentice Hall, 2002.
VASCONCELOS, M. A. S. e GARCIA, M. E. Fundamentos de economia. São Paulo, Saraiva, 2014.

LEA04302 – Economia III

Ementa: As características fundamentais da evolução da economia brasileira. Fase colonial e os ciclos da cana-de-açúcar, nos séculos XVI e XVII, e o do ouro, no século XVIII. A expansão da produção cafeeira do século XIX até seu declínio a partir da Crise de 1929. Processo de industrialização pelo “processo de substituição de importações” do primeiro governo Vargas até o fim do regime militar. O agravamento de distorções estruturais da economia brasileira: desigualdade de renda, inflação e dívida externa. Crise dos anos de 1980, do modo de intervenção do Estado na economia e o fracasso de sucessivos planos de estabilização de preços. O novo modelo de inserção da economia brasileira no governo Collor, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

Bibliografia básica:

ABREU, M. P. (Org.). A ordem do progresso. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
BELUZZO, L. G. M. e COUTINHO, R. (Org.). Desenvolvimento capitalista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.
BENJAMIN, C. A opção brasileira. Rio de Janeiro, Contraponto, 1998.
CARNEIRO, R. Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo, UNESP e IE-UNICAMP, 2002.
EICHENGREEN, B. A globalização do capital: uma história do sistema monetário internacional. São Paulo, Editora 34, 2000.
FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. São Paulo, Nacional, 1979.
FURTADO, C. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
GIAMBIAGI, F.; VILLELA, A.; CASTRO, L. B. e HERMANN, J. Economia brasileira contemporânea: 1945-2010. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.
MANKIW, G. Introdução à Economia. São Paulo, Cengage Learning, 2013.
MERCADANTE, A. O Brasil pós-Real: a política econômica em debate. Campinas, IE-UNICAMP, 1998.
REGO, J. M. e MARQUES, R. M. (Org.). Economia brasileira. São Paulo, Saraiva, 2010.
MELLO, J. M. C. O capitalismo tardio. Campinas, UNICAMP, 1998.
TAVARES, M. C. Acumulação de capital e industrialização no Brasil. Campinas, UNICAMP, 1998.
VASCONCELOS, M. A. S. e GARCIA, M. E. Fundamentos de economia. São Paulo, Saraiva, 2014.

LCL04101- Filosofia

Ementa: Introdução básica à Filosofia e como empregá-la enquanto reflexão crítica e rigorosa. Alguns elementos de seus conteúdos, métodos, ramos de investigação e seu valor para as demais áreas de conhecimento e para a vida em geral.

Bibliografia básica:

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. Filosofia: textos fundamentais comentados. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARCONDES, Danilo; Franco, Irley. A Filosofia: o que é? Para que serve? Rio de Janeiro: Zahar: Ed. PUCRio, 2011.

NAGEL, Thomas. Uma introdução à Filosofia. Trad: Silvana Vieira. 3ª. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

NOLT, John, ROHATYN, Dennis. Lógica. São Paulo: McGraw-Hill, 1991 (Coleção Schaum).

LEA04205 - Geografia I

Ementa: História do pensamento geográfico. Lugar da Geografia nas Ciências Sociais; aspectos da Geografia Física e seu lugar no estudo do espaço terrestre por cientistas sociais. Elementos básicos do conceito de espaço na ciência geográfica; instrumentos clássicos da Geografia (mapas, bússolas e aparelhos de geolocalização). Processos de mudança do ambiente terrestre (naturais ou antrópicos); temas contemporâneos das mudanças do espaço terrestre e seus impactos sobre a sustentabilidade socioecológica.

Bibliografia básica:

ABIKO, A.K.; ALMEIDA, M.A.P. E BARREIROS, M.A.F. Urbanismo: História e Desenvolvimento. TT?PCC/116 http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/TT_00016.pdf

ALENTEJANO, P. R. R. & ROCHA-LEÃO, O. M. 2006. Trabalho de Campo: Uma ferramenta essencial para os Geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Nº 84, P. 51-67. http://www.evaso.pro.br/Camb/BIBLIO/BPG_84.pdf#page=7 Alves, J.L. 2007. Globalização, acumulação flexível e configuração espacial. Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, 24(3): 153-166.

<http://www.periodicos.ufpe.br/revistas/geografia/article/view/9067/9008>.

CAMPOS, M.L.A. e JARDIM, W. 2003. Aspectos relevantes da biogeoquímica da hidrosfera. Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola 5:18-27. <http://qnesc.sbq.org.br/online/cadernos/05/hidrosfera.pdf>.

Celino, J.J.;E. C. de Lucena Marques, O. R. Leite. 2003. Da Deriva dos Continentes a Teoria da Tectônica de Placas: uma abordagem epistemológica da construção do conhecimento geológico, suas contribuições e importância didática. http://www.degeo.ufop.br/geobr/artigos/artigos_completos/volume3/celino.pdf

CLAVAL, P. 2007. HISTÓRIA DA GEOGRAFIA. Editora: Edições 70.

Costa, F.R. & Rocha, M.M. 2010. Geografia: conceitos e paradigmas - apontamentos preliminares. Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino. Vol. 01, Nº 02, 1-32 http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf

DE PAULA, I.G., FURTADO, SOUZA, M.C.M ANUTE, P.M.F. 2021. O espaço geográfico ao longo das correntes da Geografia: uma abordagem epistemológica. UÁQUIRI: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia UÁQUIRI Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. <https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/article/view/4623/2943>

FUINI, L.L. A abordagem sobre o território em autores da geografia brasileira: Mutações de um conceito. GEOgraphia, vol. 20, n. 42, 2018: jan./abr.

<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13831/9034>

MARTINS, C.R.; PEREIRA, P.A.P, LOPES, W.A. e ANDRADE, J.B. 2003. Ciclos globais de carbono, nitrogênio e enxofre: a importância na química da atmosfera. Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola 5:28-41.

http://qnesc.sbq.org.br/online/cadernos/05/quimica_da_atmosfera.pdf

MOREIRA, R. 2017. O QUE É GEOGRAFIA? Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense.

ROSA, A.H. e ROCHA, J.C. 2003. Fluxos de matéria e energia no reservatório solo: da origem à importância para a vida. Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola 5:7-17.

http://qnesc.sbq.org.br/online/cadernos/05/fluxos_de_materia_e_energia_no_solo.pdf

ROSS, J.L. (org). 2019. Geografia do Brasil. EDUSP

SCHIER, R.A. 2003. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. Revista RA'EGA 7:79-85.

http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Schier_2003_conceito%20de%20paisagem.pdf

SILVA, A.C.S; FARIAS, R.C. & LEITE, C.M.C. 2019. O trabalho de campo para além de uma atividade prática nas aulas de Geografia: uma metodologia de viabilização da construção do conhecimento geográfico. Revista Tamoios 15(1):31-45. [https://www.e](https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/39266/29964)

[publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/39266/29964](https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/39266/29964)

SOUZA, M.J.L. 2019. Ambientes e territórios: Uma introdução à Ecologia Política. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SUERTEGARAY, D.M.A. & DE PAULA, C.Q. 2019. Geografia e questão ambiental, da teoria à práxis. Ambientes: Revista de Geografia e Ecologia Política. [https://e](https://e-revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/2268)

[revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/2268](https://e-revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/2268)
SUERTEGARAY, D.M.A. 2001. Espaço geográfico uno e múltiplo. REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>

LEA04103 – GEOGRAFIA II

Ementa: Apresenta-se uma perspectiva abrangente da Geografia Humana e Econômica, trabalhando com os principais conceitos, teorias e temáticas da disciplina, destacando assuntos pertinentes à compreensão geral da respectiva área do conhecimento e dos problemas que envolvem, por exemplo, a questão espacial, tais como: organização, regionalização e localização; população e urbanização, preconizando-se o Brasil; política e globalização.

Bibliografia básica:

ANDRADE, Manuel Correia de. Geopolítica do Brasil. Campinas: Papirus, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BRANDÃO, Carlos Antônio. Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. 8ª ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2007. – (Repensando a Geografia).

_____. (Org.). Crise urbana. São Paulo: Contexto, 2015.

CLAVAL, Paul. Epistemologia da geografia. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e organização espacial. 7ª ed., 2ª imp. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

DAMIANI, Amélia Luisa. População e geografia. 9ª ed., 2ª reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

GREGORY, Derek; MARTIN Ron; SMITH, Graham. (Orgs.). Geografia Humana. Tradução Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

HAESBAERT, R. Região, Diversidade Territorial e Globalização. GEOgraphia, Ano 1, Nº 1, p. 15-39, junho de 1999.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Ed. Loyola: São Paulo, 2002.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. O desafio ambiental. Rio de Janeiro: Record, 2004. – (Os porquês da desordem mundial. Mestres explicam a globalização) Organizador Emir Sader.

MARICATO, Erminia. Para entender a crise urbana. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

- MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. Migrantes. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. – (Repensando a Geografia).
- MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. 18ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.
- _____. Território e História no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- MOREIRA, Ruy. O Que é Geografia. 8ª reimp. da 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção Primeiros Passos).
- PIRES, Mônica de Moura; MOROLLÓN, Fernando Rubiera; GOMES, Andréa da Silva; POLÊSE. Economia urbana e regional: território, cidade e desenvolvimento. Ilhéus: Editus, 2018.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. Por uma geografia nova. Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. A Urbanização Brasileira. 5ª ed., 1ª reimp. São Paulo: Edusp, 2008.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. ABC do desenvolvimento urbano. 5ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.
- _____. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- _____. Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- VESENTINI, José William. Novas geopolíticas. 5ª ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

LES041001 - História I

Ementa: Introdução à abordagem histórica. Economia, cultura e sociedade no feudalismo europeu; revolução comercial, crise do feudalismo e emergência democrática. Estados nacionais, reforma religiosa, expansão comercial, impérios coloniais e transição para o capitalismo. Revoluções burguesas (Inglaterra, EUA e França), revolução industrial, questão agrária e social, capitalismo tardio (Itália Alemanha, Japão e Rússia). A Primeira Guerra Mundial, o socialismo e o fascismo. A Segunda Guerra Mundial, o “welfare state”, a Guerra Fria e a descolonização.

Bibliografia básica:

- AMIN, S. O imperialismo, passado e presente. Tempo, Niterói, v.9, n.18, 2005.
- ARÃO REIS, D.; FERREIRA, J. (orgs). O século XX, volume II, Os tempos das crises. Revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- ARRUDA, J. História moderna e contemporânea. São Paulo: Ática, 1996.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- CARDOSO, C.; BRIGNOLI, H. Os métodos da história. Rio de Janeiro: Campos, 1988.
- CARDOSO, C.; VAINFAS, R (orgs). Os domínios da história. Rio de Janeiro: Campos, 1999.
- CARDOSO, C.; VAINFAS, R (orgs). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campos, 2015.
- CONNERTON, P. Como as sociedades recordam? Lisboa: Celta Editora, 1993.
- DUMÉNIL, G; LEVÝ, D; Neoliberalismo: neoimperialismo. Economia e sociedade, v.16, n.1, 2007.
- FALCON, F.; MOURA, G.; A formação do mundo contemporâneo.
- FONTES, Virgínia. Imperialismo contemporâneo: espoliação e benevolência. (Resenha do livro: HARVEY, David. O novo imperialismo). Revista História & Luta de Classes, v. 4, n. 6, 2008, p. 89-91.
- GOFF, J. História e memória. São Paulo: EDUNESP, 2005.
- GOFF, J. A Idade Média e o dinheiro. Ensaio sobre antropologia histórica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- HILL, C. O mundo de ponta cabeça. São Paulo: Cia da Letras, 1987.
- HOBSEBAWN, H. A era das revoluções 1789-1848. São Paulo: Cia da Letras, 1998.
- HOBSEBAWN, H. A era dos impérios 1789-1848. São Paulo: Cia da Letras, 1988.

HOBBSAWN, H. A era dos extremos 1914-1991. São Paulo: Cia da Letras, 1995.

HOBBSAWN, H. Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo. Rio de Janeiro: Flacul-Universitária, 1983.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LINDBERG, C. As Reformas na Europa. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

MARX, K. O capital: Crítica da economia política. Vol. I São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política.

Introdução de 1857: Produção, Consumo, Distribuição, Troca (Circulação). São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MARX, K. A ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, K. As crises econômicas do capitalismo. São Paulo: Editora acadêmica, 1988.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

POLANYI, K. A grande transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

RUDE GEORGES. La multitud en la história. Madrid: Siglo XXI, 1971.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

THOMPSON, E. P. A formação histórica da classe operaria inglesa. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VOVELLE, M. A revolução francesa e seu eco. Estudos Avançados, São Paulo, USP, v.3, n.6, 1989.

VOVELLE, M. A Revolução Francesa (1789-1799). São Paulo: UNESP, 2012.

LES042001 – História II

Ementa: Brasil pré-colonial: povos, migrações e culturas. Ocupação colonial, alianças indígenas, exploração mercantilista, comércio de escravos, rebeliões locais, ciclo do ouro e internalização do absolutismo lusitano (1808). Formação econômico-social do Brasil, sistema escravista, questão agrária, embotamento urbano, relações étnicas, papel da Igreja e identidade nacional. Independência e continuidade, centralismo imperial e governo local, conservadorismo e liberalismo, monopólio e exclusão política (a questão dos libertos), Mauá e a diversificação econômica, estagnação e lutas sociais, crise do Império, questão militar, movimento republicano e golpe.

Bibliografia básica:

LENCASTRO, Luiz Felipe. O trato dos viventes: a formação do Brasil no atlântico-sul. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

ALONSO, Ângela. Ideias em movimento: a “geração de 1870” e a crise do Brasil império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Ângela. Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Cia das Letras, 2015.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Uma colônia entre dois impérios: a abertura dos portos brasileiros (1800-1808). Bauru: Cátedra Jaime Cortesão, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial; O teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

DOLHNIKOFF, Miriam. O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX. São Paulo: Globo, 2005.

FRAGOSO, João. Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de

Janeiro (1790-1830). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FRAGOSO, João. FLORENTINO, Manolo. O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia. Rio de Janeiro, c. 1790-1830. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRAGOSO, João. GOUVÊA, Maria de Fátima. BICALHO, Maria Fernanda (orgs.). O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRAGOSO, João. GOUVÊA, Maria de Fátima. (orgs.). O Brasil colonial (1443-1580). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRAGOSO, João. GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). O Brasil colonial (1580-1720). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRAGOSO, João. GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). O Brasil colonial (1720-1821). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global editora, 2023.

GUIMARÃES, Carlos Gabriel. Bancos, economia e poder no Segundo Reinado: o caso da sociedade bancária Mauá, MacGregor & Cia. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH, 1997.

KRAUSE, Thiago. SOARES, Rodrigo Goyena. Império em disputa: coroa, oligarquia e povo na formação do Estado brasileiro (1823-1870). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022.

MALERBA, Jurandir. O Brasil em projetos: história dos sucessos políticos e planos de melhoramento do reino (da ilustração portuguesa à Independência do Brasil). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

LES042002 – História III

Ementa: Primeira República: transição e Constituição de 1891, jacobinismo militar x federalismo liberal, a questão sulina (caudilhismo) e a questão paulista (cafezal e imigração), revoltas populares e questão social, anarco-sindicalismo e emergência urbana (Semana de Arte Moderna), comunismo e nacionalismo (tenentismo), crise econômica e colapso do pacto oligárquico. Segunda República: Revolução de 1930, questão social e controle sindical, a revolta liberal paulista de 1932, Constituinte e ascensão democrática (ANL x AIB), Estado Novo (1937) e emergência populista, IIª Guerra Mundial e redemocratização. Terceira República: Constituinte de 1946 e nacionalização partidária, Guerra Fria e cassação do PCB, Vargas II e a consolidação do nacional-desenvolvimentismo, democratização e radicalização (1954-1963), a resposta conservadora de 1964. Quarta República: governos militares, resistência democrática e luta-armada, o “milagre econômico” e seu fim (choques do petróleo), abertura política e movimentos sociais, reforma partidária e redemocratização (1980-1984), a Constituinte de 1986, crise inflacionária, Estado de bem-estar social e estagnação econômica, ascensão e queda do lulopetismo e a reação conservadora.

Bibliografia básica:

DREIFUSS, René. 1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Petropolis: Vozes, 1981.

FAUSTO, Boris. História do Brasil, São Paulo: EdUsp, 2006.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo do nacionalestatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Segunda República(1930-1945) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo da experiência democrática. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Terceira República (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo do regime autoritário. Ditadura militar e redemocratização. Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FONTES, Virginia. O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2010.

GIUMBELI, Emerson. Religião e Des-ordem social: Contestato, Juzeiro e Canudos nos estudos

sociológicos dos movimentos sociais, Dados, 1997.

JARDIM, Eduardo. Os apontamentos sobre o modernismo, Estudos avançados, v.36,n.104, 2022.

LIMA, Delcio. Os demônios descem do Norte, São Paulo: Francisco Alves, 1989.

LINHARES, Maria Yedda (org.). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MACIEL, David. O governo Collor e o neoliberalismo no Brasil, Revista UFC, 2011.

MENDONÇA, Sonia Regina. Estado e Economia no Brasil, Rio de Janeiro: Graal, 2001.

MENDONÇA, Sonia Regina. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. Em: LINHARES, Maria Yedda (org.).

História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, p.327-34. MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da República Velha ao Estado Novo. Em: LINHARES,

Maria Yedda (org.). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000. p.302-315.

SALLUM Jr, Brasílio. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimento, Tempo social, 1999.

SAMUELS, David. A evolução do petismo, Opinião pública, v.14, n.2, 2008.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. A modernização autoritária: a: do golpe militar a redemocratização 1964/1984. Em: LINHARES, Maria Yedda (org.). História Geral do

Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, p.351-384.

LES041002- Introdução às Metodologias Quantitativas

Ementa: A estatística no escopo do conhecimento científico. Conceitos estatísticos básicos em relação aos fenômenos sociais. Normas e técnicas utilizadas em sociometria para distribuições de frequências e gráficos. Potencialidades e limites do conhecimento estatístico de realidades sociais. O método e o método estatístico. Construção e análise de gráficos e tabelas. Medidas de tendência central e de dispersão. Números Índices, construção e utilização. Introdução à probabilidade. Coeficiente de correlação linear.

Bibliografia básica:

BARBETTA, P.A. Estatística Aplicada às Ciências Sociais. 5ª edição, Florianópolis: Editora UFSC, 2002

LEVIN, J. & FOX, J. A. Estatística para Ciências Humanas. 9a Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004

BUSSAB, Wilton O. & MORETTIN, Pedro A. – Estatística Básica – 5ª Edição — São Paulo – Editora Atual, 2003.

NICK, Eva, KELLNER, Sheilah R. de O. Fundamentos de Estatística para as Ciências do Comportamento – Editora Renner, 1971.

SIEGEL, S. — Estatística não-paramétrica para as Ciências do Comportamento – São Paulo – McGraw-Hill do Brasil, 1977.

LEA04201 – Metodologia I

Ementa: Tipos de conhecimento. Relação entre ciência e senso comum. Ciência e pseudociência. Ciências naturais e ciências humanas. Método indutivo e método dedutivo. Positivismo e crítica ao positivismo nas Ciências Sociais. Juízos de valor versus relação com valores. Neutralidade versus "objetivação". Teoria e empiria. Monismo e pluralismo metodológicos. Perspectivas teórico-metodológicas: análise dialética, estrutural, funcional e fenomenológica. A pesquisa como "artesanato intelectual". O processo da pesquisa: recorte empírico e construção de objeto. Técnicas quantitativas e qualitativas. Universo e amostra. Técnicas de coleta e análise de dados.

Bibliografia básica:

ABRANTES, Paulo C. Método e ciência: uma abordagem filosófica. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

ADORNO, T.W. As estrelas descem à terra: A coluna de astrologia do Los Angeles Times – um

estudo sobre superstição secundária.

BACHELARD, G. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACON, F. Novum Organum. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.1- 231 (Coleção Os Pensadores, Victor Civita).

BARBIER, R. Pesquisa-Ação na instituição educativa. Tradução Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1985. 280 p.

BECKER, H. S. Métodos e técnicas em ciências sociais. - 4 ed. - São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. Ofício do sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHALMERS, A.F. O que é ciência afinal? Tradução: Raul Filker: 1a. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1993.

DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2000.^{[L][SEP]}

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2000.^{[L][SEP]}

DESCARTES, R. Discurso do Método. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 61-127.

FEYERABEND, Paul. Contra o Método. Tradução de Octamy S. Mota. 3.ed., Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1989. 487 p.^{[L][SEP]}

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Graal, Rio de Janeiro 1984.^{[L][SEP]}

GIDDENS, A. Comte, Popper e o positivismo. In GIDDENS, A . Política, Sociologia e Teoria Social. Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. S.Paulo, Editora da UNESP, 1998.

GIDDENS, A. Novas Regras do Método Sociológico: uma crítica positiva das Sociologias Compreensivas. Rio, Zahar, 1978.

GOLDEMBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2003.

HAGUETTE, F. M. T. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes 1987.

KUHN, T. S. A estruturação das revoluções científicas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1976.^{[L][SEP]}

MARX, K. O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

MEDEIROS, J.B. Redação científica. A prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2000.

POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1975.

SANTOS, B S. Um discurso sobre as Ciências. 8.ed., Porto : Edições Afrontamento, 1996. 58 p.^{[L][SEP]}

WEBER, M. "A Ciência Como Vocação", in _____. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.^{[L][SEP]}

WEBER, M. "A objetividade do conhecimento nas ciências sociais". In: Cohn, Gabriel (Org.). Weber. Sociologia. São Paulo: Atica, 1997.^{[L][SEP]}

WRIGHT MILLS. C. "Apêndice: Do artesanato intelectual". In: _____. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.

LEA042002 - Metodologia II

Ementa: A construção do objeto de estudo. Teoria e empiria: a relação necessária. Perspectivas analíticas acerca da ciência na sociedade: ethos científico; comunidade científica, campo científico; ciência e mercado. As abordagens da agência e da estrutura nas ciências sociais. Técnicas qualitativas de pesquisa: observação participante; entrevistas; história oral e história de vida; pesquisa histórico-sociológica; iconografia: imagem e linguagem; análise de conteúdo e análise de discurso; pesquisa experimental e grupos de foco; pesquisa-ação.

Bibliografia básica:

1. ALEXANDER, J. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (orgs.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

2. CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: A experiência etnográfica. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

3. MALINOWSKI, Bronislaw K. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.
4. NISBET, Robert A. A sociologia como uma forma de arte. Revista Plural, v. 10, n. 1, p. 5-15, 2005. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/285547642_A_sociologia_como_uma_forma_de_arte_de_Robert_A_Nisbet>. Acesso em: [data de acesso].
5. RODRIGUES, José Albertino (org.). Durkheim. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 2004.
6. BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Porto Alegre: Editora Vozes, 2002.
7. MARTINS, Heloísa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 2011.
8. Oliveira, R. C. de. (1996). O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista De Antropologia, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

LEA04401 - Metodologia III

Ementa: O método enquanto processo de investigação; as etapas da observação e da coleta de dados; e os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) na pesquisa científica disciplinar e interdisciplinar. Identificação da problemática e dos objetivos da pesquisa. Formulação de hipóteses. Estratégias de pesquisa. Os instrumentos metodológicos para a pesquisa empírica quantitativa. Mensuração nas Ciências Sociais. Taxas, índices, indicadores e escalas. Confiabilidade e validade. Pesquisa tipo survey. Tipos de questionários. Elaboração e aplicação de questionários. Pré-testes e estudos piloto. Montagem do Banco de Dados e Análise com o uso de software; técnicas; contextos sociais.

Bibliografia básica:

- a) FOUREZ, Gérard, Introdução, in FOUREZA, Gérard, A Construção das Ciências, Ed. UNESP, São Paulo, 1995.
- b) BOUDON, Metodologia, in, Dicionário de Sociologia, São Paulo, Editora Ática, 1993.
- c) BOURDIEU, Pierre, epistemologia e metodologia, in Ofício de Sociólogo, Ed. Vozes, 2005.
- d) MINAYO, Maria Cecília de Souza, GOMES, Suley Ferreira Deslandes Romeu, Pesquisa Social, teoria, método e criatividade, Petrópolis, Ed. Vozes, 25a Edição, 2007. Cap. 2 – pp. 31 -60.
- e) LAVILLE, Cristian, DIONE, Jean, Problema e Problemática, in, LAVILLE, Cristian, DIONE, Jean, A construção do saber: MaACKORFF, R. L., Formulação do Problema, in, ACROFF, R. L., Planejamento de Pesquisa Social, São Paulo, Ed. Herder, USP, 1972.
- f) TUCKMAN, Bruce, A construção e utilização dos planos de questionários e entrevistas, in, Manual de Investigação em Educação: metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica, Lisboa, Portugal, Ed. Fundação Caloute Gulbenkian, 2012.

LES44001 - Métodos Quantitativos Aplicados às Ciências Sociais

Ementa: Revisão de conceitos e definições (amostra e população, variáveis aleatórias, variáveis discretas e variáveis contínuas). Distribuição de frequências. médias, mediana, moda. Medidas separatrizes (quartis, decis, percentis). Medidas de dispersão (variância, desvio padrão, coeficiente de variação), importância dos métodos quantitativos nas pesquisas e análises das ciências sociais. Construção e análise de gráficos e tabelas. Distribuição normal e binominal. Teste de Chi-Quadrado. Correlação. Fundamentos de regressão linear e análise fatorial. Probabilidade: conceito e teoremas fundamentais. Variáveis aleatórias. Distribuições de probabilidade. Tecnologia da amostragem. Inferência estatística: teoria da estimação e testes de hipóteses. Regressão linear simples.

Bibliografia básica:

LEVINE, D. M., BERENSON, M. L., STEPHAN, D. Estatística: teoria e aplicações usando o Excel. Rio de Janeiro LTC, 2000,
BUSSAB/MORETTIN, “ESTATÍSTICA BÁSICA”, Editora SARAIVA, 2002
KREYSZIG E, “Introductory Mathematical Statistics”, John Wiley & Sons
MONTGOMERY D. C., “Design and Analysis of Experiments”, John Wiley & Sons
SIEGEL & CASTELLAN, “Nonparametric Statistics”, Mc Graw Hill
TOLEDO, Geraldo Luciano.
Estatística Básica por Geraldo Luciano Toledo e Ivo Izidoro Ovalle. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1983.

LES04102 - Política I

Ementa: Ascensão e queda da democracia antiga; limites da democracia direta. Igreja, poder e transformação social no medievo europeu. Revolução e antinomias do liberalismo: cidadania, democracia e utopia. Estado e sociedade na abordagem da Sociologia Política: sistema representativo e participação, dissenso e consenso na ordem liberal, inexorabilidade e perigos da burocratização (novo Leviatã), religiosidade e integração sócio-política. Estado democrático, sistemas políticos, classes dominantes, partidos políticos, grupos de interesse, ação coletiva e cultura política; Movimentos e doutrinas políticas modernas: conservadorismo, fascismo, liberalismo, socialismo e comunismo.

Bibliografia básica:

Engels, Friedrich/1977:
– A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado; ed. Civilização Brasileira/RJ.
Fridman, Luis C./2002:
– Política e Cultura – séc. XXI; ed. Relume Dumará&ALERJ/RJ.
Gruppi, Luciano/1986:
– Tudo Começou com Maquiavel – as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci; ed. L&PM/POA.
Held, David/1987:
– Modelos de Democracia ; ed. Paideia/MG.
Laski, Harold J./1973:
– O Liberalismo Europeu; ed. Mestre Jou/SP.
Lijphart, Arend/1989:
– As democracias contemporâneas, ed. Gradiva/Lisboa.
Lipset, Seymour M./1967:
– O Homem Político, ed. Zahar/RJ
Manent, Pierre/1990:
– História Intelectual do Liberalismo – dez lições; ed. Imago/RJ.
Miliband, Ralph 1972:
– O Estado na Sociedade Capitalista; ed. Zahar/RJ.
Mill, John S./1995:
– O Governo Representativo; ed. IBRASA/SP.
Nogueira, Marco A./2007:
– Potências, Limites e Seduções do Poder; ed. UNESP/SP.
Perissinoto, Renato M. et Fuks, Mario/2002:
– Democracia – teoria e prática; ed. FA-Relume Dumará/RJ.
Putnam, Robert D./2006:
– Comunidade e Democracia – a experiência da Itália moderna; ed. FGV/RJ.
Reis Fº, Daniel A. (org.)/1998:
– O Manifesto Comunista 150 Depois; ed. FPA&Contraponto/SP.
Sartori, Giovanni/1994:
– A Teoria da Democracia Revisitada – o debate contemporâneo (vol.I); ed. Ática/SP.
– A Teoria da Democracia Revisitada – as questões clássicas (vol.II); ed. Ática/SP.
Segatto, José A./2015:
– Política, Relações Sociais e Cidadania; ed. Contraponto-FAP/RJ-DF.

LES04106 - Política II

Ementa: Pensamento político moderno (século XV a XIX). Autores: Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, Montesquieu, Hume, Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Marx/Engels. Temas: realismo político; ciência e arte da política; natureza humana e ordem política; a natureza social da ordem política (contratualismo); soberania do Estado; limites ao Estado e liberdade individual; cidadania e propriedade privada; vontade de todos (privado) e vontade geral (público); propriedade e desigualdade; divisão de poderes (governo); federalismo republicano e representação de interesses; conservadorismo; tradição e revolução; direito e liberdade como imperativo moral; a tensão entre liberdade e igualdade nas modernas sociedades de massas; a crítica marxista ao Estado liberal e à sociedade capitalista burguesa.

Bibliografia básica:

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução em França. Brasília: Editora UnB, 1982.
HOBBS, Thomas. Leviatã e matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. In Hobbes, Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
JASMIN, Marcelo G. Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. da UFMG-IUPERJ, 2005.
LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo. In Locke, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
MADISON, J., HAMILTON, A. e JAY, J. Os Artigos Federalistas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
MAQUIAVEL, Nicolau. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio. Brasília: Ed. da UnB, 1979.
ROUSSEAU, Jean Jacques. Discurso sobre as Origens e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. In Rousseau, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
ROUSSEAU, Jean Jacques. O Contrato Social. In Rousseau, Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
TOCQUEVILLE, Alexis de. A Democracia na América. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
TOCQUEVILLE, Alexis de. O Antigo Regime e a Revolução. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
WEFFORT, Francisco (org). Os Clássicos da Política. São Paulo: Ática, Vol. 1 e 2, 1998.

LES04205 - Política III

Ementa: Autoridade, legitimidade e estabilidade política; elites, massas, burocracia e dominação política (lei de ferro das oligarquias); representação, populismo- humanitarismo e contestação. Mercado, liberdade, democracia e socialismo; poliarquias, burocratização e autoritarismo. Estado social, direitos civis, sociais e políticos. Intelectuais, classes e opinião pública; partidos, sindicatos e movimentos sociais.

Bibliografia básica:

Cunha, D. e Cassimiro, P. “O populismo como modelo de ‘democracia polarizada’: a teoria do populismo de Pierre Rosanvallon à luz do debate contemporâneo”. Sociologias, Porto Alegre, ano 24, Nº 59. 2022.
Dahl, R. Prefácio a Teoria Democrática. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
----- A Poliarquia: Participação e Oposição. São Paulo: EDUSP, 1997.
Held, D. Modelos de Democracia. Belo Horizonte: Paidéia, 1994.
Lênin, W. A Organização dos Operários e a Organização dos Revolucionários. In Lênin-Política. São Paulo: Ática.
Lênin, W. Que Fazer? São Paulo: Ed. Hucitec.
Lipstet, S. O Homem Político. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
Losurdo, D. Contra História do Liberalismo. São Paulo: Idéias & letras, 2006
Manent, P. História Intelectual do Liberalismo. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990.
Michels, R. Sociologia dos Partidos Políticos. Brasília: Editora UnB.
Mill, J. S. Da Liberdade. São Paulo: IBRASA, 1964.
-----, Considerações sobre o Governo Representativo. São Paulo: IBRASA, 1995.
Mosca, G. La Clase Política. Ciudad de México: FCE.

O'Donnell, G. "Democracia delegativa?" *Novos Estudos CEBRAP*, 31. 1999.
 O'Donnell, Guillermo. "Accountability horizontal e novas poliarquias." *Lua Nova*, V. 44. 1998.
 Olson, Mancur. *A Lógica da Ação Coletiva*. São Paulo: EDUSP, 1999.
 Pareto, V. *Manual de Economia Política*; Coleção Os economistas (vol. I). São Paulo> Ed. Abril Cultural, 1984.
 Portelli, H. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio de Janeiro: Ed. Paz & Terra.
 Przeworski, A. *Democracia e Mercado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
 Putnam, R. *Comunidade e Democracia. A experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1993.
 Schumpeter, J. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1979.
 Weber, M. *Parlamento e Governo na Alemanha Reordenada*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1993.

LES04402- Política IV

Ementa: Formação econômico-social do Brasil, dominação escravista-mercantil, compadrio, cordialidade e insolidarismo. Formação do Estado Nacional, patrimonialismo, autoritarismo, centralização, marginalismo jurídico, coronelismo, liberalismo, militarismo, populismo e radicalismo (anarquismo, comunismo e integralismo). Modernização conservadora, dependência, urbanização, classes sociais, revolução e contra-revolução.

Bibliografia básica:

Albuquerque, José Guilhon (org.) /1977:
 – "Classes Médias e Política no Brasil"; ed. Paz e Terra/RJ.
 Brandão, Gildo M. /2004:
 – Um Estudo do Pensamento Político Brasileiro; in. <www.gramsci.org> (estante), sítio Gramsci e o Brasil/JF.
 Coutinho, Carlos Nelson/1990:
 – Cultura e Sociedade no Brasil – ensaio sobre idéias e formas; ed. Oficina de Livros/BH.
 Cardoso, Fernando H. et Faletto, Enzo /1975:
 – Dependência e Desenvolvimento na América Latina – ensaio de interpretação sociológica; ed. Zahar/RJ.
 Cardoso, Fernando H. /1975:
 – Autoritarismo e Democratização; ed. Paz&Terra/RJ.
 Cardoso, Fernando H. /1977:
 – Modelo Político Brasileiro; ed. Difel/RJ-SP.
 Faoro, Raimundo /2000:
 – Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro (vol.2); ed. Publifolha/SP.
 Fernandes, Florestan /1976:
 – A Revolução Burguesa no Brasil – ensaios de interpretação sociológica; ed. Zahar/RJ.
 Freyre, Gilberto /1992:
 – Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal; ed. Record/RJ.
 Furtado, Ceslo/1972:
 – Análise do Modelo Brasileiro; ed. Civilização Brasileira/RJ.
 Holanda, Sérgio Buarque de/1969:
 – Raízes do Brasil; ed. José Olympio/RJ.
 Leal, Victor N. /1975:
 – Coronelismo, Enxada e Voto – o município e o regime representativo no Brasil; ed. Alfa-Omega/SP.
 Moraes, Reginaldo et alii (org.s)/1986:
 – Inteligência Brasileira; ed. Brasiliense/SP.
 Nabuco, Joaquim/2000:
 – O Abolicionismo; ed. Publifolha/SP.
 Pécaut, Daniel/1990:
 – Os Intelectuais e a Política no Brasil – entre o povo e a nação; ed. Ática/SP.
 Prado Jr., Caio /2000:
 – Formação do Brasil Contemporâneo; ed. Publifolha/SP.
 Reis, José C. /2000:

- As Identidades do Brasil – de Varnhagen à FHC; ed. FGV/RJ.
- Ricupero, Bernardo /2004:
- Celso Furtado e o Pensamento Social Brasileiro; in. <www.gramsci.org> (temas Brasil), sítio Gramsci e o Brasil/JF.
- Ricupero, Bernardo /2007:
- Sete Lições Sobre as Interpretações do Brasil; ed. Alameda/SP.
- Schwartzman, Simon /1982:
- Bases do Autoritarismo Brasileiro; ed. Campus/RJ.
- Sodré, Nelson Werneck /1990:
- Formação Histórica do Brasil; ed. Civilização Brasileira/RJ.
- Vianna, Luiz Werneck /1997:
- A Revolução Passiva – iberismo e americanismo no Brasil; ed. Revan/RJ.
- Vianna, Luiz Werneck /2004:
- Weber e a Interpretação do Brasil; in. <www.gramsci.org> (temas Brasil), sítio Gramsci e o Brasil /JF.
- Vianna, Oliveira /1987(I):
- Instituições Políticas – fundamentos sociais do Estado (direito público e cultura); 1º vol. ed. Itatiaia-USP-UFF/BH-SP-Niterói.
- Vianna, Oliveira /1987(II):
- Instituições Políticas – metodologia do direito público (os problemas brasileiros da ciência política); 2º vol. ed. Itatiaia-USP-UFF/BH-SP-Niterói.
- Weffort, Francisco /1978:
- O Populismo na Política Brasileira; ed. Paz e Terra/RJ

LCL04202 - Psicologia

Ementa: O conceito de Psicologia. Desenvolvimento histórico. A natureza da mente/cérebro/comportamento. Tópicos direcionados para as ciências sociais: percepção, cognição, memória, linguagem, aprendizagem, emoção, razão e ação. Desvios e transtornos psicológicos. Temas em Psicologia Social. Neurociências.

Bibliografia básica:

- FELDMAN, R.S. (2015). Introdução à psicologia. Artmed.
- GAZZANIGA, M. (2017). Ciência psicológica. Artmed.
- GLEITMAN, H., FRIDLUNG, A., REISEBERG, D. (2017). Psicologia. Fundação Calouste Gulbekian.
- MEYERS, D. & DEWALL, N. (2022). Psicologia 11ed. LTC.
- SCHULTZ, D.P. & SCHULTZ, S.E. (2019). História da psicologia moderna. Cengage

LES04101 – Sociologia I

Ementa: Introdução à perspectiva da análise sociológica: contexto histórico do surgimento da sociologia; questões relacionadas com o objeto e o método da ciência social; as principais contribuições de Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber.

Bibliografia básica:

- ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- WALLERSTEIN, Immanuel. Para abrir as ciências sociais. São Paulo. Ed. Cortez, 1996. p. 13-101
- BOUDON, Raymond. Métodos da sociologia, São Paulo, Ed. Vozes, 1973, p7-31.
- MILLS, Wright. A imaginação sociológica, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1969, p. 9-33.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: Os pensadores, São Paulo Ed. Abril, 1983.
- DURKHEIM, Émile. A divisão do trabalho social. In: Os pensadores, São Paulo: Ed. Abril, 1973 (capítulos selecionados).
- MARX, Karl. A ideologia alemã. (textos elecionados).
- MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro, Volume II. Civilização Brasileira, São Paulo, 1973. A acumulação primitiva, 99.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Editora Pioneira, 1992.

LES04104 – Sociologia II

Ementa: O conhecimento sociológico e a releitura das premissas ontológicas, epistemológicas e metodológicas dos autores clássicos, Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel, suas perspectivas de análises e desdobramentos na contemporaneidade.

Bibliografia básica:

ALEXANDER, Jeffrey. A importância dos clássicos in: Giddens, Anthony e Turner, Jonathan (orgs.): Teoria Social Hoje. São Paulo: Unesp, 1999.
DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
DURKHEIM, Émile. O Suicídio: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1983.
MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia Política. Vol 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
SIMMEL, Georg. “O problema da Sociologia” e “O Campo da Sociologia”. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). Simmel: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, pp.59-86. 2 21
SIMMEL, Georg. A Natureza Sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). Simmel: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, pp.122-134.
SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do Espírito. Mana, vol. 11, nº.2, 2005, pp. 577-591.
WEBER, Max. Economia e Sociedade. Vol.1. Brasília: EdUnB, 1994.
WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. 5ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LES04203 – Sociologia III

Ementa: Sociologia contemporânea: Estrutural-Funcionalismo, Estruturalismo, Teoria Crítica, Interacionismo Simbólico, Crise dos Paradigmas, Novos Movimentos Teóricos.

Bibliografia básica:

1ª aula - O legado da Sociologia clássica e as principais correntes da sociologia contemporânea.
CORCUFF, Philippe (2001). As novas sociologias. São Paulo, EDUSC.
JEFFREY, Alexander (1999). A importância dos clássicos. In: Teoria Social Hoje, GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (orgs.), São Paulo, UNESP. p. 203-229.
2ª e 3ª aulas - O Estruturalismo: Althusser e o estruturalismo francês.
ALTHUSSER, Louis (1983). Marxismo e Humanismo. In: A Revolução Teórica de Marx, México, Siglo XXI.
ALTHUSSER, Louis. (1979). História e elementos da estrutura. In: Ler o Capital, Rio de Janeiro, Zahar.
FERRY, Luce e RENAULT, Alain (1988). O Tipo Ideal dos Sixties Filósofos. In Pensamento 68. São Paulo. Ed. Ensaio.
4ª e 5ª aulas - O Funcionalismo: Parsons e a Teoria da Modernização
PARSONS, Talcott. (1979) [1951], Sociedades, São Paulo, Pioneira (cap. 1 e 2).
PARSONS, Talcott (1974) [1971], O Sistema das Sociedades Modernas. São Paulo, Pioneira (caps. 1 e 2).
6ª e 7ª aulas - O Interacionismo Simbólico: Blumer, Goffman, Berger e Luckman.
BERGER, Peter e LUCKMAN Thomas (1973). A Construção social da realidade, São Paulo, Vozes (cap. 2 e 3).
BLUMER, Herbert. A sociedade concebida como interação simbólica: In: BIRNBAUM, Pierre e CHAZEL, François. Teoria Sociológica. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1977. pp. 36-40.
GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975. Introdução e Capítulo I. pp. 11-75.
JOAS, Hans. Interacionismo Simbólico. In: GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (orgs.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Ed.UNESP, 1999. pp. 127-174.
8ª aula - A Fenomenologia nas Ciências Sociais: Schutz.
LYOTAR, Jean François (1960). La Fenomenologia. Buenos Aires. Ed. UBA.
SHUTZ, Alfred. (1979) [1970]. Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro, Zahar.
10ª e 11ª aulas - A Escola de Frankfurt.

ADORNO, Theodor (1962). *Prismas: La Critica de la Cultura y de la Sociedad*. Barcelona. Ed. Ariel.

ASSOUN, Paul-Laurent (1999). *A Escola de Frankfurt*. São Paulo. Ed Atica

HORKHEIMER, Max. (1975). *Teoria TRadicional e Teoria Crítica*. In: W. Benjamin. *Textos Escolhidos. Os Pensadores*. São Paulo. Ed. Abril.

MARCUSE, Herbert. (1967) [1964]. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro, Zahar.

12ª e 13ª aulas - O Construtivismo estruturalista: Bordieu.

.BOURDIEU, Pierre. (1989). *Sobre o Poder Simbólico*. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand, pp. 7-15.

.BOURDIEU, Pierre. *A Gênese dos Conceitos de Habitats e de Campo*. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand, pp. 59-73.

14ª aula e 15ª aulas - Debates epistemológicos na sociologia contemporânea.

.GIDDENS, Anthony. (1998). *Política, Sociologia e Teoria Social; Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, Capítulo 8, pp. 283-296.

.JEFREY, Alexander. (1987). *O Novo Movimento Teórico*, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 4, Vol.2.

LES04401 -Sociologia IV

Ementa: Problemática das interpretações elaboradas sobre o Brasil desde as últimas décadas do século XIX; resgate das abordagens clássicas e contemporâneas, em seus contextos históricos, para a compreensão da realidade brasileira.

Bibliografia básica:

CARDOSO, Fernando Henrique. *A dependência revisitada*. In: _____. *As idéias e seu lugar. Ensaio sobre as teorias do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. 3a ed., rev. e acrescida de novos capítulos. - São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947.

HASENBALG, Carlos A.; SILVA, Nelson do Valle; INSTITUTO UNIVERSITARIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO. *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo ; Rio de Janeiro: Vértice ; IUPERJ, 1988

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 2.ed. São Paulo: IBRASA ;INL, 1981.

PINTO, L. A. Costa (Luiz de Aguiar Costa). *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

RAMOS, Guerreiro. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1954.

REIS, Elisa P. *Pobreza, desigualdade e democracia*. In: *Pobreza e desigualdade social*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1993.

RIBEIRO, Ivete, RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Família e desafios na sociedade brasileira: valores como um ângulo de análise*. Rio de Janeiro: Centro João XXIII, 1993.

VALLADARES, Lícia. *Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil*. In: BOSCHI, Renato R. (ORG.) *Corporativismo e desigualdade. A construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Elenco de disciplinas optativas-regulares

LCL04523 - Introdução ao Estudo Universitário *

Ementa: A Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF): história, estrutura e organização. Vida Acadêmica do discente de graduação: rotinas, possibilidades e desafios. A Universidade e os seus pilares: Ensino, Pesquisa e Extensão. O Curso de Graduação escolhido: PPC e funcionamento do Curso. Perspectivas acadêmico-científicas: o papel da universidade na formação acadêmica, na produção e divulgação do conhecimento. Acesso, acolhimento e permanência estudantil. Método e organização do estudo e seus instrumentos (fichamento, mapeamento, resumo, resenha, dentre outros). Pensamento criativo e empreendedor. Verdade e Conhecimento em Ciências: o Universitário em questão. Pesquisa sobre os meios de estudo na Biblioteca do CCH e do acervo de Monografias. Conversas com veteranos e egressos (desafios e descobertas universitárias e profissionais). Áreas de atuação profissional e perfil do egresso.

*Carga horária de optativa induzida aos ingressantes.

Bibliografia básica:

FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo (2010). “Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais”. Gest. Prod., São Carlos, n. 2, p.421-431. LANGAME, A. de P. et al.. (2016). Qualidade de vida do estudante universitário e o rendimento acadêmico. Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde, 29(3), 313–325. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4796>. Acesso em: dez.2024. MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. REIS, Verusca M. Simões dos; VIDEIRA, Antonio “A (2013). John Ziman e a ciência pós-acadêmica: consensibilidade, consensualidade e confiabilidade”. Scientiæ Studia, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 583-611. SEIFERT, Paulo A (2018). Filosofia das Ciências Sociais. Curitiba, PR; IESDE Brasil. SEVERINO, Antonio J (2007). Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez Editora. UENF. Regimento Geral da Graduação. Disponível em: <https://uenf.br/reitoria/secacad/files/2012/08/Regimento-atualizado-2016-2.pdf>. Acesso em: dez.2024. VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989

LES04504 - Política V

Ementa: Representação e participação política no Brasil; Reforma política e Eleições; Multipartidarismo e Democracia; Estado, partidos e políticas públicas: características básicas, formação e implementação sobre as questões institucionais do planejamento e da reforma do Estado no Brasil. Poder Local, eleições municipais, accountability vertical.

*Carga horária de optativa sugerida aos que pretendem ênfase em Política.

Bibliografia básica:

1º encontro:

Apresentação do curso as motivações, estabelecimento de regras, alertas sobre possíveis mudanças no decorrer do curso, esclarecimentos sobre processo de avaliação contínuo e final.

Leitura obrigatória:

ASSIS, Machado. À opinião Pública. In: Obra Completa de Machado de Assis, Edições W.M. Jackson, 1937. Publicado originalmente em Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1867. LINK

D) COMPORTAMENTO ELEITORAL

2º encontro: origem e evolução das teorias do comportamento eleitoral

BARTELS, L. The study of electoral behavior of American elections and political behavior, 2008. LINK

CONVERSE, Philip. Researching Electoral Politics. *The American Political Science Review*, Vol. 100, No. 4.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P.; MILLER, W.; STOKES, D. *The American voter*. 1980.

FIGUEIREDO, Marcus. *A decisão do voto: democracia e racionalidade*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1991, pp: 12-42.

3º encontro: Controversia entre voto economico e estruturas sociais

BERELSON, B., LAZARSFELD, P. e McPHEE, W. *Voting: A study of opinion formation in a presidential election*. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

FIGUEIREDO, Marcus. *A decisão do voto: democracia e racionalidade*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1991, pp: 43-68, 96-144.

LIPSET, Seymour M. *O Homem Político*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 1967.

4º encontro: Voto econômico retrospectivo e prospectivo

FIORINA, Morris. *Retrospective Voting in American Elections*. New Haven: Yale University Press. 1981.

FIORINA, Morris. 1981. *Economic Retrospective Voting in American National Elections: A Micro-Analysis*. *American Journal of Political Science*, Vol. 22, No. 2 (May, 1978), pp. 426-443. LINK

KIEWIET, D. Roderick, RIVERS, Douglas. *A retrospective on retrospective voting*. *Political Behavior*. Agathon Press, Inc. Vol, 6, No, 4. 1984. LINK

KIEWIET, D. Roderick . *Macroeconomics and micropolitics: The electoral effects of economic issues*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

LEWIS-BECK, Michael, PALDAM, Martin. *Economic voting: an introduction*. *Electoral Studies*, vol 19 , pp: 113–121,

na América Latina (1979-2000). LINK

LEWIS-BECK, Michael and STEGMAIER, Mary. “Economic Models of Voting” *The Oxford Handbook of Political Behavior*. Ed. Russell Dalton and Hans-Dieter Klingemann. Oxford: Oxford University Press, 2007. pp.518-537.

II) PARTIDOS

5º encontro: Mudanças culturais e Partidos Políticos

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. Francis, 2009.

PANEBIANCO, Angelo; DE PARTIDO, Modelos. *Organização e poder nos partidos políticos*. São Paulo, 2005.

SEILER, Daniel-Louis. *Os partidos políticos*. UnB, 2000.

6º encontro: Identificação partidária e o voto no Brasil

DALTON, Russell J. (2000), “The Decline of Party Identifications”, in R. J. Dalton e M. Wattenberg (eds.), *Parties without Partisans – Political Changes in Advanced Industrial Democracies*. Oxford, Oxford University Press.

CARREIRAO, Yan de Souza; KINZO, Maria D’Alva G.. *Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002)*. *Dados*, Rio de Janeiro , v. 47, n. 1, p. 131-167, 2004 . LINK

BORBA, Julian. *Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro*. *Opin. Publica*, Campinas , v. 11, n. 1, p. 147-168, Mar. 2005 . LINK

GIMENES, Éder Rodrigo et al. *Partidarismo no Brasil: Análise longitudinal dos condicionantes da identificação partidária (2002-2014)*. 2016. LINK

VEIGA, Luciana Fernandes. *O partidarismo no Brasil (2002/2010)*. *Opin. Publica*, Campinas , v. 17, n. 2, p. 400-425, Nov. 2011 . LINK

7º encontro: Voto economico no Brasil

VEIGA, Luciana Fernandes; ROSS, Steven Dutt. *Os determinantes da avaliação da economia na eleição presidencial brasileira em 2014*. *Opin. Publica*, Campinas , v. 22, n. 3, p. 524-549, Dec. 2016 . LINK

III) GOVERNOS, POLÍTICAS PÚBLICAS E GASTOS SOCIAIS

8º encontro: Partidos, ideologia e Políticas Sociais

BATISTA, Cristiane. *Partidos políticos, ideologia e política social na América Latina: 1980-1999*. *Dados*, Rio de Janeiro , v. 51, n. 3, p. 647-686, 2008 . LINK

BORSANI, Hugo. *Eleições e Economia. Instituições políticas e resultados macroeconômicos -1998)*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003. Pp. 35- 89, 163-191.

RIBEIRO, Leandro Molhano. *Partidos e políticas sociais nos municípios brasileiros*. 2005. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Ciência Política, IUPERJ/UCAM, Rio de Janeiro.

ARRETCHE, Marta. *Federalismo e igualdade territorial: uma contradição em termos?*. *Dados*, Rio de Janeiro , v. 53, n. 3, p. 587-620, 2010 . LINK

9º encontro: Modelos de avaliação e política de gastos dos partidos políticos

LAVAREDA, Antonio. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2009.

MARCINIUK, Fernanda Ledo; BUGARIN, Maurício S. *A influência da reeleição nas políticas fiscais*

subnacionais. Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, v. 73, n. 2, p. 181-212, 2019 [LINK](#)
MENEGUIN, Fernando B.; BUGARIN, Maurício. Reelection and fiscal policy: an analysis of the effects of reelection on public spending. Revista de Economia Aplicada, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 601-622, jul.-set. 2001.

MENEGUIN, Fernando B.; BUGARIN, Maurício; CARVALHO, Alexandre X. de. O que leva um governante à reeleição? Brasília: IPEA, 2005. (Textos para discussão n. 1135) [LINK](#)

10º encontro: instituições eleitorais e reeleição

ARAUJO JUNIOR, Ari Francisco de; CANÇADO, Paulo; SHIKIDA, Cláudio Djissey. ECONOMICS AND POLITICS: o que determina as chances de reeleição em municípios? o caso das eleições municipais de minas gerais – 2000. Informe Gepec, Cascavél, v. 9, n. 2, p. 1-22, 2005. [LINK](#)

CONCEIÇÃO, Bruno da Silva. Sistema eleitoral e reeleição nas eleições municipais de 2012 para o executivo no Brasil. Revista Eletrônica de Ciência Política, Porto Alegre, v. 6, p. 11-25, 2015. [LINK](#)

MENDES, Marcos; ROCHA, Carlos Alexandre Amorim. Reelection under imperfect information: evidence for Brazilian municipalities. Textos para discussão do Departamento de Economia/UnB. Brasília: Ed. UnB, 2004a. 27 p. (Série Textos para Discussão, 313). [LINK](#)

OLIVEIRA, Adriano; SANTOS, Roberto. BOAS ADMINISTRAÇÕES ELEGEM CANDIDATOS?: uma análise do comportamento dos eleitores em sete capitais brasileiras nas eleições de 2008. Revista Debates, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 116-138, 2009. [LINK](#)

11º encontro: Morfologia das Reeleições de prefeitos no Brasil

BARRETO, Alvaro Augusto de Borba. Reelection for the municipal executive in Brazil (2000-2008). Revista debates, Porto Alegre, v.3, n.2, p. 97-115, jul.-dez. 2009 [LINK](#)

_____. Eleições municipais comparadas: a escolha do chefe do executivo no Brasil e no Uruguai e o impacto sobre os sistemas partidários locais (2000-2005). Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 7, p. 285-318, abr. 2012. [LINK](#)

_____. CABEÇA E CORPO: INCUMBENT VERSUS PARTIDO NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS BRASILEIRAS (2000-2012). In: ABCP, 9., 2014, Brasília. Anais. p. 1-22. [LINK](#)

12º encontro: Teorias normativas e reeleição: o que é ser um bom prefeito?

CAVALCANTE, Pedro. Vale a pena ser um bom prefeito? Comportamento eleitoral e reeleição no Brasil. Opinião Pública, Campinas, vol. 21, nº 1, p. 87-104, abr. 2015. [LINK](#)

OLIVEIRA, Maria Augusta Teixeira. A accountability é bela: punição eleitoral e contas irregulares nas eleições para prefeito entre 2004-2016. 2017. 97f. Dissertação, Universidade Federal de Pernambuco. [LINK](#)

SAKURAI, Sergio Naruhiko. Testando a Hipótese de Ciclos Eleitorais Racionais nas Eleições dos Municípios Paulistas. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 2, n. 35, p. 297-315, jun. 2005. [LINK](#)

_____; MENEZES FILHO, Naércio Aquino. POLÍTICA FISCAL E REELEIÇÃO NOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS:: uma análise via dados em painel para o período 1988 - 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 35., 2007, Recife. Anais. p. 1-20. [LINK](#)

SANTOS, André Marenco dos. Topografia do Brasil profundo: votos, cargos e alinhamentos nos municípios brasileiros. Opinião Pública, Campinas, n. 18, p. 1-20, jun. 2013. [LINK](#)

13º e 14º encontros: avaliações

CCH045001 - Projeto de Monografia e Experimentação *

Ementa: Formulação do projeto de monografia ou experimentação, no campo específico da especialidade (ênfase) escolhida pelo estudante, sob a coordenação de um professor – preferencialmente da área de Metodologia e Técnicas de Pesquisa.

***Disciplina optativa induzida para os alunos sem IC.**

Bibliografia básica:

1. Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade:
– Fundamentos de metodologia científica; 8ª ed. — São Paulo: Atlas, 2017.
2. Goldenberg, Mirian:
– A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais; 5ª ed. — Rio de Janeiro: Record, 2021.
3. Grawitz, Madeleine:
– Métodos e técnicas de pesquisa nas ciências sociais; 4ª ed. — Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
4. Becker, Howard S.:
– Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos; 1ª. ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Elenco de disciplinas optativas

LCL04506 - Cognição e Linguagem na Construção da Realidade Social

Ementa: Realidade e verdade: a importância da unidade. A cognição como um fenômeno biológico. A consciência e sua estrutura. Estados mentais intencionais. Intencionalidade coletiva. Atos de fala. A construção linguística da realidade social objetiva.

Bibliografia básica:

SEARLE, J. R. Mente, linguagem e sociedade. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
SEARLE, J. R. Mind, language and society. New York: Basic Books, 1998.

LCL04508 - Educação Linguística e Letramento Racial Crítico

Ementa: Educação Linguística. Letramentos. Raça, Racismo e Classe. Relações Étnico-raciais. Letramento Racial Crítico. Políticas Sociais. Política Linguística Afirmativa. Negros e Indígenas nos espaços acadêmicos.

Bibliografia básica:

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: mar.2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: mar. 2023.

BRASIL. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: mar.2023.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana 2004. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: mar.2023.

BRASIL. Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.753.htm. Acesso em: mar.2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: mar.2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: mar.2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: mar. 2023.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13 n. 37 jan./abr., p. 45-56, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05>. Acesso em: mar.2023.

COSSON, Rildo. (2006). Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. Terceira Margem, Rio de Janeiro, Número 23, julho/dezembro 2010, p. 113-138.

Educação lingüística: uma proposta para o ensino de língua portuguesa. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, [s.d.]. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/4009/4009_8.PDF. Acesso em: mar. 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; GOMES, Cássio Murilo Lourenço. LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia. Uniletras, Ponta Grossa, v. 41, n. 1, p. 123-127, jan/jun. 2019. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14825/209209213092>. Acesso em: abr.2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas: Com atividades Reflexivas*. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. TEORIA RACIAL CRÍTICA E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. *Revista da ABPN* • v. 6, n. 14 • jul. – out. 2014, p. 236-263. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/TEORIA-RACIAL-CR%C3%8DTICA-E-LETRAMENTO-RACIAL-CR%C3%8DTICO.pdf>. Acesso em: mar.2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 44. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, A. E. C. (org.). (2015). *Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil: povos indígenas e os novos contornos do programa de educação tutorial/conexões de saberes*. 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: abr.2023.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996, p. 68- 75.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 13

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLEIMAN, ANGELA. B. (org.). (2016). *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita* / Angela B. Kleiman, Juliana Alves Assis, (organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. – (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. Brasília – DF, 2009.

MARTIN, Vima Lia de Rossi; BUENO, André de Godoy. Por uma memória da África e dos afrodescendentes: aspectos teóricos e legais para o ensino de literaturas africanas e afro-brasileira. *Linha D'Água*, 2016, p.29-43. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/111686>. Acesso em: mar..2023.

PONSO, Letícia Cao. LETRAMENTO ACADÊMICO INDÍGENA E QUILOMBOLA: uma política linguística afirmativa voltada à interculturalidade crítica. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(57.3): 1512-1533, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/JYdcKPZxVnQmtqNsVWxPK3r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: abr.2023.

LCL04510 – O Conceito de Realidade (Natural, Mental e Social)

Ementa: A centralidade do conceito de realidade em diversas áreas do conhecimento. O debate realismo vs. antirrealismo (na metafísica, na ciência e na matemática). O nexos realidade natural & realidade mental, com ênfase no problema da causação. O nexos realidade natural, realidade mental & realidade social, também com ênfase no problema da causação. Os reducionismos (materialista, mentalista, sociológico) e os dualismos (mente-corpo; natureza-cultura).

Bibliografia básica:

BRUNER, J. A construção narrativa da realidade [tradução de: *The narrative construction of reality*. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 01-21, 1991.]

CASTRO, E. Causalidade. In: *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia, 2014.

CASTRO, E. Realismo / Anti-realismo. In: *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia, 2014.

HAX Jr., B. Níveis de realidade. In: Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica. Lisboa: Centro de Filosofia, 2021.
 MARQUES, T. Construção social. In: Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica. Lisboa: Centro de Filosofia, 2015.
 SEARLE, J. Intencionalidade. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
 SEARLE, J. Mente, linguagem e sociedade. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
 * Toda a bibliografia será disponibilizada em PDF, por meio de uma pasta compartilhada.
 ** Outras referências podem ser acrescentadas ao longo do curso

LCL04515 - Epistemologia e Filosofia da Ciência

Ementa: Introdução geral à Epistemologia: natureza, objetivos, questões, correntes e algumas controvérsias; relações entre Filosofia e Ciência: método e ethos; introdução à Filosofia da Ciência: natureza, objetivos, breve histórico, questões, correntes e algumas controvérsias; Nexos entre filosofia, história e sociologia da ciência; relações entre ciência e valores, ciência e sociedade.

Bibliografia básica:

MOSER, P; MULDER, D; TROUT, J.D. Teoria do Conhecimento: uma Introdução Temática. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004
 SEIFERT, Paulo A. Filosofia das Ciências Sociais. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2018.
 TERRA, W. R; TERRA, R.R. Filosofia da Ciência: Fundamentos Históricos, Metodológicos, Cognitivos e Institucionais. São Paulo: Ed. Contexto.
 VIDEIRA, A. A. P. (Org.) Perspectivas contemporâneas em Filosofia da Ciência. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

LCL04516 – Filosofia da Inteligência Artificial

Ementa: Definição e histórico da IA; bases filosóficas (ontologia, lógica, epistemologia, ética e filosofia moral) e neurocognitivas da mente e linguagem; avanços, limitações perigos e consequências da IA; axiologia; perspectivas futuras.

Bibliografia básica:

BODEN, M. (2016). AI: Its Nature and Future.
 BUCKNER, C.J. (2023). From Deep Learning to Rational Machines: What the History of Philosophy Can Teach Us about the Future of Artificial Intelligence.
 DUBBER, M.D., ET AL. (2020). The Oxford Handbook of Ethics of AI.
 FRANKISH, K. & RAMSEY, W.M. (2023). The Cambridge Handbook of Artificial Intelligence.
 HAUGELAND, J. ET AL. (2023). Mind Design III: Philosophy, Psychology, and Artificial Intelligence.

LCL04519 - Tópicos Especiais em Psicologia: Noções Teóricas e Práticas de Análise do Comportamento

Ementa: A disciplina abordará o estudo histórico e conceitual da Análise do Comportamento, a partir da perspectiva teórica proposta pelo Behaviorismo Radical, abordagem dos conceitos estruturantes: análise experimental do comportamento (AEC), análise aplicada do comportamento (ABA), comportamentos operante e respondentes, comportamento social, compreensões comportamentais da linguagem, e constituição da subjetividade.

Bibliografia básica:

ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N.; SERIO, T. M. Comportamento e Causalidade. PUC-SP, 2009.
 BARROS, R. S. Uma introdução ao comportamento verbal. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, vol. V, no. 1, p. 73-82, 2003.
 BAUM, W. M. Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
 BORGES, N. B. “Controle de estímulos e comportamento operante: uma introdução”: de Tereza M. A. P. Sérgio, Maria Amália Andery, Paula S. Gioia e Nilza Micheletto - São Paulo: EDUC, 2002.
 Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 83–84, 2003.
 CATANIA, A. C. Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GUIMARÃES, R. P. Deixando o preconceito de lado e entendendo o Behaviorismo Radical. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23 (3), 60-67, 2003.

HOLLAND, J. G.; SKINNER, B. F. *A Análise do Comportamento*. São Paulo: Herder, 1975.

HÜBNER, M. M. C.; MOREIRA, M. B. *Fundamentos de Psicologia: temas clássicos de psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

HUNZIKER, Maria Helena Leite. Afinal, o que é controle aversivo?. *Acta comport.* [online], vol.19, n.4, pp. 9-19, 2011.

MIGUEL, C. O conceito de operações estabelecedoras na análise do comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 16, no. 3, p.259-267, 2000.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. de. *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NETO, M. B. C. Análise do Comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, vol. 6, no. 1, p.13-18, 2002.

SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. *Comportamento Social, Produção Agregada e Prática Cultural: Uma Análise Comportamental de Fenômenos Sociais*. *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 26, n. 1, p. 183-192, 2010.

SAMPAIO, A. A. S. Skinner: sobre ciência e comportamento humano / Skinner: on science and human behavior. *Psicologia: Ciência e Profissão*, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 370–383, 2005.

SKINNER, B.F. Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, vol. IX, n. 1, p. 129-137, 2007.

SKINNER, B.F. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2003

LCL04520 – Identidade Pessoal e Motivação para a Ação

Ementa: O problema da identidade pessoal e seu entrelaçamento com o problema da motivação para a ação. Internalismo e externalismo motivacional. Abordagens da identidade pessoal: dualismo substancial e a vinculação da identidade à alma; a abordagem (neo)lockeana e a vinculação da identidade à memória; o animalismo e a vinculação da identidade ao organismo vivo; o cerebralismo e vinculação da identidade à continuidade funcional do cérebro; a abordagem motora e a vinculação da identidade aos hábitos motores; a perspectiva social e a vinculação da identidade à comunidade; a abordagem narrativa e a vinculação da identidade à linguagem; a abordagem externalista e a vinculação da identidade ao ambiente externo; a abordagem ecológica e a vinculação da identidade à percepção ativa.

Bibliografia básica:

BISSOLI, Ana P. T.; BROENS, Mariana C. Hábitos motores e identidade pessoal. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. Acessível em: <<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-082-2>>

BRANQUINHO, João. Identidade. In: SANTOS, R.; GALVÃO, P. (Ed.) *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2020. Acessível em <<https://doi.org/10.51427/cfi.2021.0084>>

BROENS, Mariana C.; MILIDONI, Carmen B. (Org.) *Sujeito e identidade pessoal: estudos em filosofia da mente*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. Acessível em <<http://doi.org/10.36311/2003.85-7139-518-7>>

GALVÃO, Pedro. Identidade pessoal. In: BRANQUINHO, J.; SANTOS, R. (Ed.) *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. Acessível em <<https://doi.org/10.51427/cfi.2021.0044>>

GALVÃO, Pedro. Motivação moral. In: SANTOS, R.; GALVÃO, P. (Ed.) *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2022. Acessível em <<https://doi.org/10.51427/cfi.2021.0094>>

Outras referências podem ser acrescentadas ao longo do curso.

LCL04521 - Letramento Acadêmico: Introdução às Práticas de Leitura e de Escrita na Universidade

Ementa: Letramento Acadêmico: breve histórico e conceitos fundamentais. A prática da leitura e da escrita no âmbito da universidade. Letramento acadêmico e gêneros textuais/discursivos da esfera acadêmica. Dimensões intrassubjetivas e intersubjetivas dos atos de ler e de escrever. Implicações entre práticas de leitura e de produção de gêneros textuais na universidade. Vivência de interações acadêmicas mediadas pela prática da produção dos seguintes gêneros acadêmicos: fichamento, resumo, resenha, seminário, projeto de pesquisa e artigo científico.

Bibliografia básica:

ANTUNES, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. – São Paulo: Parábola editorial, 2010.
ANTUNES, Irandé. Lutar com palavras: coesão e coerência. – São Paulo: Parábola editorial, 2005.
COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.
FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. Escrever na universidade: fundamentos. 1.ed.: São Paulo: Parábola, 2019.
FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e coerência textuais.. 11. ed. São Paulo, SP: Ática, 2007 104 p. (Série princípios, 206)
GARCIA, Othon Moacyr. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. – 27.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2.ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.
MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Planejar gêneros acadêmicos. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
SANTOS, Paula Aparecida Diniz Gomides Castro; MACEDO, Maria Do Socorro Alencar Nunes. Letramento acadêmico de estudantes estrangeiros: múltiplos desafios, múltiplas estratégias. Roteiro, Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/24410/16075>. Acesso: nov.2024.
SOARES, Magda. Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In: MOREIRA, A. F, SOARES, Magda, FOLLARI, Roberto A. & GARCIA, Regina Leite. Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2001.
TERRA, Ernani. Da leitura literária à produção de textos. São Paulo: Contexto, 2018.
VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LCL04522 - Tópicos Especiais em Filosofia: O Estudo na Universidade

Ementa: Familiarizar a/o estudante com hábitos, habilidades e valores intelectuais do exercício do pensamento crítico, reflexivo e questionador distintivos da Filosofia e, logo, do modo próprio de se estudar na universidade. Introdução básica à análise da argumentação.

Bibliografia básica:

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. Filosofia: textos fundamentais comentados. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo. “Taxonomiade Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais”. Gest. Prod., São Carlos, n. 2, p.421-431, 2010.
MURCHO, D. Epistemologia da Argumentação. Pensar outra vez: Filosofia, Valor e Verdade. Vila Nova de Famalicão, Pt, 2005, Cap.7, pp. 93-108.
NOLT, John, ROHATYN, Dennis. Lógica. São Paulo: McGraw-Hill, 1991 (Coleção Schaum).

LCL04536 - Tópicos em Filosofia da Linguagem

Ementa: Significado como uso. Os jogos de linguagem e sua relação com as formas de vida. Wittgenstein e o assim chamado "pragmatic turn". A comparação das palavras com ferramentas e com peças de um jogo como o xadrez. Possibilidade ou impossibilidade de uma linguagem privada.

Bibliografia básica:

Esteves, J. "Como aprendemos o é que dor? Uma Análise Crítica do §244 das Investigações Filosóficas de Wittgenstein". Manuscrito – Rev. Int. Fil., Campinas, v. 29, n. 2, pp. 479-498, jul.-dez. 2006.

Tugendhat, E. "Wittgenstein I: A Impossibilidade de uma Linguagem Privada". Trad. Plínio Smith. Novos Estudos CEBRAP Nº 32, março 1992, pp. 47-63"

_____. "Wittgenstein II: A Saída da Campânula". Trad. Plínio Smith. Novos Estudos CEBRAP Nº 32, março 1992,

LCL045001 - T.E.F - a Questão da Subjetividade no Mundo Contemporâneo: Implicações na Arte, Cultura, Tecnologia e Política

Ementa: A questão da subjetividade na arte, cultura, tecnologia e política contemporâneas (séculos XX e XXI) segundo Marcuse e Guattari; o conceito de "sensibilidade estética" segundo a teoria neoliberal e a marxista vulgar de subjetividade (Marcuse); os padrões de produção e consumo da sociedade tecnológica: ameaça à liberdade do indivíduo e à formação de uma subjetividade transformadora e emancipatória (Marcuse); o simulacro de liberdade individual do pensamento neoliberal: "livre exploração", "voluntária aceitação da submissão" e culto ao individualismo e ao "mérito pessoal" (Marcuse); a depreciação da subjetividade pelo marxismo vulgar: a base material da sociedade como a "verdadeira realidade" e a desvalorização das "forças imateriais" da consciência individual (estrutura psíquica, interioridade, inconsciente, emoções e imaginação) (Marcuse); a obra de arte na era da inteligência artificial: problematização ética e crítica aos conceitos tradicionais de "originalidade", "criação" e "genialidade"; a dependência dos conteúdos da subjetividade contemporânea frente aos sistemas maquínicos ("assistência por computador"), que nada mais são que formas hiperdesenvolvidas de certos aspectos da própria subjetividade, que desconhecem relações de dominação e poder; os diversos sistemas maquínicos (técnico, biológico, semiótico, lógico, abstrato) enquanto processos proto-subjetivos ou "subjetividade modular" (Guattari); as subjetividades arcaicas, pré-capitalistas e contemporâneas como produtos de máquinas iniciáticas (sociais, retóricas, embutidas nas instituições clônicas, religiosas, militares, corporativistas etc.), ou seja, "equipamentos coletivos de subjetivação" (Guattari); o entrelaçamento dos "equipamentos coletivos de subjetivação" como base dos processos de subjetivação das sociedades ocidentais contemporâneas; as atuais máquinas informacionais/comunicacionais como origem de novos agenciamentos de enunciação (individuais e/ou coletivos).

Bibliografia básica:

Guattari, F. – Da produção de subjetividade. In: Imagem-máquina. A era das tecnologias do virtual. RJ: Editora 34, 1993.

Marcuse, H. – A dimensão estética. Trad. Portuguesa: Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. – Um ensaio sobre a libertação. Tradução Humberto do Amaral, SP: Editora Filosófica Politeia, 2024.

_____. – O homem unidimensional. Tradução Roberpierre de Oliveira et al. SP: Edipro, 2015.

LES045002 - Introdução Filosófica às Políticas Públicas Baseadas em Evidências

Ementa: Introdução à abordagem das PPBE a partir de seus pressupostos filosóficos. Estudos em epistemologia, filosofia da ciência, ética e política a partir dos objetivos, características, conceitos e vertentes teórico-metodológicas das PPBE. Modelo de análise filosófica do conceito de Evidência. Relações entre Ciência e Democracia, e entre esferas Política, Técnica, Burocrática e o Mercado na tomada de decisões no ciclo de políticas públicas.

Bibliografia básica:

KOGA, Natália Massaco et al. Políticas públicas e usos de evidências no Brasil: conceitos, métodos, contextos e práticas. Brasília: IPEA, 2022.
PINHEIRO, Maurício Mota Saboya. Políticas públicas baseadas em evidências (PPBEs): delimitando o problema conceitual. Brasília : Rio de Janeiro : Ipea, 2020.
SEIFERT, Paulo A. Filosofia das Ciências Sociais. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2018.
TERRA, W. R; TERRA, R.R. Filosofia da Ciência: Fundamentos Históricos, Metodológicos, Cognitivos e Institucionais. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

LCL045003 – Tópicos Especiais em Filosofia: Introdução à Filosofia da Ciência (I)

Ementa: A disciplina tem com objetivo levar o aluno a refletir sobre a produção de conhecimento da ciência, seus aspectos metodológicos, epistemológicos e éticos. Para tal, trabalharemos conceitos da filosofia da ciência, tais como o de critério de demarcação entre ciência e não ciência, bem como a construção histórica em torno do status epistemológico da ciência com modelo de racionalidade. Além disto, veremos as principais correntes, da filosofia da ciência que, ao longo do século XX, tentaram estabelecer critérios lógicos e metodológicos para definição do que seja a atividade científica. Por fim, trabalharemos aspectos ligados entre a produção de conhecimento científico e a sociedade, o que envolve princípios éticos e de responsabilidade social.

Bibliografia básica:

CHALMERS, A. O que é a ciência afinal?
_____. a fabricação da ciência.
GIL, F. (Org.). A ciência tal qual se faz. Tradução de Paulo Tunhas. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1999.
MARICONDA, P. R. Pode-se acreditar na ciência? Jornal de Resenhas, 14, 1996.
REIS, V. M. S. Qual é o valor do conhecimento? O ethos científico e a privatização do conhecimento. In: Martins, R. de A; Lewowicz, L.; Ferreira, J. M. H.; Silva, C. C da & Martins, L. A. P. (Org.). Filosofia e história da ciência no Cone Sul. Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul, 2010. p. 626-38.
VIDEIRA, A.A.P. (Org.) Perspectivas Contemporâneas em Filosofia da Ciência. 1ed.Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
ZIMAN, J. Conhecimento público: a dimensão social da ciência. Tradução R. R. Junqueira. São Paulo: Edusp, 1979 [1968]. (capítulos escolhidos).

LCL046001 – Tópicos Especiais em Filosofia: Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia (I)

Ementa: John Ziman foi professor nas Universidades de Cambridge e Bristol e um dos precursores do Science Studies, ou estudos sociais de ciência, tecnologia e sociedade (CTS). Esta perspectiva teórica, que surgiu nos anos de 1960, estuda a ciência como produtora de conhecimento levando em conta análises históricas, políticas, econômicas, dentre outras. Ziman, preocupou com questões epistemológicas, ligadas à elaboração e justificação de hipóteses científicas, que para ele deveriam ser guiadas pelos princípios da “consensibilidade” e “consensualidade”, isto é, pela produção de um conhecimento inteligível e que almeje o consenso dos pares. Além disto, investigou as transformações ocorridas no modo de produção da ciência, a partir de 1980, o qual denominou de “pós-acadêmico”, referindo-se a incorporação de um ethos (normas de conduta) gerenciais em toda a estrutura de pesquisa na Universidade, inclusive na forma como os cientistas produzem conhecimento e são avaliados. Algumas das consequências da “ciência pós-acadêmica” são: a alteração na noção de conhecimento, que passa a ser visto meramente como instrumental e aplicado; diminuição (ou perda)

da autonomia do cientista para propor problemas, gerir sua pesquisa e publicar os dados, sobretudo quando financiados por empresas; produtivismo acadêmico e alteração no papel da Universidade. Ziman não esteve sozinho ao pensar as transformações científicas de seu tempo. Diversos sociólogos, filósofos da ciência e pesquisadores do CTS também o fizeram. Sendo assim, investigaremos temas de relevância para os estudos sociais da ciência, a partir da obra do físico e filósofo da ciência John Michael Ziman, tais como: conhecimento público; ethos da ciência; ciência pós-acadêmica; política científica; consequência dos avanços tecnológicos; ensino de ciências; consensibilidade; consensualidade e responsabilidade social da ciência.

Bibliografia básica:

- REIS, V. M. S.. John Ziman: Um Físico em uma Ciência Pós-Acadêmica. In: KERBAUY, M. T.; HAYASHI, M. C. P. I.; RIGOLIN, C. C.. (Org.). Contribuições da Sociologia da Ciência para o Campo CTS. 1ed.Campinas: Átomo/Alínea, 2014, v. , p. 209-238.
- Vara, A. M. (2006). An insider's view on science and society. Re-reading John Ziman JCOM 5(04), C03.
<https://doi.org/10.22323/2.05040303>
- _____. A Lenda Cognitiva na Filosofia da Ciência Segundo John Michael Ziman. In: Antonio Augusto Passos Videira. (Org.). Perspectivas Contemporâneas em Filosofia da Ciência. 1ed.Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, v. , p. 100-.
- _____. Qual é o valor do conhecimento?: o ethos científico e a privatização do conhecimento. In: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2010, Montevideo. 6º Encontro da Associação de Filosofia e História da Ciência no Cone Sul, 2010, Montevideo. Filosofia e História da Ciência no Cone Sul - Seleção de Trabalhos do 6º Encontro. Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2010. v. 1. p. 626-638.
- _____. O Retorno ao Ethos Mertoniano na Ciência Pós-Acadêmica de John Ziman. Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade, v. 2, p. 194-210, 2011.
- Reis, V. M. S. dos ., & Videira, A. A. P.. (2013). John Ziman e a ciência pós-acadêmica: consensibilidade, consensualidade e confiabilidade. *Scientiae Studia*, 11(3), 583–611. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662013000300007>
- Ziman, J. Conhecimento público: a dimensão social da ciência. Tradução R. R. Junqueira. São Paulo: Edusp, 1979 [1968].
- _____. Teaching and learning about science and society. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. (capítulos escolhidos)
- _____. A força do conhecimento: a dimensão científica da sociedade. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981b [1977]. (capítulos escolhidos)
- _____. Social-responsibility of scientists. *Interciencia*, 7, p. 265-72, 1982.
- _____. An introduction to science studies: the philosophical and social aspects of science and technology. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. (capítulos escolhidos)
- _____. O conhecimento confiável: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. Campinas: Papirus, 1996a [1978]. (capítulos escolhidos)
- _____. Is science losing its objectivity? *Nature*, 382, p. 751-4, 1996b.
- _____. Postacademic science: constructing knowledge with networks and norms. *Science Studies*, 9, 1, p. 67-80, 1996c.
- _____. Why must scientists become more ethically sensitive than they used to be? *Science*, 282, p. 1813-4, 1998

LES04510 - Tópicos Especiais em Política: Partidarismo e Comportamento Político

Ementa:

- Porque os brasileiros não confiam nos partidos políticos.
- Crise de representação política, surgimento da antipolítica e movimentos apartidários no Brasil.
- O apartidarismo dos protestos populares no Brasil e os deslocamentos de sentido de representação política.
- Sentimentos anti partidários e seus determinantes na América Latina.
- Partidarismo no Brasil: análise atitudinal dos condicionantes da identificação partidária.
- Comportamento eleitoral e tipologia da ação social: considerações sobre a tese do apartidarismo norte americano.
- Bases sociais, atitudinais e comportamento do apartidarismo brasileiro.
- Apartidarismo e racionalidade: a relação entre os novos eleitores independentes e os partidos políticos sob a perspectiva da mobilização cognitiva.
- Adesão à democracia: uma revisão literária das hipóteses presentes na cultura política e apartidarismo na América Latina.
- Repensando as dimensões do apartidarismo brasileiro: uma análise das bases sociais, atitudinais e comportamentais do eleitorado.
- Antipartidarismo: entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia, tolerância política e a evolução dos estudos antipartidarismo no Brasil.
- Comportamento e atitudes dos eleitores não partidários nas eleições presidenciais no Brasil.

Bibliografia básica:

- BAQUERO, M.; DE FREITAS LINHARES, B. Por que os brasileiros não confiam nos partidos? Bases para compreender a cultura política (anti) partidária e possíveis saídas. *Revista Debates*, v. 5, n. 1, p. 89–89, 2011.
- BAQUERO, M.; VASCONCELOS, C. DE. Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos apartidarismo no Brasil. *Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política-COMPOLÍTICA. Anais...*2013.
- BORBA, J.; GIMENES, É. R.; RIBEIRO, E. A. BASES SOCIAIS, ATITUDINAIS E COMPORTAMENTAIS DO APARTIDARISMO BRASILEIRO1. *Novos estudos CEBRAP*, p. 27–55, 2015.
- BORBA, J. et al. Indiferenciação e alienação partidária no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 105–137, 2018.
- BORGES, A.; VIDIGAL, R. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, v. 24, p. 53–89, 2018.
- CHELIDONOPOULOS, L. B. A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DO ANTIPARTIDARISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DESCRITIVA. *Revista Textos Graduated*, v. 8, n. 1, p. 88–101, 2022.
- DE OLIVEIRA ARAÚJO, R.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. *Estudos de Sociologia*, v. 26, n. 50, 2021.
- BAQUERO, M.; DE FREITAS LINHARES, B. Por que os brasileiros não confiam nos partidos? Bases para compreender a cultura política (anti) partidária e possíveis saídas. *Revista Debates*, v. 5, n. 1, p. 89–89, 2011.
- BAQUERO, M.; VASCONCELOS, C. DE. Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos apartidarismo no Brasil. *Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política-COMPOLÍTICA. Anais...*2013.
- BORBA, J.; GIMENES, É. R.; RIBEIRO, E. A. BASES SOCIAIS, ATITUDINAIS E COMPORTAMENTAIS DO APARTIDARISMO BRASILEIRO1. *Novos estudos CEBRAP*, p. 27–55, 2015.
- BORBA, J. et al. Indiferenciação e alienação partidária no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 105–137, 2018.
- BORGES, A.; VIDIGAL, R. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, v. 24, p. 53–89, 2018.
- CHELIDONOPOULOS, L. B. A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DO ANTIPARTIDARISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DESCRITIVA. *Revista Textos Graduated*, v. 8, n. 1, p. 88–101, 2022.
- DE OLIVEIRA ARAÚJO, R.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. *Estudos de Sociologia*, v. 26, n. 50, 2021.
- DIAS, A. K. M. Sentimentos antipartidários e seus determinantes na América Latina em 2012. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, v. 27, n. 2, 2018.

FAETI, F. V.; GIMENES, É. R.; DA ROCHA, D. L. DA R. Repensando as dimensões do apartidarismo brasileiro: uma análise das bases sociais, atitudinais e comportamentais do eleitorado. II Seminário Discente de Ciência Política da UFPR (SDCP). Anais...2021.

FERREIRA, N. T. O apartidarismo dos protestos populares no Brasil e os deslocamentos de sentidos de representação política. 2014.

FUKS, M.; RIBEIRO, E.; BORBA, J. Antipartidarismo e tolerância política no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, v. 28, 2021.

GIMENES, É. R. COMPORTAMENTO ELEITORAL E TIPOLOGIA DA AÇÃO SOCIAL WEBERIANA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TESE DO APARTIDARISMO NORTE-AMERICANO1. PhD Thesis—[s.l.] Tese. Florianópolis, 2014.

GIMENES, É. R.; BORBA, J. Adesão à democracia e apartidarismo na América Latina: análise multidimensional. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, p. 167–183, 2019.

GIMENES, É. R. et al. Partidarismo no Brasil: Análise longitudinal dos condicionantes da identificação partidária (2002-2014). *Revista Debates*, v. 10, n. 2, p. 121–148, 2016.

GIMENES, E. Apartidarismo e racionalidade: a relação entre os novos eleitores independentes e os partidos políticos sob a perspectiva da mobilização cognitiva. *Revista Política & Sociedade*, 2015.

JAEGER, R. L. M.; BRAGA, M. DO S. S.; CASALECCHI, G. Á. Comportamento e atitudes dos eleitores apartidários nas eleições presidenciais. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, v. 20, n. 01, p. 10–27, 2023.

LAZZARI, E. A. Adesão à democracia: uma revisão literária das hipóteses presentes na cultura política. *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 79, p. 57–82, 2015.

SAMUELS, D.; ZUCCO, C. Partisans, anti-partisans, and voter behavior 1. *Routledge handbook of Brazilian politics*, p. 269–290, 2018.

LES04563 - Tópicos Especiais em História: Temas do Brasil Colônia e Império

Ementa: Conhecer e analisar os temas específicos contextos, sujeitos e processos constitutivos das estruturas históricas dos tempos do Brasil Colônia e Brasil Império de acordo com as teorias de construção das Américas.

Bibliografia básica:

CARDOSO, Ciro Flamarion. *La Guyane française (1715-1817). Aspects économiques et sociaux. Contribution à l'étude des sociétés esclavagistes d'Amérique*. Petit-Bourg/Guadeloupe, Ibis Rouge Editions, 1999.

CARVALHO, José Murilo; NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das (org.). *Repensando o Brasil do Oitocentos. Cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CARVALHO, José Murilo. “Escravidão e razão nacional”. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, vol. 31, núm. 3 (1988), p.287-308.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EdUsp, 2006.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (1997)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

FRAGOSO, João. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia. Rio de Janeiro, c. 1790-1830*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2010.

GOMES, Flávio dos Santos. *A Hidra e os Pântanos*. São Paulo: UNESP, 2005.

GOENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Perseu Abramo, 2016.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra (1986)*. São Paulo: Hucited, 1990.

MATTOS, Hebe. *Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MENDONÇA, Sonia Regina. *Estado e Economia no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

SAMUELS, David. *A evolução do petismo, Opinião pública*, v.14, n.2, 2008.

SKIDMORE, Thomas. *Uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *Brasil, em direção ao século XXI*. Em: LINHARES, Maria Yedda (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, p.385-445.

VAINFAS, Ronaldo (org.) *América em Tempo de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LES045001 - Tópicos Especiais em História: Escritas da História – Vida Privada, Gênero e Sexualidade

Ementa: A escrita da História, entre o público e o privado, e outras provocações para a historiografia; Gênero e sexualidade como categorias de análise histórica; gênero, sexualidade e relações de poder e a constituição de campos de estudo específicos; movimentos sociais, luta por direitos e reconfigurações epistêmicas.

Bibliografia básica:

- BILGE, Sirma. Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. *Revista Feminismos*, v. 8, n. 3, set.-dez. 2018, pp. 67-82
- BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica da um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329–376, 2006.
- BURKE, Peter (org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Desfazendo gênero. São Paulo: Editora da Unesp, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais: uma perspectiva global. Tradução de Ana Maria B. F. de Andrade. São Paulo: nVersos, 2013.
- CORREIA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil”. In: Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1993.
- COSTA, Claudia de Lima. Feminismos descoloniais para além do humano. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, set.-dez. / 2014, pp. 929-934.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero. 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, 1º sem. 2002, pp. 171-188.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano”. In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 39-53.
- DURHAM, Eunice. “Família e Reprodução Humana”. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher* n.3, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (orgs.). Direitos em disputa: LGBTQI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2020.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-250.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, Tradução de Magda Lopes, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminino afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020
- GREGORI, Maria Filomena. Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.
- HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, pp. 201-246, 2004. 4.
- HOLANDA, Heloísa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. Tendências e Impasses: feminismo como crítica da cultura, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- LAQUEUR, T. “Da linguagem e da carne”. In: _____. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 13-40.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MacCLINTOCK, Anne. *Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. New York: Routledge, 1995.

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1999.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, June 2011.

PEDRO, Joana Maria; FREITAS, Idalina Maria Almeida de; VERAS, Elias Ferreira. Diálogos (im)pertinentes: as categorias gênero, sexualidade, raça e classe na historiografia brasileira contemporânea. In: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (Orgs.). *Coleção história do tempo presente*. Vol. 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, pp. 95-111.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia (orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.

RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n.11, p.89-98, 1998.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, Natal, n5, 2010 (pgs 17-44) 2.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço; VERA, Elias Ferreira; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *Clio sai do armário: historiografia queer*. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.) *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, p.63-96.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade e Movimento LGBT: estigma, diversidade, cidadania. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moitz. *Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (pgs 234- 245).

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, n. 11, 2013, pp. 77-87.

SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.). *História e teoria queer*. Salvador/BA: Devires, 2018.

SRATHERN, Marilyn. "Necessidades de pais, Necessidades de Mães". In: *Estudos Feministas*, IFCS/UFRRJ – PPCIS/UERJ, vol.3, n.2/1995.

THORNE, Barrie; YALOM, Marilyn (org.). *Rethinking the family, some feminist questions*, Boston: Northeastern University Press, 1992.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.

VIDARTE, Paco. *Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. São Paulo: N-1, 2019.

LES045002 - Tópicos Especiais em História – História do Capitalismo

Ementa:

O curso visa apresentar as principais temáticas e questões relacionadas ao desenvolvimento econômico global, entre o século XVIII e as primeiras décadas do século XX, com ênfase no desenvolvimento do capitalismo no Ocidente, quais sejam:

- Oriente, Ocidente e a “grande divergência”;
- a Grã-Bretanha e a revolução industrial;
- a crise dos anos 1840 e a Revolução de 1848;
- a expansão do capital após 1850;
- a industrialização europeia tardia;
- a crise de 1873 e a primeira Grande Depressão;
- a Belle “Époque”, a Divisão Internacional do Trabalho e o apogeu do capitalismo europeu;
- a Primeira Guerra Mundial e o declínio europeu;
- a década de 1920 e a ascensão econômica dos Estados Unidos;
- a crise de 1929 e a Grande Depressão dos anos 1930;
- a Segunda Guerra Mundial e o início da hegemonia estado-unidense.

Bibliografia básica:

- ARRIGHI, G. O Longo século XX. São Paulo: UNESP, 1996.
- BEAUD, M. História do Capitalismo: de 1500 até aos nossos dias. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BROWN, M. B. A Economia Política do Imperialismo. Trad. Ney Kruel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978
- CHANG, Ha-Joon. Chutando a Escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- HOBBSBAWM, E. J. Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- HOBBSBAWM, E. J. A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991. São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- HOBBSBAWN, E. J. A Era dos Impérios (1875-1914). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSBAWN, E. J. A Era do Capital (1848-1875). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOLTON, R. J. Economia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- KEMP, T. A Revolução Industrial na Europa do Século XIX. Lisboa: Edições 70, 1987.
- KINDLEBERGER, C. P. Manias, Pânicos e Crashes: um histórico das crises financeiras. São Paulo: Ed. Saraiva, 2012.
- LANDES, D. Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1750 até a nossa época. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- MARIUTTI, E. B. Colonialismo, imperialismo e o desenvolvimento econômico europeu. São Paulo: Hucitec, 2009.
- POMMERANZ, K. A Grande Divergência: China, Europa e a construção a economia mundial moderna. Lisboa: Edições 70, 2013.
- THOMPSON, Edward P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LEA04542 - T. E. Geografia: Geografia Agrária

Ementa: Com a disciplina Geografia Agrária objetivamos analisar os processos e as relações entre a cidade e o campo ao longo da história, redefinindo-os em concomitâncias pelas conjunturas sociais e econômicas, bem como por sucessivas reestruturações produtivas com seus respectivos impactos no ordenamento territorial e ambiental, no Brasil e no mundo. Os alunos serão estimulados à leitura de clássicos da questão agrária que transpõem os limites da Geografia, da Agronomia e das Ciências Sociais, permitindo o diálogo entre essas áreas durante as aulas do semestre.

Temáticas e conceitos geográficos, métodos e "ferramentas" de pesquisa subsidiarão a realização dos estudos sobre a multiplicidade morfológica das paisagens dos sistemas agropastoris, a diversidade do espaço agrário e os seus fatores ecológicos, modificados a partir da evolução do meio técnico - científico. Assim, teremos uma dimensão ampla (geral), dinâmica e atualizada do desenvolvimento rural.

A renda da terra e a luta pelo seu uso receberão atenção especial como elementos fundamentais para a compreensão da estrutura fundiária / formação do território no país. Leis e políticas públicas (patrimonialistas), a expansão do grande capital na fronteira agrícola, associada aos complexos agro-industriais (ou corporações em rede), e as relações de trabalho no campo darão lume à realidade da Reforma Agrária brasileira, defrontando-nos com a fome, o desemprego e a exclusão social, tanto no campo quanto na cidade.

À ressignificação rural-urbana, abordaremos os motes referentes às interpenetrações produtivas sem negligenciar a reafirmação cultural dos "povos da terra" como manifestação de resistência, mormente organizada pelos movimentos sociais que contrapõem o sistema vigente. Aspira-se outra racionalidade na produção; reivindica-se a educação do campo para fortalecer as identidades territoriais; trata-se da agroecologia e da vida. As publicações a respeito da Geografia Agrária do nosso estado reforçarão as aulas teóricas com exemplos.

Buscaremos exercitar nesta disciplina o tripé ensino, pesquisa e extensão, dando oportunidade ao corpo discente de conhecer projetos de outros professores, os "domínios" rurais do Norte Fluminense e as demandas trabalhadas por educadores do campo, reunindo as razões teóricas com as experimentações empíricas.

Bibliografia básica:

- ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo, Rio, Campinas: HUCITEC-ANPOCS-UNICAMP, 1992.
- ANJOS, F. S. Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil. Pelotas: UFPEL, 2003.
- CARNEIRO, M. J. Do rural e do urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade. II Seminário sobre o rural brasileiro. Campinas, 2001.
- CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J. G. & STOLKE, V. (ORG.). A Questão Agrária. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FERNANDES, B. M. MST - Formação e territorialização; São Paulo: HUCITEC, 1996.
- FREYRE, G. Rurbanização: o que é? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1982.
- GEORGE, P. Geografia agrícola do mundo. São Paulo: Difel, 1978.
- GIULIANI, G. Neo-ruralismo: o novo estudo dos velhos modelos. RBCS. Out/90. pp. 59-67.
- GRAZIANO DA SILVA, José. O que é questão agrária. 17ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. A nova dinâmica da agricultura brasileira. Campinas: UNICAMP. IE, 1996.
- _____. O novo rural brasileiro. Nova Economia. BH, v.7, n.1, maio de 1997, pp.43-81.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936.
- KAUTSKY, K. A questão agrária. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- MOREIRA, R. Formação do espaço agrário brasileiro; São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, A. U. Modo de produção capitalista, agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH, 2007.
- PRADO JÚNIOR, C. A questão agrária no Brasil. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. 3ª reimpressão da 23ª edição de 1994. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RANGEL, I. Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil; prefácio e organização de José Graziano da Silva. 2ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- RUA, João. Urbanização nas áreas rurais do estado do Rio de Janeiro. In: MARAFON, G. J. & RIBEIRO, M. F. (ORG.). Estudos da Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Infobook Ltda, 2002.
- _____. Globalização, desenvolvimento e espaço rural - Algumas reflexões sobre o estado do Rio de Janeiro. GEOUERJ - Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, nº 14, pp.19 - 30, 2º semestre de 2003.
- SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 11ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SCHENEIDER, S. A. Pluriatividade na agricultura familiar. 1ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- STÉDILE, J. P. (ORG.). A questão agrária no Brasil: o debate tradicional 15000-1960. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- VALVERDE, O. Geografia agrária do Brasil. Rio de Janeiro: CBPF/INEP/MEX, Rio de Janeiro, 1963.

GPP046001 - Introdução à Demografia

Ementa: Fontes de Dados Demográficos e socioeconômicos. Principais indicadores demográficos. Conceitos e medidas de natalidade e fecundidade. Conceitos e medidas de mortalidade. Tabela de Sobrevivência. As técnicas de padronização direta e indireta. Transição Demográfica. Envelhecimento Populacional. Conceitos e medidas de migração.

Bibliografia básica:

- Métodos demográficos: uma visão desde os países de língua portuguesa / Grupo de Foz -- São Paulo: Blucher, 2021.
- CUNHA, José M. P.; BAENINGER, Rosana. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 2., 1999, Ouro Preto. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 2000. p. 117-167.
- SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio. A. (Coord.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p.217-244.
- Nações Unidas. Manual VI: Métodos de medición de La migración interna. Nova York, 1972.
- Nações Unidas. Manual VI: Métodos de medición de La migración interna. Nova York, 1972.
- CAMARANO, A. A. e PASINATO, M.T. "O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas" in CAMARANO, A. A. Os Novos Idosos Brasileiros, muito além dos 60? IPEA, Rio de

Janeiro, Setembro, 2004 (Cap. 7 e 8).

MEDEIROS, M. (2005). A Importância de se conhecer melhor as famílias para a elaboração de políticas sociais na América Latina: Planejamento e Políticas Públicas, nº 22, Dez. 2000, p. 47-71.

GIAMBIAGI, F.; MENDONÇA, J.L.O.; BELTRÃO, K. I. e ARDEO, V.L. "Diagnóstico da Previdência Social no Brasil: O que foi feito e o que falta reformar? Texto para discussão nº 1050, IPEA, Rio de Janeiro, 2004.

BRITO, F e BAENIGER, R (orgs.). População e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais, Parte I. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008.

BRITO, Fausto. Transição Demográfica e desigualdades sociais no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2008.

CAMARGO, A. B. M. & SAAD, P. M. A transição demográfica no Brasil e seu impacto na estrutura etária da população. In: Fundação SEADE. O idoso na Grande São Paulo. São Paulo, 1990. p. 9-25.

CARVALHO, J.A.M e WONG, L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(3):597-605, mar, 2008.

CARVALHO, J.A.M. Crescimento Populacional e Estrutura Etária no Brasil. Texto para Discussão 227. Cedeplar/UFMG, 2004.

SIMÕES, Celso C. S. Perfis de saúde e de mortalidade no Brasil: uma análise de seus condicionantes em grupos populacionais específicos. Organização Pan Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Brasília, 2002.

DINIZ, J.E.A. A Transição da Fecundidade no Brasil entre 1960 e 2010. Artigo publicado no dia 21/11/2011 em Aparte Inclusão Social em Debate: <http://www.ie.ufrj.br/aparte/>

CAETANO, A.J. (2004). O declínio da fecundidade e suas implicações: uma introdução. In: CAETANO, A.J., ALVES, J.E.D. e CORRÊA, S. (Orgs.). Dez anos do Cairo: tendências da fecundidade e direitos reprodutivos no Brasil. Campinas: Abep e UNFPA, 2004, p. 11-19.

DINIZ, J.E.A. Transição da Fecundidade e Relações de Gênero. Cap.2: Abordagens teóricas sobre a transição da Fecundidade. Tese de Doutorado. CEDEPLAR/UFMG, 1994.

CARVALHO, SAWYER, Diana Oya & RODRIGUES, Roberto do Nascimento (1994). Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia: Belo Horizonte: Série Textos didáticos N. 1 ABEP, 1994. 63P. (ou Segunda Edição, 1998).

HAKKERT, R. Cs. d. 1996. Fontes de dados demográficos - ABEP. Série textos didáticos 3

ANEXO 2

CORPO DOCENTE DO CURSO E COLABORADORES

Professor	Laboratório	Titulação	Área de Atuação
Luciane Soares da Silva	LESCE	Doutorado em Sociologia e Antropologia / UFRJ	Racismo, pensamento social brasileiro e cultura urbana contemporânea.
Hamilton Garcia de Lima	LESCE	Doutorado em História Moderna e Contemporânea / UFF	Partidos e elites políticas; análise de conjuntura (coalizões, governos, crises e disputas); sistemas sociais de governo e suas formações histórico-nacionais.
Hugo Alberto Borsani Cardozo	LESCE	Doutorado em Ciência Política / IUPERJ	Instituições políticas; democracia e desempenho econômico; política latino-americana; política comparada, elites políticas, teoria democrática.
Lacir Jorge Soares	LESCE	Doutorado em Engenharia Elétrica / PUC-RJ	Metodologias quantitativas; sociometria; psicometria; econometria; análise de séries temporais; modelagem estatística; inovações tecnológicas; pesquisa operacional; técnicas de pesquisa.
Wania Amélia Belchior Mesquita	LESCE	Doutorado em Sociologia/ IUPERJ	Religiosidade, pentecostalismo, desigualdades sociais, juventude e sociabilidade.
Vitor de Moraes Peixoto	LESCE	Doutorado em Ciência Política / IUPERJ	Eleições; sistema político; financiamentos de campanhas; <i>accountability</i> , representação e estudos legislativos.
Marcos Antonio Pedlowski	LEEA	PhD em "Environmental Design and Planning", com reconhecimento como Doutor em Geografia pela UFRJ	Estudos Ambientais, Rurais, Urbanos e Regionais
Rodrigo da Costa Caetano	LEEA	Doutor em Geografia	Estado, Ordenamento Territorial, Patrimonialismo, Geografia da População, Agrária e Urbana, Cartografia Social e Educação
Marcelo Carlos Gantos	LEEA	Doutor em História	Cultura, Conhecimento, Políticas Sociais e História

Marlon Gomes Ney	LEEA	Doutor em Economia Aplicada	Economia Agrária, Economia dos Recursos Humanos, Economia Regional, Métodos Quantitativos em Economia
Simonne Teixeira	LEEA	PhD em Filosofia e Letras (História)	História, Arqueologia, Políticas Culturais e Patrimônio
Teresa de Jesus Peixoto Faria	LEEA	Doutora em Estudos Urbanos	Estudos Ambientais, Rurais, Urbanos e Regionais, Desigualdades e Políticas
Geraldo Márcio Timóteo	LEEA	Doutor em Sociologia	Sociologia do Trabalho, Sociedade, Pobreza e Desenvolvimento de Comunidades
Lilian Sagio Cezar	LEEA	Doutora em Antropologia Social	Antropologia Visual, Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, Memória, Populações Tradicionais e Políticas Culturais
Ricardo André Avelar da Nóbrega	LEEA	Doutor em Sociologia	Teoria Social, Sociologia do Trabalho, Sociologia Econômica e Desenvolvimento Regional
Leonardo Rogério Miguel	LCL	Doutorado em Filosofia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil. Ano de obtenção: 2011.	Grande área: Ciências Humanas Área: Filosofia / Subárea: Epistemologia/Especialidade: Filosofia da Ciência. Grande área: Ciências Humanas Área: Filosofia / Subárea: Epistemologia. Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação.
Paula Mousinho Martins	LCL	Doutorado em Filosofia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. Ano de obtenção: 1994.	Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: História da Filosofia/Especialidade: Fenomenologia. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Hermenêutica. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: ontologia.

			Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: História da Filosofia/Especialidade: Filosofia da Mente.
Julio Cesar Ramos Esteves	LCL	Doutorado em Filosofia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. com período sanduíche em University of Münster. Ano de obtenção: 1998.	Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Ética. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Filosofia Política. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: filosofia da linguagem.
Verusca Moss Simoes dos Reis	LCL	Doutorado em Filosofia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil. Ano de obtenção: 2010.	Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Epistemologia. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Filosofia da Ciência. Grande área: Ciências Humanas / Área: Sociologia / Subárea: Sociologia da Ciência. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Estudos de Ciência Tecnologia e Sociedade.
Carlos Eduardo Batista de Sousa	LCL	Doutorado em Filosofia da Mente. Universitaet Konstanz, UNI-KONSTANZ, Alemanha. Ano de obtenção: 2009.	Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Epistemologia e Filosofia da Ciência. Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: Filosofia da Neurociência e Neurofilosofia. Grande área: Ciências da Saúde / Área: Medicina / Subárea:

			Neurociência Cognitiva. Grande área: Ciências Exatas e da Terra / Área: Física / Subárea: Filosofia e História da Física. Grande área: Ciências Exatas e da Terra / Área: Física / Subárea: Teoria da Decisão e Racionalidade Prática.
Gabriela do Rosario Silva	LCL	Pós-Doutorado, Doutorado e Mestrado em Cognição e Linguagem; Graduação em: Licenciaturas em Pedagogia, em Letras, em Ciências Sociais e em Matemática; e Bacharelados em Matemática e em Direito (em andamento).	Letramento Acadêmico, Letramento Racial Crítico (LRC), Educação Antirracista, Linguística Crítica, Teorias Críticas do Discurso, Teoria Racial Crítica, Formação de Leitores, Formação de Professores, Direitos Humanos, Educação Inclusiva e Políticas Públicas, em especial, as Políticas de Ação Afirmativa aplicadas à Educação Básica e à Educação Superior.
César Fernando Meurer	LCL	Filosofia (Graduação, Mestrado, Doutorado)	Áreas de atuação: Filosofia analítica da linguagem; Teorias cognitivistas e pós-cognitivistas da linguagem e da mente; Filosofia da ciência; Filosofia do tempo.
Aline Melina Vaz	LCL	Bióloga e Psicóloga Mestrado e Doutorado em Psicobiologia	Psicologia, Psicologia Experimental, Análise do Comportamento: Cultura, Linguagem e Comportamento Simbólico, Psicologia Social Crítica, Psicologia da Aprendizagem, Neurociências, Avaliação Psicológica, Saúde Mental e Divulgação Científica.
Mauro Macedo Campos	LGPP	Doutorado em Ciência Política- Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Mestrado em Ciências Sociais- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil. Graduação em Ciências Econômicas - Centro Universitário Newton	Gestão Pública e Ciência Política, com ênfase em Políticas Públicas, Auditoria e Controle, Instituições Políticas; e Financiamento Partidário-Eleitoral.

		Paiva, NEWTON PAIVA, Brasil	
Roberto Dutra Torres Junior	LGPP	Doutorado em Sociologia - Humboldt-Universität Mestrado em Programa de Pós- Graduação em Políticas Sociais - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF, Brasil. Graduação em Ciências Sociais - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF, Brasil.	Gestão Pública e Sociologia , com ênfase em teoria social, sociologia da estratificação social, sociologia da religião, teoria do reconhecimento social, teoria da modernidade, teoria dos sistemas, sociologia da administração pública.
Colaborador Técnico	Laboratório	Titulação	Área de Atuação
PNS Paulo Sérgio Belchior Mesquita	LESCE	Mestrado em Engenharia de Produção / UENF	Indicadores Socioeconômicos; Estatística Multivariada.